

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO

**RASURAS LIGADAS À SEGMENTAÇÃO DE PALAVRAS NA ESCRITA  
INFANTIL**

MARINGÁ – PR  
2014

TATIANE HENRIQUE SOUSA MACHADO

**RASURAS LIGADAS À SEGMENTAÇÃO DE PALAVRAS NA ESCRITA  
INFANTIL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Cristiane Carneiro Capristano

MARINGÁ  
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)

M149r Machado, Tatiane Henrique Sousa  
Rasuras ligadas à segmentação de palavras na  
escrita infantil / Tatiane Henrique Sousa Machado. -  
- Maringá, 2014.  
112 f. : il. color., figs., grafs., tabs.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristiane Carneiro  
Capristano.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes,  
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

1. Oralidade. 2. Letramento. 3. Escrita -  
Segmentação gráfica - Rasuras. I. Capristano,  
Cristiane Carneiro, orient. II. Universidade  
Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas  
Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras.  
III. Título.

CDD 22.ed. 411

SOI-002051

*Não se trata da intencionalidade ou da realidade subjetiva, mas de um escritor preso nas malhas da escritura e do vir-a-ser que, a cada conclusão da rasura, passa o bastão como numa corrida, para a instância do autor e descobre-se não como uma intenção primeira, mas como porta-voz de um desejo desconhecido e de uma comunidade que até pode ser universal. Por outro lado, cada conclusão e cada ratificação de uma frase, de um parágrafo ou de um capítulo pelo autor, supõem o contato com o "texto-móvel", que pode sempre questionar o que foi feito (WILLEMART, 2002, p. 88).*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por conduzir minha vida para o melhor caminho, mesmo quando eu não compreendia os seus desígnios e pela proteção nas viagens;

À minha orientadora, professora Cristiane, que me acolheu, depositando em mim confiança e dedicando horas de sua vida para minha formação. Obrigada pela paciência e pela serenidade com a qual encaminhou nosso trabalho. Você é um exemplo a ser seguido.

À minha família, em especial, ao meu marido, Hermes, pelo estímulo, pela força, por ser meu porto seguro e por não medir esforços para que eu atingisse esse sonho. Obrigada por sonhar e realizar esse sonho comigo.

Ao professor Chacon que desde o primeiro contato em Rio Preto, no início do mestrado, até o último, no exame de qualificação, dividiu seus conhecimentos de uma forma didática e muito atenciosa;

Ao professor Edson Romualdo, por aceitar o convite para contribuir com meu trabalho, ajudando-me nos rumos desta pesquisa.

À Giordana, pela leitura atenciosa e pela amizade que ganhei nesse último ano de pesquisa. Obrigada por aceitar dividir minha ansiedade contigo.

À minha amiga, professora Débora, bem como a sua família (Marco Antonio, Luisa e Laura) por serem “minha família de Maringá”; em especial à Laura que me recebeu de braços abertos e sempre trouxe alegria às minhas noites fora de casa.

A todos os colegas do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* e do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Escrita*, em especial aqueles que me auxiliaram na dura tarefa de contar palavras, Giordana, Heloisa, Lisley, Mayara, Nathane e Viviane.

Aos colegas que ganhei ao longo do mestrado, em Maringá e São José do Rio Preto, em especial Akisnelen, André e Marina, obrigada pelas discussões teóricas e, por terem tornado o Mestrado um momento muito menos solitário e mais fraterno.

Aos professores do PLE, especialmente, Ana Cristina Jaeger Hintze, Edson Romualdo, Marilurdes Zanini, Sonia Aparecida Lopes Benites e Renilson Menegassi, por compartilharem seus conhecimentos e contribuírem para a construção de conhecimento na minha formação.

Aos funcionários do PLE pelo apoio, profissionalismo e dedicação.

À Universidade Paranaense, UNIPAR, pelo apoio financeiro e administrativo para que eu pudesse me ausentar para desenvolver a pesquisa.

## RESUMO

**Tatiane Henrique Sousa-Machado**

[tatiane@unipar.br](mailto:tatiane@unipar.br)

Durante o processo de aquisição da escrita, a criança, para escrever de acordo com o esperado pelas convenções ortográficas, deverá descobrir que alguns espaços em branco são responsáveis pela delimitação de palavras entendidas do ponto de vista morfológico. Nesse percurso, em alguns momentos, essa criança pode voltar-se sobre o material escrito, deixando marcas de possíveis dúvidas quanto à segmentação, denominadas, neste estudo, de rasuras. As rasuras – representadas por apagamentos, escrita sobreposta, inserções, dentre outras marcas – podem ser entendidas como lugares de conflito que materializam a divisão enunciativa do escrevente entre possibilidades abertas pela língua (CAPRISTANO, 2013, 2014). Fundamentados, por um lado, na perspectiva teórica assumida por Capristano (2013, 2014) para o exame de rasuras ligadas à segmentação e, por outro, em trabalhos de Corrêa (2004 e 2013) sobre a heterogeneidade da escrita, esta pesquisa teve por objetivo apresentar e descrever possíveis fatores que concorrem para a emergência de rasuras ligadas à segmentação, em produções textuais elaboradas por crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental I, ao longo de quatro anos, verificando tendências (quantitativas e/ou qualitativas) para o aparecimento dessas rasuras no decurso da aquisição da escrita infantil. Para tanto, foram analisadas 1699 produções textuais, coletadas em 55 diferentes atividades de produção escrita. Com base em princípios teórico-metodológicos do Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1989), foi possível observar que as rasuras são mais recorrentes nos dois primeiros anos considerados e que diminuem nos anos subsequentes. Além disso, constatou-se que, indiferentemente da série, os conflitos vivenciados pelas crianças sobre como segmentar, de modo geral, partem de uma escrita hipossegmentada, ancorada em práticas orais, rumo a uma escrita convencional, fruto, possivelmente, da influência das práticas letradas das quais as crianças participam. Também foi possível perceber que, de modo geral, nos casos em que o último gesto indiciado pela rasura não atendia à convenção e resultava numa hipersegmentação, o escrevente parecia interpretar a sílaba pretônica de algumas palavras como um clítico, apontando para uma forte influência das práticas letradas, mesmo em ocorrências tradicionalmente consideradas “erros”. Pudemos, enfim, concluir que a criança, ao longo da aquisição da escrita, quando precisa definir onde alocar espaços em branco, lida com conflitos inerentes à heterogeneidade da língua (e da escrita) e, para resolvê-los, ancora-se em diferentes influências das práticas orais, mas, no caso das rasuras, principalmente em influências advindas das práticas letradas.

Palavras-chave: oralidade; letramento; escrita; rasura; segmentação gráfica.

## ABSTRACT

**Tatiane Henrique Sousa-Machado**

[tatiane@unipar.br](mailto:tatiane@unipar.br)

During the writing acquisition process, in order to write in accordance with the expected orthographic conventions, the child should realize that some blanks are responsible for limiting the comprehension of words from the morphological viewpoint. By doing that, the child may turn to the written material in some moments, leaving possible traces of doubts concerning segmentation, nominated in this work as erasures. Erasures – represented as blots, superimposed writing, insertions, among other traces – may be understood as sites of conflicts which materialize the writer's enunciative division among other probabilities deployed by the language (CAPRISTANO, 2013, 2014). Based on both Capristano's (2013, 2014) theoretical perspective for the erasure survey related to segmentation and Corrêa's work (2004 e 2013) about heterogeneity of writing, this research study aimed at presenting and describing possible factors which may influence the occurrence of erasures connected to segmentation, in text productions carried out by children of the first level of Elementary School, along four years, verifying trends (quantitative and qualitative) for the emergence of such erasures during children's writing acquisition. In order to reach that purpose, 1699 text productions were analysed, collected in 55 different writing activities. The analysis was supported by Ginzburg's Inditiary Method (1989) and it was observed that erasures are more recurrent in the first two considered years, tending to be reduced in the following years. Besides, results showed that, in general, the conflicts experimented by children about how to segment, originate from hiposegmented writing anchored in oral practices, focusing conventional writing, which is likely the fruit of children's literacy practice. Results also showed that, in the cases when the last gesture inditiated by the erasure did not match the conventions and resulted in hipersegmentation, the writer seemed to interpret the pretonic syllable of some words as a clitic, pointing out to a strong influence of literate practices, even when it traditionally occurs in what is called "errors". Thus, it was able to conclude that, along the writing acquisition, the child needs to define where to allocate blanks and deals with language (and writing) heterogeneity conflicts. In order to solve these conflicts, the child anchors in different oral practice influences, but in the erasure cases, mainly in literate practices influences.

**Keywords:** orality; literacy; writing; erasure; graphic segmentation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Rasuras consideradas .....	10
Figura 2: Texto com agrupamento de letras .....	42
Figura 3: Apagamento .....	48
Figura 4: Traço de inserção .....	49
Figura 5: Escrita sobreposta .....	49
Figura 6::Falso Início .....	49
Figura 7: Texto com sucessivos apagamentos e escritas sobrepostas .....	51
Figura 8: Ocorrência excluída .....	52
Figura 9: Dificuldade metodológica para identificação do falso início .....	52
Figura 10: Escrita sobreposta de caneta sobre a caneta “pra mim” .....	53
Figura 11: Falso início “daa” apagamento “da aula” .....	54
Figura 12: Ocorrência de “apagamento” por meio de rabiscos .....	54
Figura 13: E27;P 03 (2001) .....	63
Figura 14: E58; P 43 (2004) .....	64
Figura 15: E22;P 44 (2004) .....	64
Figura 16: E28; P 21 (2002) .....	65
Figura 17: E70;P 50 (2004) .....	68
Figura 18: E76;P 54 (2004) .....	68
Figura 19: E35; P 10 (2001) .....	70
Figura 20: E65; P 51 (2004) .....	71
Figura 21: E14;P 5 (2001) .....	72
Figura 22: E32; P 21 (2002) .....	73
Figura 23: E25; P 15 (2002) .....	76
Figura 24: E33; P 16 (2002) .....	76
Figura 25: E01; P 27 (2002) .....	77
Figura 26: E04; P 40 (2003) .....	79
Figura 27: E57; P 40 (2003) .....	79
Figura 28: E39; P 16 (2002) .....	82
Figura 29: E37; P 14 (2001) .....	83
Figura 30: E43; P 22 (2002) .....	86
Figura 31: E18; P 13 (2001) .....	87
Figura 32: E30; P 29 (2002) .....	88
Figura 33: E29; P5 (2001) .....	94
Figura 34: E26; P 30 (2003) .....	94
Figura 35: E7; P17 (2002) .....	95
Figura 36: E 18; P 1 (2001) .....	95
Figura 37: E 57; P 40 (2003) .....	96
Figura 38: E 35; P 4 (2001) .....	97
Figura 39: E 56; P 37 (2003) .....	97
Figura 40: E 5; P 08 (2001) .....	98
Figura 41: esquema multidirecional dos entrelaçamentos oral/escrito .....	99

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Rasuras em segmentação presentes nas produções textuais 2001- 2004 .....	57
Gráfico 2: Registro do “primeiro gesto”: hipo, hiper e escrita convencional .....	67
Gráfico 3: Registro do “último gesto”: hipo, hiper e escrita convencional.....	75
Gráfico 4: Tendências na direção das rasuras (práticas letradas versus práticas orais).....	93

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Distribuição das rasuras em segmentação/número de textos, 2001- 2004 .....	59
<b>Tabela 2:</b> Distribuição das rasuras em segmentação/ número de palavras, 2001- 2004.....	60
<b>Tabela 3:</b> Distribuição das rasuras em segmentação/número de palavras em bloco.....	60
<b>Tabela 4:</b> Categorização do primeiro gesto de escrita nas rasuras em segmentação, 2001-2004.....	66
<b>Tabela 5:</b> Categorização do último gesto de escrita nas rasuras em segmentação, 2001-2004.....	75

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 1: RASURAS: INDÍCIOS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA ESCRITA</b>	<b>12</b>
1.1 Introdução .....	12
1.2 A rasura .....	13
1.2.1 A rasura para a Crítica Genética.....	13
1.2.2 A rasura como atividade epilinguística .....	19
1.2.3 A rasura como divisão enunciativa do sujeito.....	22
1.2.3.1 A rasura ligada à segmentação .....	26
1.3 Modos de olhar para os fatos da fala e da escrita.....	31
1.4 Síntese .....	34
<b>CAPÍTULO 2: MATERIAL E METODOLOGIA .....</b>	<b>38</b>
2.1 Introdução .....	38
2.2 Material .....	38
2.2.1 O banco de produções textuais.....	38
2.3 – Os <i>corpus</i> de pesquisa.....	40
2.3.1 Dificuldades e decisões metodológicas relativas à constituição e análise do <i>corpus</i> .....	41
2.4 A pesquisa qualitativa e o Paradigma Indiciário .....	45
2.4.1 Identificação das rasuras .....	47
2.4.2 Dificuldades e decisões metodológicas relativas à identificação das <i>rasuras</i> .....	50
2.5. Síntese da perspectiva assumida pelo presente trabalho .....	55
<b>CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>56</b>
3.1. Introdução .....	56
3.2 Quantificação das rasuras em segmentação gráfica .....	56
3.3 Hipersegmentações, hipossegmentações e escrita convencional: “caminhos possíveis” ..	63
3.3.1 O primeiro gesto de escrita: hipossegmentado, hipersegmentado ou convencional ..	66
3.3.2 O último gesto de escrita: hipossegmentado, hipersegmentado ou convencional.....	74
3.3.3 O último gesto de escrita: hipossegmentado e hipersegmentado .....	80
3.3.4 Primeiro e último gesto de escrita: trânsito entre práticas.....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>106</b>

## INTRODUÇÃO

Definir o conceito de palavra não é tarefa simples para os pesquisadores<sup>1</sup>, já que uma palavra pode ser pensada sob diferentes perspectivas: morfológica, fonológica, semântica, sintática e gráfica. Não menos complexo é o contato de crianças em processo de aquisição da escrita com essa noção. Nesse processo, uma das tarefas com a qual as crianças se deparam é a necessidade de descobrir, com ou sem a ajuda de um professor, para que servem ou, ainda, o que significam os espaços em branco utilizados pelos adultos para escrever. Ou seja, para escrever de acordo com o esperado pelas convenções ortográficas, a criança deverá descobrir que alguns espaços em branco são responsáveis pela delimitação de palavras entendidas do ponto de vista morfológico.

Essa descoberta não é tranquila e alguns estudos têm se dedicado a analisar como as crianças “aprendem” a segmentar em consonância com o previsto pelas normas ortográficas. Estudos como os de Gnerre e Cagliari (1985), Abaurre (1991), Silva (1994), Abaurre et. al. (1985, 1995b, 1997), Chacon (2004, 2008, 2009), Capristano (2007a, 2007b, 2013; 2014), Cunha (2004), Paula (2007), Capristano e Chacon (2014), apontam existir grande flutuação na distribuição de espaços em branco convencionais e não-convencionais<sup>2</sup>. Essa flutuação se deve a diferentes hipóteses construídas – mesmo que inconscientemente – pelas crianças para resolução dos “problemas” que enfrentam ao escrever. Segundo esses autores, as hipóteses que as crianças constroem estão fundadas em critérios diferentes dos usados por adultos alfabetizados/escolarizados. No

---

<sup>1</sup> Para uma discussão a respeito da complexidade da definição da noção de palavra, conferir, por exemplo, os trabalhos de Câmara (1967, 1972), Nespore e Vogel (1986), Basílio (1987), Bisol (2004) e Azuaga (2006).

<sup>2</sup> As segmentações não-convencionais podem ser classificadas em: (a) **hipossegmentações**, junções de palavra em locais não previstos, como “jalicotei” [já lhe contei]; (b) **hipersegmentações**, a inserção de espaços em locais não previstos, como em “a bacaxi”; e, por fim, (c) **mesclas**, momentos em que encontramos uma hipo e uma hiper na mesma palavra, como é o caso de “oq u” [o que], primeiro uma hipossegmentação e depois uma hipersegmentação.

entanto, mesmo que os critérios utilizados pelas crianças sejam diferentes daqueles dos adultos, desde cedo, “o sujeito começa já a fazer determinadas escolhas que por vezes consolidam-se como preferências, ainda que temporárias, em termos de estruturas, de léxico ou mesmo em termos da maneira pela qual trabalha os temas de suas escritas” (ABAURRE, et. al., 2000, p. 141), tomando por base o contínuo linguístico da fala (ABAURRE, et. al. 1984, 1995b e ABAURRE, 1991).

A tarefa de analisar a distribuição dos espaços em branco utilizados pelas crianças não é simples, já que,

às vezes, em um mesmo texto, critérios de segmentação aparentemente conflitantes são frequentemente usados por uma mesma criança, o que parece indicar que as crianças podem explorar critérios conflitantes de forma mais ou menos simultânea, na tentativa de atribuírem sentido ao sistema convencional da linguagem escrita (ABAURRE, 1991, p. 205).

Essas “decisões” conflitantes apontam para diferentes hipóteses construídas pelas crianças, fundamentas naquilo que julgam atender à escrita convencional. Mesmo que, para o adulto incauto, pareçam contraditórias, têm-se observado que essas decisões estão calcadas em diferentes características do nosso sistema linguístico. Assim, uma criança pode hipersegmentar uma palavra como “*e Rita*” (irrita) – exemplo recolhido em Chacon (2005) – por atribuir conteúdo semântico específico a partes dessa palavra (*e Rita*). Uma criança pode hipossegmentar palavras como “*concerteza*” (com certeza), unindo um clítico (com) e uma palavra prosódica (certeza) ou, ainda, como “*tabom*” (tá bom), em que são unidas duas palavras prosódicas – exemplos recolhidos de Tenani (2011) –, colocando em evidência a ancoragem do escrevente em critérios fonológicos. Todos esses exemplos mostram, a nosso ver, diferentes “caminhos” abertos pela língua que podem ser explorados pelas crianças.

A maioria dos estudos dedicados à aquisição da escrita, especificamente no

tocante à segmentação gráfica, tem analisado os chamados erros de segmentação<sup>3</sup> (hipossegmentação, hipersegmentações e mesclas – Cf. nota 2). Nesse mesmo escopo teórico, Serra, Tenani e Chacon (2006), Serra (2007), Capristano (2007a, 2007b, 2013, 2014) e Capristano e Chacon (2014) também se dedicam à pesquisa do modo como as crianças passam a segmentar respeitando as normas ortográficas, porém, por meio da análise de rasuras ligadas à segmentação. Nesses trabalhos, entende-se que a rasura é um local privilegiado para a observação da relação sujeito/linguagem e do modo como as crianças aprendem a segmentar. Para Capristano (2013, p. 677), por exemplo, essas rasuras “podem ser pistas de um momento particular da relação sujeito/linguagem, com uma ordem diversa daquela observada em ‘erros’ ortográficos e em ‘acertos’, atuando como indício da negociação do escrevente com pontos sensíveis da língua”. São, portanto, momentos de conflito que materializam a divisão enunciativa do escrevente entre possibilidades abertas pela língua (CAPRISTANO, 2013, 2014) e “colocam em cena, de forma constante, *duas* possibilidades de segmentação que se chocam e expõem o *conflito* do sujeito escrevente com os fatos que determinam a (sua) enunciação escrita” (CAPRISTANO, 2014, p.08).

Esses trabalhos que investigam as rasuras ligadas à segmentação partilham da concepção heterogênea **da** escrita definida por Corrêa (1997b, 2004). Nessa perspectiva, os produtos da fala e da escrita são frutos de um encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas (CORRÊA, 2004), fato que permite ressaltar que *a presença da fala na escrita não pode ser considerada uma interferência*, nem mesmo uma relação entre duas tecnologias, mas sim um *encontro resultante do trânsito do escrevente por práticas sociais, orais/faladas e letradas/escritas*. Por essa razão, o autor propõe que a heterogeneidade é **da** escrita e não está **na** escrita, que sugere algo acessório.

---

<sup>3</sup> Estudos como Abaurre (1991), Silva (1994), Ferreira e Pontecorvo (1996), Abaurre et. al (1997), Cunha (2004), Tenani (2004, 2008).

Com base nessas contribuições teóricas, partimos da hipótese preconizada em estudos de Capristano (2013) de que rasuras ligadas à segmentação possibilitam ao pesquisador percorrer caminhos trilhados pelo escrevente durante a aquisição da escrita. O escrevente, por sua vez, em momento de aquisição da escrita, explícita, pela rasura, conflitos na representação da (sua) escrita, ancorando-se em elementos de diferentes práticas orais e letradas que apontam para a heterogeneidade constitutiva da escrita.

Neste processo, conforme afirma Capristano (2013), as “recusas” – expressas nos enunciados apagados, riscados – e as “escolhas” – visualizadas nos enunciados “finais” – realizadas pelos escreventes podem ser compreendidas nos seus diferentes modos de conceber a (sua) escrita: suposta gênese, código institucionalizado e na dialogia com o falado/escrito e ouvido/lido, definidos por Corrêa (1997b, 2001, 2004, 2006a).

Desse modo, nesta pesquisa, objetiva-se apresentar e descrever possíveis fatores que concorrem para a emergência de rasuras ligadas à segmentação, em produções textuais elaboradas por crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental I, ao longo de quatro anos, verificando tendências (quantitativas e/ou qualitativas) para o aparecimento dessas rasuras no decurso da aquisição da escrita infantil. Analisamos, nessa emergência, momentos nos quais o escrevente apaga, sobrepõe, insere e/ou risca o material escrito, voltando-se sobre ele a fim de modificar a segmentação antes proposta, como na rasura que se pode observar no exemplo a seguir:

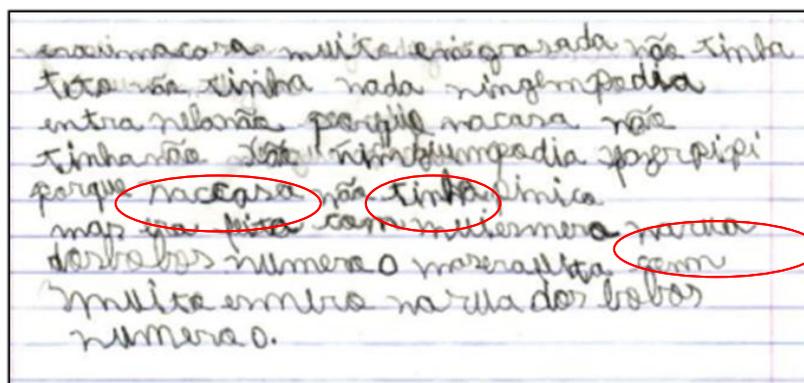


Figura 1: Rasuras consideradas<sup>4</sup>

Embora, no texto exposto na Figura 1, possamos observar várias rasuras, neste estudo consideramos apenas aquelas que incidem sobre a segmentação, como a ocorrência em destaque: “nacasa” (que, após apagamento, torna-se “na casa”). Outros momentos em que o escrevente rasura, como em “tinha” – no qual a rasura não está relacionada à segmentação – ou momentos em que o escrevente faz registros não-convencionais sem rasura, como em “narua”, não serão considerados.

Para alcançarmos esse objetivo mais geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- (A) examinar se existem diferenças na quantidade de rasuras ao longo dos quatro anos pesquisados, considerando as variáveis: série, quantidade de textos e quantidade de palavras;
- (B) verificar se as duas possibilidades de segmentação expostas pela rasura ocorrem mais em direção às práticas letradas ou mais em direção às práticas orais.

Para cumprir nossos objetivos, a presente dissertação foi organizada da seguinte forma: no Capítulo 1 (*Rasuras: indícios do processo de produção da escrita*),

<sup>4</sup> Leitura preferencial: *Era uma casa muito engraçada não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela não porque na casa não tinha não chão. Ninguém podia fazer pipi, porque na casa não tinha pinico. Mas era feita com muito esmero, na rua dos bobos, número zero. Mas era feita com muito esmero, na rua dos bobos, número zero.*

apresentaremos estudos que se dedicam a analisar rasuras, iniciando pelos estudos da Crítica Genética e finalizando com aqueles que se vinculam à aquisição da escrita, em específico, com as rasuras ligadas à segmentação de palavras. Neste mesmo capítulo, faremos, também, uma apresentação mais detalhada da concepção de escrita que norteará esta pesquisa. No capítulo 2 (*Material e Método*), são apresentadas as características do *corpus*, o tipo de pesquisa ao qual nos vinculamos e a perspectiva teórico-metodológica assumida. Na sequência, no Capítulo 3 (*Resultados e Discussões*), são apresentados os principais resultados obtidos, seguidos das discussões pertinentes a eles. Por fim, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas que possibilitaram a construção deste estudo.

Acreditamos que pesquisas como esta na linha de Ensino-Aprendizagem de Línguas contribuem para a compreensão do processo de aprendizagem da escrita, fato que indiretamente poderá produzir mudanças no trabalho com as práticas de ensino da língua materna, seja partilhando informações sobre os principais e diferentes conflitos explicitados pelas rasuras em segmentação, seja desmistificando o caráter de sujeira tradicionalmente atribuído à rasura, uma vez que, como veremos nos estudos que analisam esse tipo de dado, as rasuras são muito mais do que simples resíduos e sobras do processo de escrever, pois indicam conflitos do escrevente com a língua.

# **CAPÍTULO 1: RASURAS: INDÍCIOS DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA ESCRITA**

## **1.1 Introdução**

Neste capítulo, apresentamos os principais referenciais teóricos utilizados para a constituição deste estudo. Para tanto, inicialmente, destacamos os estudos sobre a rasura feitos no âmbito da Crítica Genética. Na sequência, examinamos estudos sobre rasuras na aquisição da escrita infantil que buscam mostrar que essas marcas (também denominadas eventualmente de reelaborações, refacções ou reescritas<sup>5</sup>) são indícios de operações epilinguísticas, momentos nos quais as crianças parecem ser capazes de julgar e/ou refletir sobre o produto da sua atividade gráfica.

Expomos também, estudos que se vinculam, direta ou indiretamente, à Análise do Discurso e à Psicanálise para examinar a aquisição da escrita infantil, os quais conferem às rasuras teor de divisão enunciativa do sujeito, incluindo aqueles que tratam exclusivamente de rasuras ligadas às segmentações gráficas, tema abordado nesta dissertação. Por fim, apresentamos a perspectiva teórica assumida em nossos estudos quanto à concepção de escrita.

Por meio dessa apresentação, visamos a permitir ao leitor um panorama dos estudos que dialogam (de maneira direta ou indireta) com a presente pesquisa.

---

<sup>5</sup> Reelaboração, refacção e reescrita são termos nem sempre usados para fazer referência ao gesto de rasurar. Por exemplo, trabalhos como os de Borges (2007), Vita (2006), Jesus (1995), Menegassi e Fuza (2012), Polessi (2012), Moterani (2012), Possati (2013), dedicaram-se a analisar os processos de *reescrita*. Nessas pesquisas, no entanto, a reescrita refere-se ao processo de reescrever provocado por uma revisão textual feita baseada na intervenção direta de um interlocutor, geralmente o professor. Entendemos que esses trabalhos são importantes, porém, em nosso estudo, dedicamo-nos a analisar apenas os trabalhos em que a rasura é entendida como um gesto de retorno espontâneo do escrevente sobre a sua própria escrita.

## 1.2 A rasura

### 1.2.1 A rasura para a Crítica Genética

Para compreender como a rasura tem sido estudada, decidimos observar quais áreas partilhavam desse mesmo objeto de estudo. Os primeiros estudos sobre rasura se deram no escopo da Crítica Genética, iniciados, na França, a partir do final dos anos 60. Esses estudos destinavam-se, num primeiro momento, a compreender a gênese dos textos literários, considerando, para tanto, o texto como um processo. Os estudos genéticos, mais recentemente, dedicam-se a

analisar o documento autógrafo – documento vindo da própria mão do criador, não passando por processo de publicação – para compreender, no próprio movimento da criação, os mecanismos da produção, elucidar os caminhos seguidos pelo artista e entender o processo que presidiu o desenvolvimento da obra. É uma investigação que procura uma maior compreensão desse processo ou dos princípios que caracterizam a criação (...) (SALLES, 2001, p. 24).

A produção textual, para a Crítica Genética, é um processo que engloba tudo que se escreve antes ou em vista do texto a ser publicado (WILLEMART, 1993). É no reconhecimento do texto como processo que nasce o conceito de *prototexto*: “certa reconstrução dos antecedentes de um texto, estabelecida pelo crítico com o auxílio de um método específico, destinado a ser objeto de uma leitura em continuidade com o dado definitivo” (BELLEMIN-NOEL, 1993, p. 135). O *prototexto*, conceito rico para a Crítica Genética, permite ao geneticista observar traços, fissuras ou porosidades “que revelariam, a *posteriori*, índices de fragilidade e incompletude do discurso” (BIASI, 2002, p. 222, grifos do autor).

A Crítica Genética busca “aproximar-se de aspectos do fazer artístico”, destacando a complexidade do conceito de autoria e distanciando-se das concepções de

inspiração (ZULAR, 2002, p. 15). Nesse contexto, o trabalho do geneticista consiste em “decifrar os rascunhos e a escritura escondida atrás das **rasuras**, das **manchas** e **rabiscos**” (WILLEMART, 1993, p. 17, grifos nossos), visando a definir o processo de criação.

Para fundamentar alguns de seus estudos, Willemart (1993), por exemplo, relaciona escrita e subjetividade, ancorado na contribuição da teoria lacaniana, como ponto de contato entre a psicanálise e a literatura. Esse autor concentra-se no conceito de “texto móvel”, compreendido como as relações entre as diferentes camadas que constituem o fazer artístico, nas quais o texto se constrói e se destrói a todo o momento (ZULAR, 2002); logo, caminhos responsáveis pela forma final.

Além desse conceito, Willemart (1993) também forja outros conceitos, importantes para o seu trabalho. Ele é responsável pelo estabelecimento do conceito de *escritor* (sujeito empírico), de *scriptor* (sujeito falado pela escritura), de *narrador* (aquele que cede ou não a palavra ao personagem) e, por fim, do conceito de *autor* (fruto da escritura, surgindo após a primeira rasura, recusando, aceitando ou revendo a proposta do narrador, logo, “decidindo” a escritura final, baseado em um leque de possibilidades) (WILLEMART, 1993). Desse modo, para esse autor, rasuras atuariam como “rastros de um processo” de criação, no qual a intervenção do *scriptor* quebraria a linearidade, sob a coação do contexto e do cotexto, obrigando a uma reorganização do já escrito, fazendo emergir a figura do autor. Essas instâncias da escritura agem, cada uma por sua vez, em uma roda constante.

Segundo Willemart (1993, p. 71, grifos do autor): “Vimos o *autor-scriptor* desdobrar-se a cada releitura em que, sob a ação de um Terceiro<sup>6</sup>, rasura e acrescenta

---

<sup>6</sup>Nos estudos de Willemart (1993), a figura do Terceiro também aparece denominada como Outro, numa retomada do conceito lacaniano, entendido como “o lugar simbólico que enredará e assim determinará o sujeito, que sempre lhe será posterior. A linguagem, o significante e a lei antecedem o sujeito que, ao nascer, acabará por se mesclar a essas marcas e será tatuado por essa trama de múltiplas significações”

para retomar em seguida sua posição de leitor”. Seria, para esse autor, a influência do Terceiro que provocaria a rasura, destruindo um sentido dado, suspendendo-o e, por consequência, obrigando o *scriptor* a criar um novo sentido: “A rasura, por conseguinte, é testemunha de um processo de luto no escritor que gera consistências diferenciadas no papel” (WILLEMART, 1993, p. 72).

Essas diferentes consistências são organizadas com base em critérios de ordem e de espaço em que, na rasura mais comum, ocorre **supressão** de uma palavra ou de um conjunto de palavras, criando “um branco que está sempre preenchido, mesmo se só precisa reaproximar as palavras que o beiram, na lição seguinte; é como se os brancos não pudessem exceder o intervalo mínimo entre as palavras” (WILLEMART, 1993, p. 73), denominado *consistência ordinal* devido à recolocação em ordem no eixo sintagmático.

Um segundo tipo de rasura é aquela que é substituída por um **acrécimo**, provocando uma consistência imediata; nesse caso, não há como saber o momento exato da substituição pelo escritor, denominado por Willemart (1993) de *consistência concomitante*. E, por último, a rasura **lenta**, em que “os elementos suprimidos e acrescentados coexistem durante um momento em espaços diferentes” (Id. Ibidem, p. 73), chamada de *consistência mediata* ou *deslocada*. Segundo esse autor, essas três consistências levam em consideração os critérios de ordem e de espaço.

Também no âmbito da Crítica Genética, ao analisar manuscritos de Mário de Andrade – especificamente as folhas iniciais do capítulo inicial de Macunaíma –, Lopez (1990) observa, no limiar da escrita desse autor, uma abundância de rasuras. Para a autora,

---

(HOMEM, 2012, p. 75). Trata-se do território do inconsciente: o Terceiro (o Outro) é o não-dito que habita o dito.

As rasuras propõem, assim, *substituições, supressões, acréscimos, deslocamentos, alterações da pontuação ou da divisão estrófica, correções e incongruências semânticas, a defeitos de estilo e a erros gramaticais*. Subvertem a ordem da página, minam as intenções de definitivo do “passar a limpo” que, de repente, perde a graça ante o assomar de novas soluções na mente do autor. Sobrepõem possibilidades, polifonicamente, na margem, entre as linhas quando da escolha não consumada, relatando no inacabado da frase a luta pela precisão semântica, pela palavra exata (LOPEZ, 1990, p. 152, grifos nosso).

De modo parecido, Biasi (2010) compreende que as rasuras podem ocorrer por meio de cinco mecanismos: supressão, substituição, transferência, gestão e suspensão. Os dois primeiros (supressão e substituição) são considerados pelo autor fundamentais, enquanto os demais são ocorrências raras. Os mecanismos descritos por Biasi (2010, p. 72) podem ser sintetizados da seguinte forma:

(i) **Supressão:** traçado em que se pode identificar a intenção de anular um segmento, sem, substituí-lo por outro;

(ii) **Substituição:** traçado em que se pode identificar a intenção de anular um segmento para substituí-lo por outro. Pode ser considerado um tipo de supressão se o segmento for substituído por zero;

(iii) **Deslocamento/transferência:** traçado, marcado por setas, quadros ou traços, nos quais se pode identificar o deslocamento da escrita de uma zona do manuscrito para outra;

(iv) **Suspensão:** traçado no qual se pode perceber a intenção de marcar limites do fragmento a ser transferido, objetivando mostrar que esse segmento está destinado a desaparecer do seu contexto inicial, uma protelação;

(v) **Utilização:** traçado presente em notas, planos e rascunhos utilizados no decorrer do processo de escrita, os quais são rasurados para distingui-los daqueles que permanecem ativos; sua função é identificar que determinado segmento já foi utilizado.

Portanto, a rasura, nos estudos de Biasi (2010), pode corresponder a traços, setas, rabiscos, quadros que apontem de alguma maneira a intenção de cancelar o material escrito. Para tanto, o autor distingue aquelas nas quais ocorre a intenção de corrigir o já escrito (substituição e supressão), daquelas nas quais o escritor objetiva registrar que um determinado segmento foi reescrito (deslocamento, suspensão e utilização).

Para identificar as rasuras, sob a perspectiva assumida por Biasi (2010), é importante não levar em consideração somente a marca em si, mas também o suporte no qual ela ocorreu, já que, algumas vezes, o fator de distinção encontra-se no local em que ela aparece. Por exemplo, a rasura de utilização será definida em função de estarem presentes fora do texto originalmente escrito, mas sim em notas, rascunhos, caso contrário poderiam ser classificadas de acordo com as outras categorias definidas pelo autor. Sendo assim, esse autor não se preocupa com definições estanques, dado o hibridismo entre os mecanismos; contudo, permanece a ideia de existirem marcas de reescritura durante o processo de construção do texto.

Outra contribuição do campo da Crítica Genética vem de Salles (2001), para quem as rasuras são frutos da relação entre o que se tem e o que se quer, revertendo-se em gestos aproximativos, em que as rasuras buscariam a completude. Para esse autor, “no silêncio que a rasura guarda, o artista aprende a dizer aquilo que resiste a se materializar, ou a dizer de novo aquilo que não lhe agradou” (SALLES, 2001, p. 78). No mesmo sentido, Gozzo (2001, p. 183-184) compreende que

as rasuras surgem porque escolhas são feitas. Surgem como consequência de gestos no tempo, indicando uma obra em estado permanente de mutação, em que uma rasura fertiliza e engendra outras, deixando transparecer, neste construir e desconstruir, o caráter indutivo da criação.

É nesse constante construir e desconstruir que cada escritor rasura, por determinadas ordens e devaneios, mostrando seu aspecto único e singular, a partir dos quais o geneticista, tomando as rasuras como pistas metodológicas capazes de apontar princípios utilizados pelo criador para a tessitura escritural, ancora seu trabalho de pesquisa (GOZZO, 2001).

Em síntese, apresentamos essa breve exposição de estudos genéticos, não com a finalidade de esgotar o assunto, mas com o intuito de destacar o modo como a rasura é vista por esses estudos para compreender e delimitar, também, o que iremos entender por rasura. Vale destacar que os estudos genéticos não interessam apenas aos geneticistas ou aos filólogos, mas também aos leitores, aos estudantes de Letras e aos professores que “acompanham o esforço dos alunos diante das ciladas do processo de redação de um texto, ou seja, o humano que trabalha arduamente” (LOPEZ, 1990, p. 159), em oposição à idealização que vincula criação como dom traduzido pela rápida execução.

Esses estudos de Crítica Genética permitem concluir que rasuras funcionam como um importante mecanismo para o geneticista, que, munido do manuscrito, debruçar-se-á de modo incansável sob o prototexto, a fim de identificar marcas que resgatem o processo de criação textual. Algumas rasuras dão condições para esse pesquisador percorrer o caminho do escritor ao longo da construção da obra e desmistificar a concepção de escrita como fruto de inspiração e do texto como produto acabado, demonstrando a existência de um texto móvel e de um processo descontínuo, repleto de idas e vindas que podem ser percebidas pelas diferentes fissuras deixadas ao longo da construção da obra, as *rasuras*.

Sob perspectiva diferente da crítica genética, outros pesquisadores se dedicaram a analisar o retorno do sujeito sobre a sua escrita em momento de aquisição da escrita.

Esses pesquisadores nomeiam o que poderia ser entendido como rasura, também como reescrita, reelaboração e refacção. Apresentamos, nas próximas seções, alguns desses estudos.

### 1.2.2 A rasura como atividade epilinguística

Alguns estudos sobre a aquisição da escrita também se interessaram por estudar a escrita infantil observando marcas de retorno do escrevente sobre a sua própria escrita. Dentre esses estudos, destacam-se os de Abaurre (1994), Abaurre et. al. (1995b), Abaurre et. al. (1997) e Mayrink-Sabinson (1997). Nesses trabalhos, algumas vezes, apagamentos, inserções, escritas sobrepostas e gestos semelhantes aparecem com diferentes nomeações: *reelaboração* (ABAURRE, 1994); *refacção* (MAYRINK-SABINSON, 1997; ABAURRE, et. al., 1995b); *reelaboração, refacção e reescrita* (ABAURRE, et. al. 1997).

Esses estudos caracterizam marcas de retorno do escrevente na escrita como momentos em que o escrevente volta-se sobre o material escrito, deixando marcas de alteração (por exemplo: o escrevente apaga ou risca, objetivando cancelar determinado trecho ou, ainda, faz substituições de letras, de palavras ou de frases), geralmente, sem apoio direto de um interlocutor. Esses momentos são considerados pelas autoras como “um espaço privilegiado para a observação de aspectos relevantes à modalidade escrita da língua que adquirem saliência para a criança, em diferentes momentos e pelos mais variados motivos” (ABAURRE, 1994, p. 372). Abaurre et. al. (1997, p. 80) destaca, ainda, que os episódios de refacção são

dados privilegiados para exame, uma vez que, em sua singularidade, indiciam as operações epilinguísticas do sujeito, momentos por vezes fugazes de breve “tomada de consciência” do autor do texto com relação às suas escolhas e às implicações destas no plano textual discursivo.

As marcas de *reelaboração* ou episódios de *refacção*, para essas autoras, indiciam, pois, o processo construtivo do texto, no qual o escrevente se coloca na posição de leitor, buscando reelaborá-lo. Interpretar essas marcas, segundo Abaurre (1994), é tarefa dos pesquisadores interessados em compreender o movimento que leva o escrevente das operações epilinguísticas até a reflexão metalinguística. Procedimentos epilinguísticos seriam operações espontâneas com a linguagem (reelaborações, autocorrekções etc.) realizadas pelas crianças ou adultos, numa atividade comunicativa (SILVA, 1994, p. 38). As operações metalinguísticas, por sua vez, corresponderiam às operações de “tomada de consciência”, planejadas, que pressupõem uma reflexão sobre a língua.

Para Mayrink-Sabinson (1997) essas marcas, nomeadas pela autora como refacções, permitem perceber, igualmente, que a criança, desde muito cedo, é capaz de refletir sobre o produto da sua atividade gráfica, embora, por critérios nem sempre evidentes ao adulto letrado:

as operações de refacção de uma escrita começam bem cedo. Muito antes da criança entender o princípio alfabético da escrita encontram-se indícios de que ela é capaz de, refletindo sobre o produto de sua atividade gráfica, julgar o produto dessa atividade, segundo critérios internos, nem sempre evidentes para o adulto letrado, e, com base nesse julgamento, classificar uma escrita como “errada”, recusando-a, às vezes apagando-a, e refazendo-a” (MAYRINK-SABINSON, 1997, p. 59).

No trabalho dessas autoras, as chamadas marcas de refacção ou reelaboração ganham, também, *status* de dados singulares, por permitirem metodologicamente observar pistas de uma relação entre sujeito e a linguagem (ABAURRE, 1996,

ABAURRE, et. al., 1997, MAYRINK-SABINSON, 1997). Segundo Abaurre (1996, p. 121, grifos da autora):

durante algum tempo e *apesar da singularidade dos dados*, muitos pesquisadores teimaram em ver os primeiros enunciados infantis como manifestações “imperfeitas” de uma gramática “adulta”, objeto sempre presente para sua contemplação, do qual, como se, por simples “força das circunstâncias”, as crianças iam aos poucos se aproximando. Tomada a gramática adulta como referência e necessário ponto de chegada, eram então descritas as gramáticas infantis em termos de suas “faltas” e “imperfeições”, avaliando-se o processo na aquisição, com base no que *ainda deveria ser aprendido*.

Para a mesma autora essa análise idealizada, com base em parâmetros adultos, não considerava, as operações realizadas pela própria criança sobre a linguagem, bem como as tentativas impetradas por elas para compreender o funcionamento da escrita.

Todos esses estudos dedicaram-se a analisar marcas de refacção ou de reelaboração presentes no texto, considerando-o, em geral, como uma operação epilinguística, um processo construtivo do texto, importante para o pesquisador interessado em compreender como ocorre a transição entre as operações epilinguísticas (mais espontâneas) para as operações metalinguísticas (mais planejadas). Mas não apenas isso. Para essas autoras, o que chamamos de rasuras são também espaço privilegiado para a observação de fatos ligados à escrita que podem se tornar salientes para a criança e, mais ainda, momentos em que se podem observar pistas da relação sujeito/linguagem.

Na breve apresentação que fizemos desses trabalhos, pode-se perceber que, desde muito cedo, as crianças retornam sob o material inicialmente escrito, no intuito de modificá-lo, mostrando, do ponto de vista assumido por esses autores, certa preocupação com a sua escrita, preocupação esta que ocorre por motivos distintos.

Na próxima seção, abordaremos estudos linguísticos que se dedicam a discutir as rasuras, orais ou escritas, ancorando-se nas contribuições da Análise do Discurso e da Psicanálise.

### 1.2.3 A rasura como divisão enunciativa do sujeito

Sob o viés discursivo alguns estudos sobre a aquisição da escrita, se propuseram a estudar rasuras conferindo a essas marcas o *status* de divisão enunciativa do escrevente. Dentre esses estudos, destacam-se os Fiad e Barros (2003), Fiad (2013), Calil (1997, 1998, 1999, 2004, 2007, dentre outros), Felipeto (2008a, 2008b) e Calil e Felipeto (2001, 2008), Capristano (2007b, 2010a, 2013, 2014), Serra, Tenani e Chacon (2006), Serra (2007), Capristano e Chacon (2014).

Fiad (2013) e Fiad e Barros (2003) entendem que as marcas de reescrita, assim como outros gestos (como, por exemplo, colocação de parênteses e aspeamento) são marcas de intercalação. Ancoradas em fundamentos teórico-epistemológicos da Linguística Textual e da Análise do Discurso, assumem que essas marcas de intercalação podem ser caracterizadas como manifestações metaenunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1998), ou seja, referem-se a “um retorno sobre o dizer, desdobrando a enunciação em pontos específicos” (FIAD, BARROS, 2003, p. 12). Esse “retorno sobre o dizer” pode direcionar-se tanto para a unidade quanto para a dispersão.

Fiad e Barros (2003) acreditam que os diferentes mecanismos existentes nas marcas de reescrita, como simples riscos, apenas parênteses ou, ainda, combinações diferentes desses dois tipos de marcadores, apontariam a emergência de possíveis

tendências estilísticas, renegadas, pelos estudos não-enunciativos e pela escola, a um estatuto secundário.

Nesse sentido, Fiad (2013) destaca, ainda, que, em geral, as modificações realizadas pelos escreventes são interpretadas, na escola, como problemas; todavia, na interpretação da autora, elas são marcas de uma interposição do sujeito no texto e, por isso, importantes indícios a partir dos quais o docente poderia depreender o conhecimento do escrevente, por exemplo, sobre o gênero discursivo, alvo particular de sua pesquisa.

Calil (1997, 1998, 1999, 2004, 2007, 2008, dentre outros), Felipeto (2008a, 2008b) e Calil e Felipeto (2001, 2008) analisam rasuras (orais e escritas)<sup>7</sup>, compreendidas como momentos do processo de escritura nos quais o sujeito “volta-se sobre aquilo que foi dito ou escrito, para anular, substituir, deslocar, acrescentar, dizer de outro modo algo que já havia falado ou escrito”(CALIL, 2008. p. 104).

Nesses estudos, em linhas gerais, rasuras são consideradas como um estranhamento do escrevente, marcado por um “voltar sobre” o material escrito, “uma pista que apontaria não somente de onde veio, mas também para onde se poderia ter ido” (CALIL, 2004, p. 58). Na perspectiva assumida por esses autores, não se observa um sujeito separado da língua, autônomo e consciente, que realiza operações metalinguísticas e usa a língua como instrumento. Observa-se, sim, um “eu” além do aparelho formal, dividido, clivado pelo inconsciente, produzido pela linguagem, sem controle intencional, que vive na ilusão de uma língua homogênea.

O termo “rasura”, nesses estudos, refere-se àquilo que foi posto à margem, mas que apresenta certa resistência, movimento de retorno “provocado pelo acaso de uma

---

<sup>7</sup> Para Calil (2012), rasuras orais são alterações no plano da escrita mobilizadas por intervenção oral. O autor analisa rasuras orais observadas em gravações em vídeo de interações entre pares de crianças durante o processo de produção escrita. Não trataremos, aqui, desse tipo de rasura.

proferição, de uma diferença estabelecida pelo escrevente em relação ao que já estava lá e ao que poderia estar” (CALIL, 2012, p. 592). Além disso, as rasuras são consideradas como tudo aquilo que aponta uma resistência e um corte imprevisível na escrita. Para esses autores, as crianças identificam o enunciado que provocou o estranhamento e o ressignificam por outro. As rasuras seriam, também, momentos nos quais o pesquisador consegue perceber as não-coincidências enunciativas que permitem a construção de novos sentidos. Esses novos sentidos, por sua vez, nos estudos de Calil e Felipeto (2000), não partem de um roteiro pré-definido, uma vez que podem ir em direção ao previsível ou à ruptura. Para esses autores, os novos sentidos explorados remetem ao autodiálogo da língua, a sua possibilidade de ser um e não-um, ou seja, a possibilidade de o seu dizer ser outro, bem como aos diferentes atravessamentos aos quais o sujeito, não detentor de seu dizer, está compelido.

Para fundamentar suas investigações, esses autores recorrem, por um lado, aos estudos de Lemos (principalmente, 1999) e, por outro, aos de Authier-Revuz (principalmente, 2004). Dos estudos de Lemos (1999), os autores recorrem particularmente à proposta dessa autora de que as mudanças na fala da criança podem ser interpretadas como captura da criança pelo funcionamento da língua, definindo três posições que o sujeito ocupa na língua: (a) dominância da fala do outro; (b) dominância do funcionamento da língua; (c) dominância do sujeito com sua própria fala. Para Lemos (1999, p. 2), é “na terceira posição que a criança, enquanto sujeito falante, se divide entre aquele que fala e aquele que escuta a sua própria fala, sendo capaz de retomá-la, reformulá-la e reconhecer a diferença entre a sua fala e a fala do outro”.

Desse modo, Calil e Felipeto (2000) defendem que as rasuras podem ser reinterpretadas como articulação entre as instâncias: Imaginário, Simbólico e Real<sup>8</sup> por

---

<sup>8</sup>Com base em Lacan, Calil e Felipeto (2000) consideram que as rasuras sofrem interferência do simbólico (Outro) e do real (alíngua) que ameaça a unidade e a consistência do Imaginário. O simbólico

indiciarem mudança de posição do sujeito na estrutura da língua. O escrevente parte de um Imaginário de língua produzindo enunciados; entretanto, a interferência do Outro (Simbólico) e do Real (alíngua), incitaria o rasuramento, o equívoco, abrindo possibilidades para esse dizer alterar-se, ressignificar-se.

Assim, o retorno sobre o texto e seu rasuramento apontaria a divisão do sujeito e uma submissão ao outro (cultura, sociedade, linguagem etc.), pois, nem sempre, o retorno é um processo criativo ou uma ruptura previsível, já que pode ir em direção ao estabilizado na língua e, talvez, para uma ressignificação do dizer ou para outro movimento (CALIL, FELIPETO, 2000, CALIL, 1998), para um conflito entre o que diz/escreve, mediante uma submissão ao funcionamento linguístico discursivo.

Dos estudos Authier-Revuz (2004), os autores recorrem, dentre outras, à noção de heterogeneidade constitutiva e àquilo que escapa ao sujeito pelas *não-coincidências enunciativas*, tais como a homonímia, atos falhos, ambiguidades ou outros equívocos. Essas *não-coincidências* não se fundam em insucessos ou ajustamentos, mas sim em pontos sensíveis na construção do dizer.

Vale destacar que esses autores não se dedicaram a observar rasuras em um momento específico, mas sim em todo e qualquer momento em que observaram um retorno do escrevente ou do falante sobre o que escreveu ou disse. Outros estudos, como, por exemplo, Serra, Tenani e Chacon (2006), Serra (2007), Capristano (2007b, 2010a, 2013, 2014) e Capristano e Chacon (2014), dedicaram-se a analisar rasuras – eventualmente denominadas marcas de reelaboração – que mostrassem algum tipo de preocupação com a delimitação dos espaços em branco, objetivando, assim, construir hipóteses sobre a trajetória da escrita da criança, quando se trata da definição do conceito de palavra.

---

apareceria representado por enunciações “devo dizer”, “quero dizer”, “fica melhor”, dentre outras; logo, as rasuras surgem pelo desejo do Outro, abrindo a possibilidade de ressignificações.

Por apresentarem objetivos que convergem também com os objetivos da presente pesquisa, organizamos uma subseção destinada a discorrer sobre esses estudos, que também sob viés discursivo, vinculado a preceitos da Análise do Discurso, dedicaram-se a analisar, especificamente, as rasuras vinculadas à segmentação gráfica.

### 1.2.3.1 A rasura ligada à segmentação

Existem poucos trabalhos que se dedicam a analisar rasuras diretamente ligadas à segmentação. Esses trabalhos vinculam-se, algumas vezes de forma mais implícita, outras vezes de forma mais explícita, à Análise do Discurso e à Psicanálise. De forma mais implícita, temos os estudos de Serra, Tenani, Chacon (2006) e Serra (2007), que analisam marcas de *reelaboração*. De forma mais explícita, os trabalhos de Capristano (2007b, 2010a, 2013, 2014) e de Capristano e Chacon (2014) analisam rasuras ligadas à segmentação denominando-as, inicialmente como reelaboração e, posteriormente, como rasura.

Nos estudos de Serra, Tenani e Chacon (2006) e Serra (2007) as marcas de reelaboração são entendidas, num primeiro momento, como “operações epilinguísticas que deixam indícios de um trabalho individual de escolhas, a partir de diferentes possibilidades linguísticas” (SERRA, 2007, p. 15). Ancorados, no entanto, no modo heterogêneo de constituição da escrita, proposto por Corrêa (1997b, 2004), bem como em pressupostos teórico-metodológicos do Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1989), esses autores acrescentam que os gestos de rasurar colocam em evidência um escrevente imerso em práticas discursivas orais e letradas.

Baseados em dados que indiciam o retorno do escrevente sobre a sua escrita em pontos de segmentação<sup>9</sup>, Serra, Tenani e Chacon (2006) e Serra (2007) constataram que as reelaborações ocorreram em pontos de delimitações de constituintes prosódicos<sup>10</sup>, destacando a influência de práticas orais, em função da recuperação de características prosódicas. Segundo esses mesmos autores, as reelaborações, ao mesmo tempo em que recuperam características prosódicas, também apontam para a sensibilidade do escrevente quanto aos limites gráficos; portanto, influências de práticas letradas.

Os estudos de Serra, Tenani e Chacon (2006) e de Serra (2007) dialogam e assemelham-se ao nosso, dado o *corpus* estudado<sup>11</sup>, bem como a perspectiva teórica assumida quanto à assunção da heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004). Contudo, distanciam-se do presente estudo pelo conceito de reelaboração adotado pelos autores, uma vez que não reconhecemos na oscilação no registro de uma estrutura da língua a mesma natureza da rasura (cf. nota 9).

Ou seja, acreditamos que as oscilações no interior de um mesmo texto não podem ser igualadas às rasuras, uma vez que, na primeira, temos uma mesma estrutura em diferentes contextos sintáticos, prosódicos e semânticos que afetam direta ou indiretamente a emergência da estrutura. De modo diferente, na segunda (rasura), temos o escrevente em conflito com a mesma palavra, no mesmo momento, permitindo-nos avaliar o sujeito “dividido” entre duas possibilidades de segmentação em um mesmo momento da sua escrita, situação na qual, por algum motivo, há uma motivação para o retorno do escrevente, que abre a possibilidade de o seu dizer ser outro.

---

<sup>9</sup> A seleção das ocorrências de reelaboração, nos estudos de Serra, Tenani e Chacon (2006) e de Serra (2007), deu-se em função da existência de uma rasura (apagamento, escrita sobreposta, inserções etc.) ou de, pelo menos, duas ocorrências, no mesmo texto, em que se observou uma flutuação quanto à segmentação da escrita, por exemplo, “inpé” e “en pé”. Nesse último tipo de ocorrência, o conceito de reelaboração reside na flutuação da grafia da mesma palavra, no mesmo texto.

<sup>10</sup> Para maiores informações sobre constituintes prosódicos, conferir Nespôr e Vogel (1986).

<sup>11</sup> As produções textuais analisadas nesses estudos também fazem parte do banco de produções textuais do Grupo de *Pesquisa Estudos sobre a linguagem* (CNPq), que subsidia também pesquisas do Grupo de *Pesquisas Estudos sobre a escrita* (CNPq), mesmo banco utilizado na presente pesquisa.

Fundamentados principalmente na proposta de Lemos (1999 e 2000)<sup>12</sup> de que as mudanças na fala da criança podem ser interpretadas como captura da criança pelo funcionamento da língua, Capristano (2007b, 2010b, 2013 e 2014) e Capristano e Chacon (2014) entendem que as rasuras ligadas à segmentação seriam índices da terceira posição definida por Lemos, aquela na qual ocorre a dominância do sujeito com sua própria fala (escrita), momentos, portanto, em que a criança parece estar submetida à observação da própria criança, momento, enfim, em que a criança parece ser capaz de reconhecer diferenças entre a sua escrita e a escrita do outro.

O rasuramento e o retorno, particularmente na interpretação de Capristano (2007b), não podem ser considerados índice de conhecimento de um escrevente atento que evita falhas, mas sim de um sujeito que parece ser capaz de reconhecer uma discrepância entre o que escreveu e “o que deveria escrever”. Dito de outra forma, nesse processo, algumas rasuras podem ser geradas por processos não-previstos nas convenções, por resultarem da oscilação ou do trânsito das crianças por diferentes aspectos das práticas sociais orais e letradas das quais elas foram/eram partícipes (CAPRISTANO, 2010, p. 8). Para a autora, a ausência de rasura não significa ausência desse reconhecimento, já que a criança pode reconhecer uma discrepância e não deixar marcas desse reconhecimento.

Em Capristano (2013), destaca-se que as rasuras são

momentos nos quais os escreventes suspendem o gesto de escrever para voltar-se sobre aquilo que escreveram, ou acrescentando traços, letras, sílabas, palavras ou trechos inteiros. Rasuras podem resultar, também, de um movimento de retorno ulterior: terminada a tarefa de escrever, a criança pode voltar ao seu enunciado para “ajustar” suas

---

<sup>12</sup> Capristano (2007b, 2010a, 2013 e 2014) e Capristano e Chacon (2014) também se ancoram em outros estudos, como, por exemplo, na perspectiva teórico-metodológica aberta pelo Paradigma Indiciário, na concepção de escrita de Corrêa (2001, 2004), bem como em contribuições dos estudos de Abaurre et. al. (1997), Calil (1998, 1999, 2004), Calil e Felipeto (2000, 2001), Felipeto (2008a, 2008b), Fiad (2009), Serra, Chacon e Tenani (2006) sobre a rasura.

“escolhas” à imagem que tem do que é correto para a (sua) escrita (CAPRISTANO, 2013, p.668).

Também para Capristano (2014), as rasuras resultam da circulação do escrevente por práticas letradas e orais; logo, emanam da constituição heterogênea da escrita, já que dependem “da (s) “memória (s)” que irrompe (m) no momento em que o escrevente tem diante de si a tarefa de distribuir espaços em branco responsáveis, na escrita convencional, pela delimitação de ‘palavras’” (CAPRISTANO, 2014, prelo). Segundo essa mesma autora, há diferença quanto ao estatuto das rasuras em segmentação e os erros em segmentação, já que, na primeira, se vê um escrevente diante de duas possibilidades em concorrência, ou seja, que coexistem, uma alternativa “aceita” e outra “recusada”. Na segunda, (os erros) dão relevo aos “sujeitos escreventes suscetíveis aos deslizamentos permitidos pela imprevisibilidade da linguagem” (CAPRISTANO, 2014, prelo).

Capristano e Chacon (2014), por sua vez, partem da concepção de rasura como momentos, em que, “o escrevente deixa de ocupar a posição de (ou deixa de figurar como) “utilizador” de estrutura da sua língua e passa, momentaneamente, a ocupar o lugar de “observador” dessas estruturas”. Portanto, as rasuras são vistas como gestos complexos, que apontam diferentes conflitos do escrevente com as possibilidades de seleção/substituição e com as de concatenação/afastamento, “possibilidades que emergem da sua ancoragem em “memórias”<sup>13</sup> que o constituem” (CAPRISTANO, CHACON, 2014, prelo). Esses mesmos autores concluem que as rasuras

indiciam, pois, o retorno (deslocado, dividido, desdobrado...) do funcionamento da língua(gem) sobre o sujeito escrevente. Assim, as seleções e combinações que sobressaem no modo de enunciação

---

<sup>13</sup>A palavra “memória” aparece entre aspas em virtude dos diferentes sentidos que ela carrega, algumas vezes contraditórios. Os autores consideram memória a partir de Pêcheux (1999), uma “memória linguística”.

escrito são regidas pela memória da inserção do sujeito no funcionamento linguístico (oral e/ou escrito) (CAPRISTANO, CHACON, 2014, prelo).

Dizendo de outra forma, as diferentes ocorrências presentes na escrita dos escreventes são oriundas de combinações (seleção/substituição e concatenação/afastamento) orientadas pela memória linguística do escrevente no heterogêneo funcionamento linguístico.

As contribuições dos estudos anteriores de Serra, Tenani e Chacon (2006), Serra (2007), Capristano (2007b, 2010a, 2013, 2014) e Capristano e Chacon (2014) mostram que, durante a aquisição da escrita, as rasuras deixam latente a heterogeneidade constitutiva da escrita, uma vez que permitem “ver” um conflito entre pelo menos duas possibilidades da língua. E, para “resolver” esses conflitos, os escreventes buscam informações na sua “memória linguística”, oriunda de diferentes práticas orais e letradas.

Com base nas diferentes contribuições teóricas de pesquisadores que se dedicaram ou se dedicam a “olhar” para o gesto de rasurar, objetivamos, também, contribuir para a compreensão do funcionamento das rasuras ligadas à segmentação, apresentando e descrevendo possíveis fatores que concorrem para a emergência de rasuras ligadas à segmentação, em produções textuais elaboradas por crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental I, ao longo de quatro anos. É nosso propósito, também, verificar tendências (quantitativas e/ou qualitativas) para o aparecimento dessas rasuras no decurso da aquisição da escrita infantil.

Para finalizar as discussões do arcabouço teórico que conduziu este estudo, destacamos, na próxima seção, a concepção de escrita assumida em nossos estudos.

### 1.3 Modos de olhar para os fatos da fala e da escrita

Na tradição escolar, ainda impera a ideia de que certos usos orais, quando espraíam na escrita, são “interferências” a serem extirpadas. Essa concepção ancora-se na percepção de que existiriam modalidades de enunciação puras e de que a melhor escrita seria aquela na qual não se reconhecessem recursos do que se chama de oralidade em seu interior. Dada à natureza do material investigado nesta pesquisa – a escrita em momento de aquisição, momento no qual, os recursos da fala são mais aparentes que nas escritas dos adultos escolarizados –, entendemos ser importante destacar como os fatos da fala e da escrita serão estudados ao longo de nossa pesquisa.

Em nossos estudos, assumimos o modo como Corrêa (1997b, 2004) concebe a relação fala e escrita. Para esse autor, “a presença do falado no escrito não registra apenas a relação entre duas tecnologias, mas a relação entre dois modos de enunciação que se constituem mutuamente” (CORRÊA, 2006a, p. 269).

Nesse sentido, o modo heterogêneo de constituição da escrita (CORRÊA, 2004) recusa a dicotomia radical entre fala e escrita, bem como a visão evolucionista da escrita. Para tanto, defende, de certa forma, a posição de Biber (1988) de que os traços situacionais ou linguísticos não dariam conta de explicar as diferenças e semelhanças entre todos os gêneros escritos e falados. Para Corrêa (2004), trabalhos que tomam traços situacionais e linguísticos como parâmetros para diferenciar os gêneros falados dos gêneros escritos se limitam às caracterizações mais prototípicas da fala e da escrita e, por isso, não explicam a diversidade de enunciados relativamente estáveis com os quais nos defrontamos. Para conduzir suas pesquisas, Corrêa examina produções textuais de alunos em situação de vestibular, analisando, sob a perspectiva do Paradigma Indiciário proposto por Ginzburg (1986), “marcas da heterogeneidade da

escrita quando da elaboração de um texto dissertativo sobre violência urbana” (CORRÊA, 2006a, p. 270).

Contribuem para os estudos de Corrêa (2004) os postulados de Street (1989) sobre o misto entre o oral e letrado e a perspectiva de letramento como processo sócio-histórico, defendida nos estudos de Street (1989) e Tfouni (1994). Para conceber esse fundamento, Corrêa (2001) ancora-se no sentido amplo de letramento, dando anterioridade ao letramento em relação à alfabetização, visando a

valorizar as habilidades atestadas por aqueles indivíduos que, mesmo não tendo acesso à alfabetização ou mesmo mantendo-se, na maior parte do tempo, alheios às práticas de leitura e escrita tal como foram consagradas, também fazem a história da língua e da sociedade por meio do modo oral de registro da memória cultural (CORRÊA, 2001, p. 141).

Corrêa (2001, 2004, 2006a, dentre outros) também busca contribuições nos estudos de Lemos (1999), acerca da valorização de “fragmentos” indicativos de esquemas interacionais da fala da criança com a fala da mãe. Também em Abaurre (1989, 1994, dentre outros) e Abaurre et. al. (1995b) acerca do processo de aquisição da escrita associado ao “gesto articulatório” e ao “gesto gráfico”, sob o qual a criança operaria com múltiplas hipóteses sobre a organização da escrita. Conta ainda com a contribuição de Chacon (1998) acerca do ritmo da escrita.

Com base nesses pressupostos, Corrêa (2004, p. 14) examina “o trabalho que o escrevente executa no processo de construção do texto” por meio da definição de três eixos de reconhecimento da heterogeneidade da escrita, que, para o autor, constituem recursos metodológicos para a apreensão dessa heterogeneidade. Esses três modos de reconhecimento da heterogeneidade da escrita são, na verdade, três modos de circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita e apontam para a divisão enunciativa do

escrevente que, no processo de escrever, ocupa lugares diferentes, em função de sua inserção em práticas sociais (orais e letradas).

Cada um dos eixos marca, portanto, um modo de relação do sujeito com a (sua) escrita. Vale destacar que, embora estes eixos sejam apresentados e examinados de modo separado (aqui e em Corrêa), não há entre eles uma hierarquia, uma vez que atuam em conjunto.

O primeiro desses, denominado eixo da “gênese da escrita” refere-se a “momentos em que, ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-la como representação termo a termo da oralidade, situação em que o escrevente tende a igualar esses dois modos de realização da linguagem verbal” (CORRÊA, 2004, p. 10). Embora o resultado da atuação desse eixo seja sequências gráficas calcadas em aspectos da oralidade, na concepção assumida por Corrêa (1997b, 2004) e também neste estudo, seria ingênuo considerá-las marcas da “interferência” da fala na escrita, em virtude de oral/falado e letrado/escrito estarem presentes na escrita sem condições de se estabelecer em limites rigorosos entre o que seria da fala e o que seria da escrita.

O segundo eixo, denominado eixo do “código institucionalizado”, caracteriza-se pelo momento em que os escreventes “buscam representar, em sua escrita, o que imaginam ser o código institucionalizado”, normalmente, se vinculado à visão escolarizada do código (CORRÊA, 2004, p. 165). Refere-se a situações em que se percebe a tentativa de “adequar” a (sua) escrita, a partir da imagem que se faz do código institucionalizado. Nessas ocorrências, “se evidenciam sempre o que o escrevente leva a extremos” (CORRÊA, 1997b, p. 271); por isso, caracteriza-se pelo excesso de “cuidado”, por reconhecer de modo oposto ao eixo anterior a escrita como autônoma.

Por fim, o terceiro eixo, o da “dialogia” com o já falado/escrito e com o já ouvido/lido é aquele em que o escrevente “põe-se em contato não só com tudo quanto

teve experiência oral, como também com a produção escrita em geral e com uma produção escrita particular” (CORRÊA, 2004, p. 11). Atuaria, aqui, a relação que o escrevente julga ser apropriada com a exterioridade sob a qual emerge seu texto, ou seja, outros textos, a própria língua, outros registros, outros enunciadores, outras possibilidades.

A circulação do escrevente por esses eixos pode ser observada mediante a observação de “marcas linguísticas presentes nas várias dimensões da linguagem: marcas prosódicas e/ou lexicais, marcas organizacionais do texto e marcas dos recursos argumentativos utilizados” (CORRÊA, 2001, p. 153), bem como por paráfrases ou trechos de outros textos.

Sintetizando, na perspectiva assumida por Corrêa, o processo de escrever mobiliza diferentes imagens: a que o escrevente faz de si, de seu interlocutor e da (sua) escrita, sistematizadas, em momentos em que assume a escrita como representação integral do oral/falado (gênese da escrita); momentos em que assume a escrita como código institucionalizado; e momentos de remissões a outros textos (falados e escritos) (CORRÊA, 1997b, 2004), ambos imbricados já que “não existiriam textos e/ou discursos que poderiam ser caracterizados como essencialmente orais ou escritos” (CORRÊA, 1997a, p. 142).

#### 1.4 Síntese

Os estudos discutidos neste capítulo permitiram-nos destacar os gestos de retorno do escrevente sobre a sua própria escrita, por nós denominados de rasura, na Crítica Genética, são estudadas como *traços* que permitem recuperar o processo de

escrita do autor, por meio da observação das *fissuras*, *manchas* e *rabiscos* deixados pelo escritor. Teoricamente, são interpretadas como rastros de um processo, permitindo reconstruir os antecedentes de um texto, em oposição à idealização da escrita como “dom”.

De modo diferente, nos estudos que consideram o gesto de retorno do escrevente (denominando-o de reescrita, refacção e reelaboração) uma atividade epilinguística, essas marcas são analisadas como indícios de “planejamento” do escrevente. Ou seja, movimentos das operações epilinguísticas para metalinguísticas, em que o escrevente parece “julgar” a sua escrita, buscando alterá-la.

Por último, nos estudos vinculados direta ou indiretamente às contribuições da Análise do Discurso e da Psicanálise, as rasuras são consideradas gestos de *voltar sobre o material escrito*, traços que indicam que algo foi posto à margem, dada a mudança da posição do sujeito na estrutura da língua. Nesses estudos, as rasuras (orais e escritas) seriam momentos que apontam a divisão enunciativa do escrevente, entre aquele que diz/escreve e o funcionamento linguístico. Esse conflito pode ir rumo à convenção ou à ruptura, por explicitarem equívocos inerentes a pontos sensíveis da língua.

Por fim, os estudos sobre rasuras ligadas à segmentação, também vinculados a reflexões da Análise do Discurso e da Psicanálise, conferem às rasuras o caráter de indícios da negociação do escrevente com as diferentes possibilidades da língua, em seus modos de enunciação falado e escrito. As rasuras emergiriam em momentos nos quais a escrita da criança está submetida à observação do próprio escrevente, marcados pela tentativa do escrevente de, em algum grau ou forma, inserir-se na escrita considerada “correta”, ou seja, situações nas quais o escrevente suspenderia a sua escrita, acrescentando ou apagando, dado o reconhecimento da diferença entre a sua escrita e a escrita do outro.

Semelhante aos pressupostos dos últimos estudos apresentados, assumimos que, as produções textuais dos escreventes são consideradas escritas em processo, sob as quais nos debruçamos para analisar as rasuras. Nesta perspectiva, a rasura permite visualizar a divisão enunciativa do sujeito entre pelo menos duas possibilidades abertas na língua.

Com base em das contribuições dos estudos de Corrêa, como adiantamos, objetivamos analisar rasuras ligadas à definição de espaços em branco, em textos de crianças, em momento de aquisição da escrita, produzidos no período relativo à 1ª a 4ª séries (antigas). Acreditamos que pesquisas sob essa perspectiva teórica podem “destacar a necessidade de mudanças de atitude quanto ao modo de encarar a escrita e, em particular, quanto ao modo de reconhecer sua heterogeneidade” (CORRÊA, 2001, p. 163), conduzindo a alterações nas estratégias didático-pedagógicas: da concepção idealizada de escrita e fala puras (em que tudo que destoa da chamada escrita padrão é considerado como interferência do oral no escrito), para a valorização do oral no escrito (CORRÊA, 2006a). Esse “novo” modo de conceber a escrita abre espaço para a valorização da presença do oral no escrito, bem como permite reconhecer o “acontecimento linguístico<sup>14</sup>”, ou seja, o trabalho do sujeito com a linguagem em sua singularidade (CORRÊA, 2006).

No caso específico desta dissertação, permite-nos, também, analisar as rasuras ligadas às segmentações não-convencionais considerando-as como pistas de um conflito vivenciado pela criança, que marca a relação sujeito-linguagem e sinaliza o trânsito do escrevente por práticas orais e letradas que caracterizam o *modo heterogêneo de*

---

<sup>14</sup> Em Corrêa (2006, 2013), o autor problematiza a noção tradicional de adequação utilizada no ensino de língua materna, propondo o tratamento dos enunciados a partir da noção de acontecimento de Pêcheux (1988). Nesta perspectiva, os produtos da enunciação falada e escrita devem ser analisados no interior de um acontecimento, ou seja, na sua singularidade individual e na sua especificidade, já que “um texto como acontecimento a ler não é nem a matéria gráfica ou sonora nem o suporte em que elas se inscrevem; não se reduz, portanto, a esses corpos”, pois cabe à memória discursiva o acesso à materialidade dos acontecimentos (CORRÊA, 2006, p. 284).

*constituição da escrita* (CORRÊA, 1997b, 2004). Neste processo, as “recusas” – expressas nos enunciados apagados, riscados – e as “escolhas” – visualizadas nos enunciados “finais” – realizadas pelos escreventes podem ser compreendidas de acordo com os seus diferentes modos de conceber a (sua) escrita: suposta gênese, código institucionalizado e na dialogia com o falado/escrito e ouvido/lido, definidos por Corrêa (1997b, 2001, 2004).

## CAPÍTULO 2: MATERIAL E MÉTODO

### 2.1 Introdução

Nesta seção apresentamos informações acerca do material e método para o desenvolvimento desta pesquisa. Para tanto, primeiro expomos a especificidade do banco de produções textuais do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (CNPq), utilizado nesta pesquisa, que subsidia também as pesquisas do Grupo de Pesquisas *Estudos sobre a escrita* (CNPq). Na sequência, apresentamos o *corpus* selecionado para esta pesquisa e suas principais características, bem como dificuldades e decisões metodológicas quanto à constituição desse *corpus*. Em virtude da natureza desta pesquisa, discorreremos sobre a pesquisa qualitativa, sob o enfoque teórico-metodológico do Paradigma Indiciário (GINZBURG, 1989), apresentando a especificidade desse tipo de pesquisa, quanto ao tratamento da análise das rasuras. Por fim, serão apresentadas as principais dificuldades e decisões metodológicas no que concerne à identificação das rasuras.

### 2.2 Material

#### 2.2.1 O banco de produções textuais

Para a presente pesquisa, dispúnhamos de um banco de produções textuais coletado por integrantes do Grupo de *Pesquisa Estudos sobre a linguagem* (CNPq), que subsidia também pesquisas do Grupo de Pesquisas *Estudos sobre a escrita* (CNPq). Essas produções textuais foram coletadas no período de abril de 2001 a dezembro de 2004, pela professora Dra. Cristiane Carneiro Capristano, num projeto coordenado pelo professor Dr. Lourenço Chacon (UNESP/Marília), objetivando organizar dados de

escrita de crianças em processo de escolarização que permitissem pesquisas de caráter longitudinal. Para a composição desse banco, foram acompanhadas as mesmas turmas da primeira a quarta série do ensino fundamental em duas escolas da rede municipal de ensino da cidade de São José do Rio Preto (SP).

Para a elaboração dos textos, as crianças produziam diversos enunciados, com diferentes propostas de produção textual, que contemplavam distintos gêneros discursivos, como relato, horóscopo, entrevista, listas etc. As atividades de produção textual eram realizadas individual e simultaneamente, por cerca de uma hora. O local de coleta foi a sala de aula, contando com o acompanhamento da professora responsável pela turma.

Durante a coleta de dados, a pesquisadora apresentava a proposta aos escreventes, mas não interferia de modo direto nas suas escolhas. Os textos do *corpus* podem ser considerados “produções textuais espontâneas” (CAGLIARI, 2002; SILVA, 1994)<sup>15</sup>, já que durante a coleta foi oportunizado que as crianças experimentassem, testassem, corrigissem, não havendo preocupação por parte dos professores sobre o resultado “correto”.

O banco de textos foi organizado por escola, série, proposta e escrevente, informações que serão utilizadas nesta dissertação como mecanismo de avaliação das principais tendências para a ocorrência de rasuras em segmentação da escrita.

---

<sup>15</sup>Os textos espontâneos, ao levarem em consideração fatos do dia a dia, histórias fantásticas, atividades de retextualização, estimulam a criança a escrever seu próprio texto (CAGLIARI, 2002; SILVA, 1994).

### 2.3 – O *corpus* de pesquisa

Neste trabalho, elegemos como *corpus* as produções textuais coletadas entre 2001 a 2004 de uma das escolas do banco: Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Jorge Sabino. Essa escola conta com alunos de classe média baixa, semelhante, neste sentido, à maioria das escolas brasileiras. Ao longo do ano de 2001, período em que os escreventes estavam na primeira série (atual segundo ano), foram coletadas 451 produções textuais divididas em 14 propostas de escrita. Na segunda série (atual terceiro ano), ano de 2002, foram coletados 471 produções textuais divididas em 15 propostas. Já na terceira série (atual quarto ano), ano de 2003, foram recolhidas 359 produções textuais divididas em 12 coletas. Por último, no ano de 2004, quando os escreventes estavam na quarta série (atual quinto ano) foram coletadas 421 produções textuais em 14 coletas. Assim, nosso *corpus*, inicialmente, era constituído de 1.702 produções textuais, divididas em 55 propostas.

A turma inicial da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. João Jorge Sabino contava com 35 alunos; todavia, ao longo do tempo de coleta, esse número foi sendo alterado devido a mudanças de período de alguns alunos ou ingresso de novos alunos na turma. Essa característica não se configura como um problema para nosso estudo, uma vez que serão consideradas todas as produções textuais. Além do volume de produções textuais, nosso *corpus* também reúne diferentes propostas, coletadas em diferentes momentos, por diferentes escreventes, fatos que permitem, por exemplo, uma análise longitudinal. Contamos, ainda, com dados explicativos do encaminhamento de cada proposta, o que possibilita compreender em que situações foram produzidos os enunciados.

Dado que faremos análise de rasuras em segmentação de palavras, também foi realizada a contagem da quantidade de palavras em cada texto, já que não existia um

padrão de quantidade de palavras, mas, sim, uma distribuição bastante heterogênea. Inicialmente, foi atribuída uma leitura ao texto<sup>16</sup>; na sequência, procedemos à contagem. Para a contagem, consideramos como palavras: (a) todas as palavras de conteúdo e todas as palavras gramaticais; (b) os números, quando registrados por extenso; (c) as interjeições e onomatopeias; (d) os nomes próprios. As palavras compostas com hífen foram contadas separadamente (por exemplo, consideramos que *guarda-chuva* corresponderia a duas palavras) e as abreviações foram contadas como uma palavra (CEP, por exemplo, equivaleria a uma palavra). Quando nos deparamos com palavras incompletas – por exemplo, *mena* para *menina*, – consideramos a palavra na contagem. Os casos de hipossegmentação, como “acasamarela”, foram contados levando em consideração as convenções ortográficas (nesse exemplo, três palavras). Fizemos o mesmo para os casos de hipersegmentação: “em trar” foi considerada uma palavra.

Com esses dados, pretendíamos analisar a relação palavra e rasura, a fim de comparar se haveria diferenças, ao longo dos anos, entre as proporções de rasuras em virtude da quantidade de palavras. Após a contagem, chegamos a um total de 108.418 (cento e oito mil e quatrocentos e dezoito) palavras, distribuídas em 55 propostas.

### 2.3.1 Dificuldades e decisões metodológicas relativas à constituição e à análise do *corpus*

Na análise do material de pesquisa, observamos que nem todas as produções textuais selecionadas poderiam ser incluídas em nosso *corpus*. Sendo assim, foram excluídas três produções textuais em que os escreventes não escreveram nada ou

---

<sup>16</sup>Nas figuras com recortes dos textos digitalizados, será inserida uma nota de rodapé na qual apresentaremos uma leitura preferencial desses recortes.

grafaram somente o seu nome. Nosso *corpus*, então, passou a ser constituído por 1.699 (um mil seiscentos e noventa e nove) produções textuais.

Vale destacar que, em alguns casos, havia textos nos quais somente era possível atribuir sentidos ao nome e ao cabeçalho registrados pelo escrevente. Nesses casos, os textos não foram excluídos; entretanto, ao contar o número de palavras dos textos, foram consideradas aquelas em que era possível atribuir leitura, tal como exemplificado na Figura 2.

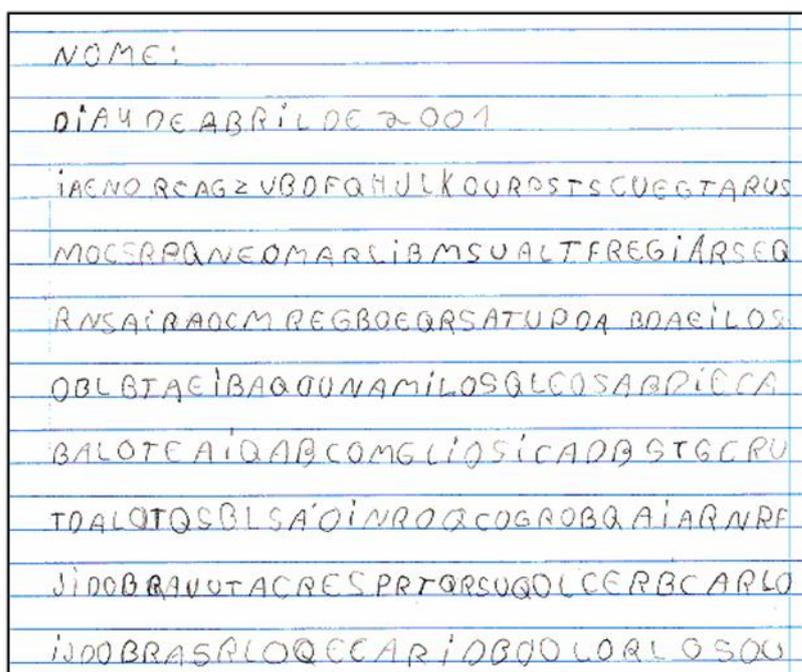


Figura 2: Texto com agrupamento de letras

O escrevente agrupa de modo aparentemente aleatório as letras que compõem o seu texto. Essa distribuição não permite ao pesquisador atribuir uma leitura ao referido texto, nem mesmo estabelecer parâmetros sobre o espaçamento entre “palavras”. Ao olharmos o enunciado, podemos perceber que o escrevente possui uma “ideia de escrita”; no entanto, desconhece a existência de uma ordem de colocação e de significação dos sinais usados nessa escrita (Cf. CAGLIARI, 2002, p. 121). Ocorrências como essas poderiam ser excluídas, todavia, foram consideradas, já que em uma parte do texto, no cabeçalho, consegue-se atribuir leitura.

Outra dificuldade recaiu sobre a inconstância da quantidade de alunos. Como o período de coleta foi longo (quatro anos), em algumas situações, alguns escreventes faltaram, outros foram transferidos, deixando de estudar nas turmas avaliadas, e outros ingressaram no decorrer do processo. Desse modo, comparar a quantidade de rasuras intra-ano não poderia ser simples, já que não tínhamos uma amostra homogênea (mesma quantidade de textos e alunos ao longo dos anos e propostas). Para resolver esse problema, recorreremos a apoio estatístico, sendo indicado o teste Z.

O teste Z é utilizado para comparar duas proporções provenientes de amostras distintas, precisando, para tanto, que os dados de um determinado período sejam considerados referência, ou seja, parâmetro para comparação (MEYER, 2000). Os dados obtidos na pesquisa foram digitados em planilha do programa Microsoft Excel 2010 e analisados estatisticamente com o auxílio do *Software SAS 9.1*, que avalia os percentuais por meio do teste Z, gerando tabelas pela comparação de proporções, estabelecendo-se um nível de significância de 5%, ou seja, foram consideradas significativas as associações cujo  $p < 0,05$ .

A aplicação deste teste parte sempre de um dado problema, por exemplo: no grupo  $A_{=(\text{quantidade de rasuras 2001})}$  e no grupo  $B_{=(\text{quantidade de rasuras 2002})}$ , as proporções de rasuras entre os anos pesquisados são estatisticamente relevantes ou obra do acaso? Para responder a esse problema, é preciso considerar duas hipóteses:

(A)  $H_0: p_1 = p_2$ , quando comparadas a quantidade de rasuras presentes nos textos de 2001 em relação às do ano de 2002 *não são encontradas diferenças significativas estatisticamente*, ou seja, as diferenças observadas são devido ao acaso.

(B)H<sub>1</sub>:  $p_1 > p_2$ , quando comparadas a quantidade de rasuras presentes nos textos de 2001 em relação às do ano de 2002 *são encontradas diferenças* significativas estatisticamente, ou seja, os alunos parecem rasurar mais em 2001 que em 2002.

Os resultados encontrados por meio da aplicação do teste Z, expressos em tabelas, serão explorados na análise dos resultados.

A variabilidade na quantidade de palavras nas produções textuais<sup>17</sup> foi outra dificuldade enfrentada. Cada escrevente era livre para escrever o quanto julgasse necessário. Julgamos que, quanto maior o número de palavras registradas, maior a probabilidade de emergirem rasuras em segmentação, fato que poderia levar a um resultado tendencioso, ou seja, as propostas com mais palavras provavelmente teriam mais rasuras; logo, a variável envolvida não seria *ano*, mas, sim, a quantidade de *palavras*.

Para resolver essa dificuldade, recorreremos novamente ao apoio estatístico, por meio da análise do teste Z, considerando a quantidade de palavras presentes nos textos de cada ano, em relação à quantidade de rasura, a fim de verificar se existiriam diferenças intra-ano.

Conforme afirmamos, para esta pesquisa, serão consideradas todas as produções textuais coletadas ao longo dos anos 2001 a 2004, em uma das escolas do banco de produções textuais do qual dispomos. Nessas produções, pretendemos identificar momentos em que as crianças “rasuram” o material escrito. Entretanto, não foram consideradas todas as rasuras, somente aquelas que atendiam aos objetivos propostos,

---

<sup>17</sup> Além das variáveis quantidade de texto e quantidade de palavra, também consideramos a variável tipo/gênero textual, com base em estudos de Bakhtin (1999), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Corrêa (2006b). Contudo, no decorrer da pesquisa, essa variável não se mostrou eficiente para análise, já que demandava análise de inúmeros outros aspectos das condições de produção, não disponíveis neste *corpus*. Sendo assim, optamos por excluir a análise com base no tipo/gênero textual.

ou seja, rasuras que, de alguma forma, estivessem ligadas à segmentação. Munidos desse mapeamento, será possível observar tendências no aparecimento das rasuras ligadas à quantidade de rasuras por série/ano, por quantidade de textos e por quantidade de palavras em cada texto, atendendo assim, a um dos nossos objetivos específicos.

#### 2.4 A pesquisa qualitativa e o Paradigma Indiciário

A pesquisa que desenvolvemos, embora recorra a recursos quantitativos para apontar tendências, tem caráter predominantemente qualitativo. Na pesquisa qualitativa, a teoria vai sendo construída e reconstruída ao longo do processo de pesquisa (ANDRÉ, 2000). A pesquisa de cunho qualitativo permite analisar dados com características únicas, relevantes para uma compreensão do fenômeno estudado (ANDRÉ, 1983) e, nela, “a investigação científica não termina com os dados; ela começa com eles”, cabendo ao investigador integrar os fatos e resultados num esquema explicativo (ALVES, 1981 apud MEAD, 1938). Logo, o pesquisador construirá suas hipóteses, bem como buscará teorias que os expliquem.

Aliada à perspectiva qualitativa, adotamos o paradigma indiciário como recurso metodológico. O paradigma indiciário foi proposto por Ginzburg (1989), que partiu da ideia de que a história tradicional ocultou diversos detalhes (considerados por ele relevantes para a história) e que se transformam em objeto de seus estudos. Em seus trabalhos, Ginzburg (1983) ressalta a importância de um método interpretativo centrado em resíduos. Para esse autor, o ápice desse método investigativo se deu no século XIX; entretanto, suas raízes são muito antigas, já que as habilidades humanas que possibilitaram ao homem ser um caçador – operações mentais complexas de articulação

da leitura de sinais, tais como as pegadas dos animais – configuram-se como indiciárias. Com base nessa analogia, Ginzburg (1989) propõe um modo de análise semelhante à crítica de arte, à medicina e à psicanálise, ancorado na busca por sinais peculiares, semelhante ao método de Sherlock Holmes (Morelli).

Na base da metodologia indiciária proposta por Ginzburg, encontra-se o método abduutivo, que consiste na busca de uma conclusão pela interpretação de indícios, iniciando pelos fatos para sugerir hipóteses. Aproxima-se, portanto, ao ato de “seguir os fios de um tear” (GINZBURG, 1983, p. 119), pois, nesse método, centraliza-se a pesquisa na observação atenta dos dados, procurando explicações para eles. Tal como concebe Chauí (1994), a abdução consiste na busca de uma conclusão pela interpretação racional de sinais. Cabe destacar, ainda, que, nas pesquisas realizadas com base nesse paradigma,

torna-se necessário (...) o estabelecimento de um rigor metodológico diferenciado daquele instaurado pelas metodologias experimentais, uma vez que o olhar do pesquisador está voltado, neste paradigma, para a singularidade dos dados. No interior desse ‘rigor flexível’ (tal como o denomina Ginzburg) entram em jogo outros elementos, como a intuição do investigador na observação do singular, do idiossincrático, bem como sua capacidade de, com base no caráter iluminador desses dados singulares – tal como propõe o paradigma indiciário – formular hipóteses explicativas interessantes para aspectos da realidade que não são captados diretamente, mas, sobretudo, são recuperados através de sintomas, de indícios (QUARTAROLLA, 1994 apud DUARTE 1998, p. 14).

O Paradigma Indiciário configura-se como um tipo de pesquisa de natureza qualitativa na qual o tratamento indiciário “se apóia na idéia de que, sendo a realidade opaca, alguns de seus sinais e indícios permitiriam ‘decifrá-la’, no sentido de que indícios mínimos podem ser reveladores de fenômenos mais gerais” (SUASSUNA, 2008, p. 364). Conforme esse mesmo autor, não cabe nesse tipo de pesquisa, a espera

pela repetibilidade dos dados, mas, sim, a interpretação das ocorrências em suas peculiaridades relevantes ao que se busca compreender.

Cabe ao pesquisador, nessa perspectiva, realizar a análise qualitativa concomitantemente à observação, decidindo quais ocorrências devem ser considerados e quais devem ser abandonados (SUASSUNA, 2008). A preocupação reside além da regularidade e está centralizada em indícios, que merecem ser decifrados à luz dos objetivos propostos.

Os pressupostos teórico-metodológicos do Paradigma Indiciário foram importantes para esta pesquisa, principalmente na identificação e na categorização das rasuras. Por um lado, o método indiciário auxiliou-nos a reconhecer o estatuto flexível da rasura em diferentes textos, considerando as especificidades da escrita e a singularidade de gestos utilizados pelos escreventes para “separar” ou “unir” palavras. Por outro, permitiu categorizarmos os dois gestos indiciados pela rasura (antes e após rasuramento), gestos que denominamos como primeiro e último gesto de escrita. Nessa categorização, buscamos identificar conflitos do escrevente com a representação da sua escrita, no que tange à definição de espaços em branco.

Na seção seguinte, explicitaremos, justamente, os procedimentos usados para identificar e categorizar as rasuras.

#### 2.4.1 Identificação das rasuras

Para identificarmos e categorizarmos as rasuras ligadas à segmentação, partimos das categorias criadas por Capristano (2007b, 2010a), com base em de Abaurre (1991,

1992), Abaurre et. al. (1997), Calil (1995, 2007) e Felipeto e Calil (2007). Assim, consideramos as seguintes categorias:

- (i) apagamento;
- (ii) inserção;
- (iii) escrita sobreposta;
- (iv) falso início.

Considerou-se *apagamento* a ocorrência na qual o escrevente retorna sobre o material escrito, visando a anular um segmento. Em nosso estudo, esse segmento pode ser uma letra, uma sílaba, uma palavra ou, mesmo, traços de junções. O apagamento, em geral, ocorre com a borracha e, nessas situações, nos ancoramos na “sombra” deixada pelo apagamento mal sucedido. Na 4ª série, houve a inclusão da caneta, ocorrendo situações em que o apagamento era realizado por meio da sobreposição de “riscos”, ou seja, uma rasura “riscada” (CALIL, 2008) que, em nosso estudo, foi considerada como *apagamento*. No exemplo a seguir, apresentamos uma ocorrência em que ocorre apagamento. Nesta ocorrência, a criança escreve “*ouvido[ca]*” e, posteriormente, apaga a sílaba ‘ca’, grafando *ouvido canudo*.

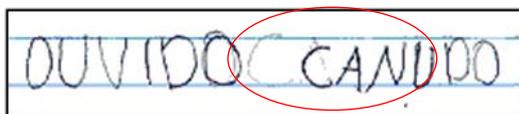


Figura 3: Apagamento

Outro gesto considerado rasura, em nossos estudos, reside na *inserção*. Consideramos inserção momentos nos quais o escrevente retorna ao material escrito e acrescenta letras, sílabas, palavras ou traços. Na inserção, fica visível o fato de o escrevente não suprimir o material anteriormente escrito, mas, sim, mudar o fluxo do

seu dizer, por meio do acréscimo, conforme o exemplo a seguir, no qual podemos notar a inserção de um traço, a fim de orientar que são duas palavras e não uma:

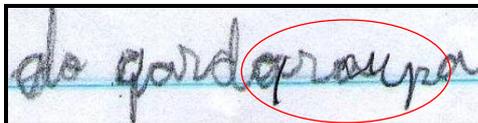


Figura 4: Traço de inserção

O terceiro gesto de rasura é denominado de *escrita sobreposta*. Ele ocorre no momento em que a criança escreve em cima do material anteriormente escrito, alterando letras, sílabas palavras ou partes dessa. Diferente do apagamento, os elementos “destruídos” e “construídos” coexistem, conforme o exemplo a seguir, em que ocorre a sobreposição do final do ‘a’ de ‘para’, com o início do ‘a’ de ‘avozinha’:

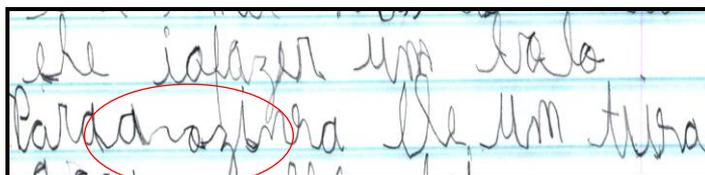


Figura 5: Escrita sobreposta

Por fim, *falso início* refere-se aos momentos em que se percebem hesitações, traços que sinalizam o início de um projeto de escrita abandonado em função de outro. Nessas ocorrências, o escrevente inicia a escrita de uma letra, uma sílaba, uma palavra e a recusa, por algum motivo, conforme a Figura 06, na qual o escrevente, ao grafar ‘o’, inicia a escrita da palavra seguinte, “martelo”, representando “o[martelo]”:



Figura 6:Falso Início

Não nos deteremos na análise comparativa entre esses gestos, mas apenas os identificaremos nas produções textuais do nosso *corpus*. Na verdade, essas categorizações servem-nos apenas como bússola, já que não foram identificados limites fixos entre esses diferentes gestos de rasurar.

#### 2.4.2 Dificuldades e decisões metodológicas relativas à identificação das *rasuras*

Metodologicamente, para realização do trabalho de mapeamento das rasuras, seguimos três etapas de sua identificação nos textos originais: (A) identificação das rasuras pela autora; (B) confirmação, pela autora, do mapeamento das rasuras realizado na primeira etapa; (C) discussão dos mapeamentos elaborados mediante análise da orientadora e da pesquisadora conjuntamente. Essas etapas de identificação foram produzidas com auxílio de uma lupa de leitura LL-975 (aumento 2X, com luz). Cumpridas essas etapas, identificamos e organizamos as rasuras por meio das cópias digitalizadas. São essas rasuras, identificadas no material digitalizado, que serão apresentadas no corpo deste trabalho.

Compreendemos que essa transposição de dados do original para o digitalizado traz perdas de qualidade, em virtude das limitações do *scanner*; no entanto, julgamos importante apresentar as rasuras digitalizadas, porque elas permitem visualizar a materialidade desta pesquisa. Por isso, para melhor esclarecimento, além da apresentação do recorte, também será descrito o movimento realizado pelo escrevente ao longo da análise qualitativa.

Decidir se uma rasura incidiu ou não em momentos de segmentação da escrita não é tarefa fácil, em virtude das heterogêneas distribuições dos espaços em branco

entre as letras que compõem os enunciados escritos pelas crianças. Discorremos, a seguir, sobre dificuldades metodológicas encontradas ao longo desta pesquisa para a identificação e validação das rasuras em segmentação.

Em algumas ocorrências, podia-se perceber o “voltar sobre” expresso pela rasura, mas não era possível identificar qual gesto havia sido abandonado, já que o escrevente realizava inúmeros apagamentos na produção textual, fazendo com que não fosse possível distinguir os gestos realizados, contribuindo, assim, para a não inclusão das rasuras encontradas no texto, tais como o exemplo a seguir:

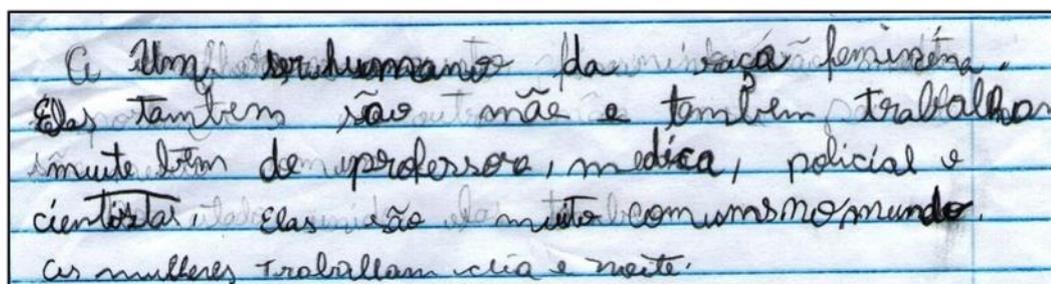


Figura 7: Texto com sucessivos apagamentos e escritas sobrepostas<sup>18</sup>

Na Figura 7, observamos inúmeras rasuras. No entanto, não é possível precisar se dão em momentos de segmentação ou em outro momento; por isso, rasuras como estas não foram consideradas neste estudo.

Em outras situações, houve dificuldade de reconhecer se houve preocupação com a definição de espaços em branco ou se se tratava de uma singularidade da distribuição de espaços realizada pelo escrevente. Para ratificar ou não as rasuras, recorríamos à observação minuciosa da escrita do escrevente, ao longo do texto, para, distinguir traços comuns da escrita de rasuras em segmentação, como no exemplo a seguir:

---

<sup>18</sup>Leitura preferencial: *Um ser humano da raça feminina. Eles também são mãe e também trabalham muito bem de professora, médica, policial e cientistas. Elas são muito comuns no mundo. As mulheres trabalham dia e noite.*

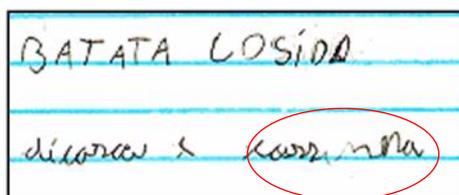


Figura 8: Ocorrência excluída<sup>19</sup>

Pareceu-nos, em uma primeira análise, que o escrevente grafava “cozinha” [cozinha] e, por algum motivo, volta sob o material escrito, tentando apagar, separando “cozi#nha”. Durante a análise dos dados, decidimos, com apoio de uma lupa, excluir o dado, uma vez que, após sucessivas observações, parecia-nos que o escrevente havia realizado um apagamento que não parecia ser fruto de uma preocupação com a delimitação dos espaços em branco. Assim, além de observar os momentos em que o escrevente rasura, também é necessário buscar tendências de escrita, traços individuais que contribuem para as tomadas de decisão relativas à inclusão ou à exclusão de dados. Para exemplificar um pouco mais nosso percurso, vejamos, também, o exemplo a seguir (Cf. fig. 09):

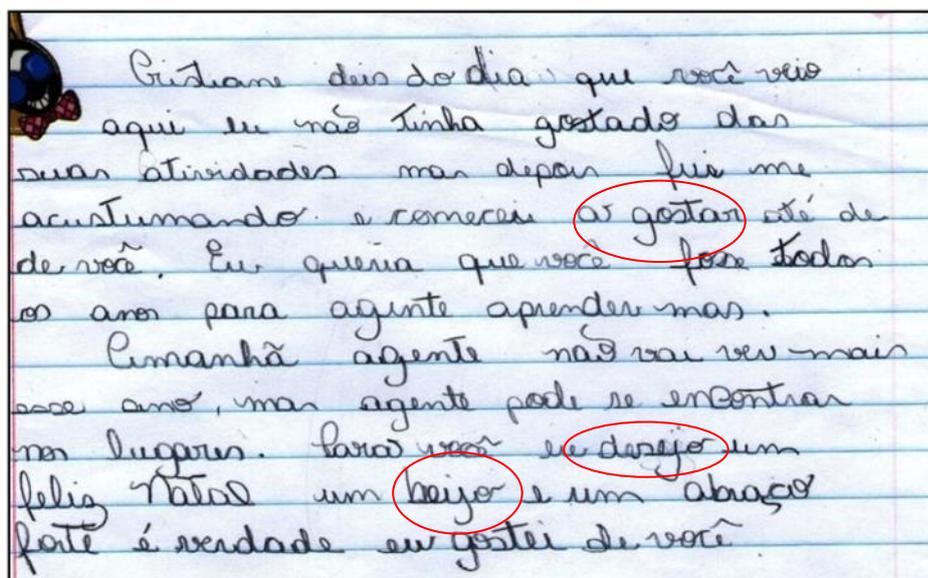


Figura 9: Dificuldade metodológica para identificação do falso início<sup>20</sup>

<sup>19</sup>Leitura preferencial: *Batata cozida. Descasca e cozinha.*

<sup>20</sup>Leitura preferencial: *Cristiane desde o dia que você veio aqui eu não tinha gostado das suas atividades, mas depois fui me acostumando e comecei gostar até de você. Eu queria que você fosse todos*

Num primeiro olhar, o trecho “a gostar” parece-nos uma ocorrência de falso início, já que, ao grafar “a”, parece-nos que o escrevente inicia a grafia da palavra seguinte “gostar”. Todavia, ao lermos o enunciado completo, podemos perceber que o escrevente, frequentemente, realiza o gesto de estender o traço final da última letra da palavra, como, por exemplo, em, “desejo” e “beijo”. Essa observação fez com que optássemos pela exclusão desse tipo de dado.

No quarto ano os escreventes foram autorizados a utilizar caneta e corretivo. Essa liberação limitou a análise de algumas rasuras, nas quais não se consegue notar o gesto anterior, seja pelo acúmulo de corretivo, seja pela dificuldade de identificar a escrita anterior em virtude da sobreposição de escritas à caneta na mesma palavra, como por exemplo:

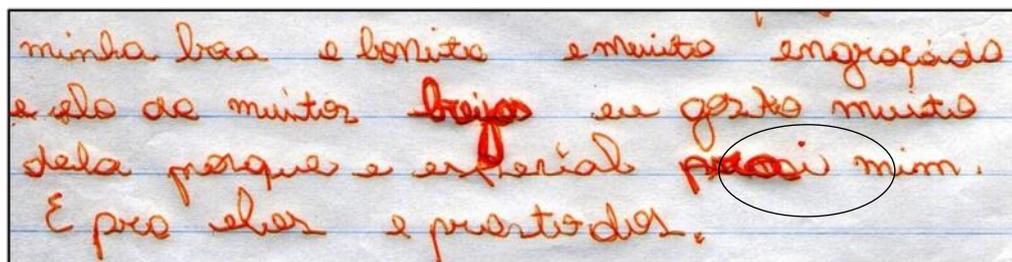


Figura 10: Escrita sobreposta de caneta sobre a caneta “pra mim”<sup>21</sup>

Nessa ocorrência, não conseguimos visualizar o que foi escrito antes da sobreposição de “pra”, devido às inúmeras sobreposições à caneta, levando-nos a não considerar rasuras como esta, dada a impossibilidade de reconstruir a gênese para verificar se o conflito vincula-se à segmentação.

Em algumas ocorrências, o escrevente realizava mais de uma operação – por exemplo: escrevia parte da letra inicial da segunda palavra (falso início) e depois a

---

*os anos para a gente aprender mais. Amanhã a gente não vai ver mais esse ano, mas a gente pode se encontrar nos lugares. Para você eu desejo um feliz natal, um beijo e um abraço forte. É verdade eu gostei de você.*

<sup>21</sup> Leitura preferencial: *Minha boca é bonita e engraçada e ela dá muitos beijos. Eu gosto muito dela porque é especial pra mim. E pra eles e pra todos.*

apagava. Nessas situações, foi tomada a decisão metodológica de adotar o último gesto realizado, ou seja, o apagamento, como no exemplo a seguir, em que, ao grafar “da aula”, primeiro se escreve “daa” (falso início) e depois se apaga o “a”, agora, um apagamento:

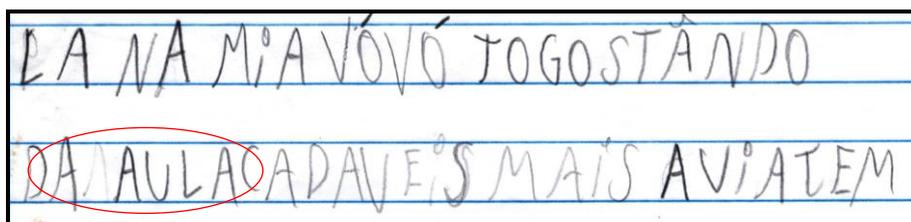


Figura 11: Falso início “daa” apagamento “da aula”<sup>22</sup>

Também houve momentos nos quais o escrevente rabiscava o material, visando a cancelá-lo, embora, sem utilizar borracha ou corretivo para apagá-lo. Para explicar essas ocorrências, recorreremos aos estudos de Mayrink-Sabinson (1994, p. 356). Para essa autora, rabiscos sobrepostos podem ser considerados “apagamento”, uma vez que, após o rabisco “a escrita deixou de existir”. Semelhantemente à compreensão de Mayrink-Sabinson (1994), essas ocorrências foram consideradas apagamento, dada a “intenção” do escrevente, como em “discuti”, cuja letra “c” foi “apagada” mediante sucessivos riscos.

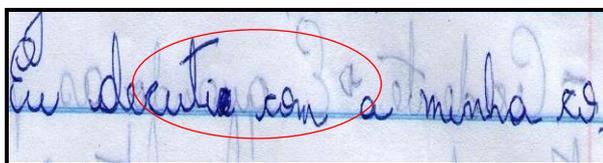


Figura 12: Ocorrência de “apagamento” por meio de rabiscos<sup>23</sup>

<sup>22</sup> Leitura preferencial: Lá na minha vovó estou gostando da aula cada vez mais. A viagem [...]

<sup>23</sup> Leitura preferencial: Eu discuti com a minha co[lega]

Com base nesses critérios, foram encontradas 367 (trezentas e sessenta e sete) rasuras. Contudo, foram excluídas 03 rasuras, a fim de se preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, em virtude de incidirem sobre a segmentação na escrita de seus nomes. Totalizamos, então, 364 (trezentas e sessenta e quatro) rasuras ligadas à segmentação.

## 2.5. Síntese da perspectiva assumida pelo presente trabalho

Nesta pesquisa, o material analisado foi constituído de 1699 produções textuais, coletadas durante quatro anos (2001-2004), período no qual os escreventes cursavam da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental. Nesse material foram identificadas 364 rasuras ligadas à distribuição dos espaços em branco, ou seja, à segmentação.

Para o desenvolvimento deste estudo, recorreremos a uma pesquisa qualitativa, à luz do Paradigma Indiciário apresentado por Ginzburg (1989). A perspectiva teórica indiciária é rica, em primeiro lugar, por abrir espaços para pesquisas como esta, fundadas em eventos da micro-história dos escreventes, em momento de aquisição da escrita e, em segundo, por permitir ao pesquisador buscar tendências baseando-se num escopo teórico delimitado e do olhando de modo atendo para os dados.

Com base no arcabouço teórico explicitado nas seções teóricas anteriores e na perspectiva metodológica assumida precedentemente, na próxima seção, serão explicitados os resultados do presente estudo.

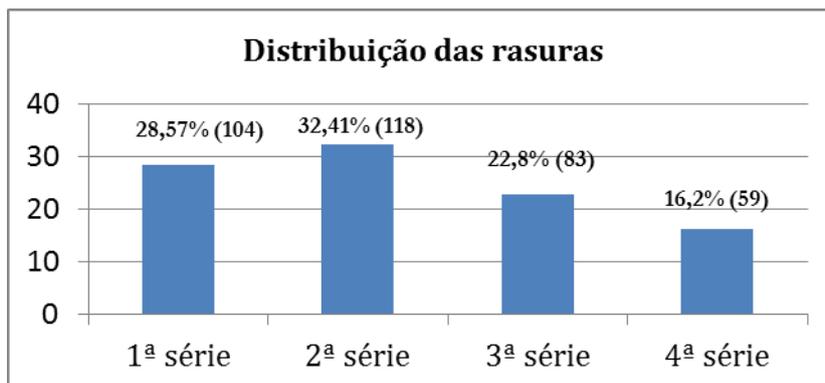
## CAPÍTULO 3: RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1. Introdução

Nesta seção, são expostos os principais resultados desta pesquisa, na qual buscávamos apresentar e descrever possíveis fatores que concorrem para a emergência de rasuras ligadas à segmentação, em produções textuais elaboradas por crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental I, ao longo de quatro anos, verificando tendências (quantitativas e/ou qualitativas) para o aparecimento dessas rasuras. Os resultados do objetivo específico inicial de *examinar se existem diferenças na quantidade de rasuras ao longo das séries pesquisadas, considerando as variáveis: ano, quantidade de texto e quantidade de palavra* serão apresentados na seção “Quantificação das rasuras em segmentação gráfica”, enquanto que os resultados vinculados ao segundo objetivo específico – *verificar se as duas possibilidades de segmentação expostas pela rasura ocorrem mais em direção às práticas letradas ou mais em direção às práticas orais* – serão expostos na seção “Hipersegmentações, hipossegmentações e escrita convencional: caminhos possíveis”.

### 3.2 Quantificação das rasuras em segmentação gráfica

Foram identificadas, nas 1699 produções textuais que constituem o corpus desta pesquisa, **364** (trezentas e sessenta e quatro) rasuras vinculadas à segmentação. Essas rasuras estavam distribuídas da seguinte forma:



**Gráfico 1** – Rasuras em segmentação presentes nas produções textuais 2001- 2004

Baseados nos dados absolutos e percentuais, identificamos que, na 2ª série, cursada em 2002, ocorreram mais rasuras em segmentação, já que os resultados dessa série representam o percentual de 32,41% (118) de rasuras ligadas à segmentação, em oposição aos da 4ª série, em que foram identificadas 16,2% (59) de ocorrências. Outro destaque se deve ao fato de que, nas 1ª e 2ª séries, a quantidade de rasuras ligadas à segmentação não parece ser muito diferente, uma vez que foram identificados, respectivamente, os seguintes resultados: 28,57% (104) e 32,41% (118). Também, quando comparadas as duas primeiras séries (1ª e 2ª) em relação às duas séries finais (à época, 3ª e 4ª), foi possível perceber uma tendência de maior quantidade de rasuras nas duas séries iniciais e de menor quantidade de rasuras nas séries finais, principalmente na 4ª série, sinalizando uma mudança no tocante à segmentação depois de concluídas as duas séries iniciais do Ensino Fundamental I.

Essa maior tendência de rasuras ligadas à segmentação nas duas séries iniciais e de menor nas duas séries finais, com destaque maior para a 4ª série, embora relevante por nos permitir visualizar um panorama geral da distribuição das rasuras, parecia-nos imprecisa, em virtude da heterogeneidade do *corpus* analisado, que conta, ao longo das séries, com um número diversificado de textos, os quais, muitas vezes, organizam-se com uma quantidade de palavras bastante heterogênea (textos com três palavras, enquanto outros com mais de 30 palavras, por exemplo). Diante dessa ponderação,

precisávamos analisar se esses achados não seriam fruto da quantidade de textos (diferente entre as séries) ou da quantidade de palavras (bastante heterogênea entre os textos).

A fim de verificar essa possibilidade, como definido na Metodologia, adotamos o Teste Z (Software SAS 9.1)<sup>24</sup>, considerando, ao longo das séries pesquisadas, a quantidade de rasuras em segmentação em relação à quantidade de *textos* e de *palavras*. Com base nesses parâmetros, visávamos a responder ao seguinte problema: ao compararmos os valores estabelecidos em P1 (quantidade de rasuras) e P2 (quantidade de textos/palavras), as proporções de rasuras entre os anos pesquisados podem ser consideradas estatisticamente significativas ou obra do acaso? Para resolver esse problema teríamos que considerar duas hipóteses (descritas a seguir), cuja análise realizada pelo Software gerará uma tabela de resultados<sup>25</sup>:

- (1)  $H_0: p_1=p_2$ , quando comparadas à quantidade de rasuras presentes nos textos de 2001<sup>26</sup> em relação às do ano de 2002<sup>27</sup> *não são encontradas diferenças significativas estatisticamente, ou seja, as diferenças observadas são devido ao acaso.*

---

<sup>24</sup> Neste teste, foram analisados dois grupos: (1) **Grupo A (P1)**: representa a quantidade de rasuras; e (2) **Grupo B (P2)**: representa a quantidade de textos ou de palavras. Para a realização do teste, consideramos os dados obtidos em uma determinada série como ponto de referência, ou seja, padrão para a comparação. O nível de significância adotado foi de 5% ( $p=0,05$ ) (margem de erro)

<sup>25</sup> As informações da tabela gerada pelo Teste Z organizam-se da seguinte forma: nas cinco primeiras colunas são apresentados os dados coletados e exportados para o Software: ano, série, quantidade de rasura, quantidade de texto e porcentagem (correlação quantidade de rasuras por texto, mediante cálculo de percentual simples). Na coluna denominada 'P' (probabilidade), são expressos os resultados da análise do programa. Para que esse resultado seja considerado significativo estatisticamente, ou seja, não ser atribuído a uma obra do acaso, mas, sim, a dados que apontam para diferenças (para mais ou para menos), o valor resultante de 'p' deve ser igual ou menor que 0,05. Os resultados significativos são expressos com um símbolo de asterisco, para diferenciá-los dos demais. Outra importante informação é que, uma vez considerado diferente, não há gradação na diferença, ou seja, embora possam existir inúmeros valores entre 0,05 e 0, todos são igualmente considerados dados significativos.

<sup>26</sup> A análise foi realizada levando em consideração os anos de 2001, 2002, 2003 e 2004 como referência ou padrão para comparação.

<sup>27</sup> A análise também levou em consideração todos os anos pesquisados.

(2)  $H_1: p_1 > p_2$ , quando comparadas à quantidade de rasuras presentes nos textos de 2001 em relação às do ano de 2002 *são encontradas diferenças* significativas estatisticamente, ou seja, os alunos parecem rasurar mais em 2001 que em 2002.

Os resultados obtidos, por meio do teste Z, foram os seguintes:

**Tabela 1:** Distribuição das rasuras em segmentação/número de textos, 2001- 2004.

Ano	Série	Quantidade de rasura	Quantidade de texto	%			P	
2001	1 <sup>a</sup>	104	451	23,1	Referência	0,5238	0,9466	0,0005* <sup>28</sup>
2002	2 <sup>a</sup>	118	471	25,1	0,5238	Referência	0,5055	0,0001*
2003	3 <sup>a</sup>	83	359	23,1	0,9466	0,5055	Referência	0,0011*
2004	4 <sup>a</sup>	59	421	14,0	0,0005*	0,0001*	0,0011*	Referência

\* Existe diferença pelo teste Z para comparação de proporções considerando nível de significância de 5%.

De modo geral, as porcentagens relativas à *quantidade de rasura*, em relação à *quantidade de textos*, são diferentes entre os anos pesquisados. Todavia, há diferença significativa estatisticamente somente em relação ao ano de 2004, indiferentemente do ano considerado como referência. Logo, no ano de 2004, período no qual os escreventes cursavam a 4<sup>a</sup> série, como nos achados anteriores, em termos de dados gerais, ocorre uma redução importante na quantidade de rasuras, que sinaliza uma mudança na relação sujeito-linguagem no tocante à segmentação dada a diminuição dos conflitos explicitados pela rasura.

Na etapa seguinte, analisamos se, quando considerada a *quantidade de palavras*<sup>29</sup> escritas ao longo dos textos, ocorreria modificação dos resultados anteriores. Novamente, dada à heterogeneidade dos dados, recorreremos ao teste Z. Ao exportarmos os dados para o software, obtivemos o seguinte resultado, expresso na Tabela 2:

<sup>28</sup> O valor de “p” apresentado nas tabelas, usualmente, é composto por quatro ou cinco casas decimais, independente do nível de significância adotado. Neste estudo, o nível de significância adotado foi todo valor igual ou menor que 0,05.

<sup>29</sup> Conforme descrito na metodologia, foi atribuída uma leitura a todos os textos, a fim de contar a quantidade de palavras reconhecida em cada um deles.

**Tabela 2:** Distribuição das rasuras em segmentação/número de palavras, 2001- 2004.

Ano	Série	Quantidade de rasura	Quantidade de palavra	%	P			
2001	1°	104	16015	0,64	Referência	0,0009*	0,0001*	0,0001*
2002	2°	118	28728	0,41	0,0009*	Referência	0,0001*	0,0001*
2003	3°	83	27057	0,31	0,0001*	0,0001*	Referência	0,9999
2004	4°	59	36618	0,16	0,0001*	0,0001*	0,9999	Referência

\* Existe diferença pelo teste Z para comparação de proporções considerando nível de significância de 5%

Nos resultados expressos na Tabela 2, é possível observar que, se a 1ª e a 2ª séries forem tomadas como referência, todos os valores obtidos são estatisticamente significativos. Ou seja, existe diferença na correlação rasura e quantidade de palavras entre a 1ª série com relação às séries subsequentes e, também, entre a 2ª e todas as outras séries. No entanto, se a 3ª série for tomada como referência, só há diferença estatisticamente significativa em relação à 1ª e à 2ª séries, mas não em relação à 4ª série. O mesmo ocorre se a 4ª série for tomada como ponto de referência: só há diferença estatisticamente significativa em relação à 1ª e à 2ª séries, mas não em relação à 3ª série. Ou seja, os dados obtidos na 3ª e 4ª séries são estatisticamente iguais.

Esses resultados nos levaram a cogitar se não seria possível haver diferença estatisticamente significativa se considerados os dados em dois grandes blocos: duas séries iniciais e duas séries finais. Novamente, recorremos ao teste Z e obtivemos os resultados expressos na Tabela 3:

**Tabela 3:** Distribuição das rasuras em segmentação/número de palavras em bloco.

Ano	Série	Quantidade de rasura	Quantidade de palavra	%	p
2001/2002	1°/2°	222	44743	0,5	0,0011*
2003/2004	3°/4°	142	63675	0,2	

\* Existe diferença pelo teste Z para comparação de proporções considerando nível de significância de 5%

Conforme descrito na Tabela 3, quando comparada a *quantidade de rasuras* em relação à *quantidade de palavras*, reunindo os dados em blocos (1ª e 2ª X 3ª e 4ª), o Teste Z indicou diferença significativa entre os percentuais de rasuras/palavras,

sinalizando que realmente nas duas séries iniciais os conflitos explicitados pela rasura são mais recorrentes, em oposição aos das séries finais (3ª e 4ª), momento no qual os conflitos diminuem, ratificando, portanto, a hipótese levantada quando da análise do Gráfico 1, ou seja, ocorre uma mudança em relação aos conflitos explicitados pela rasuras ligadas à segmentação, uma vez que esses conflitos são mais recorrentes nas séries iniciais (1ª e 2ª) e menos recorrentes nas finais (3ª e 4ª).

Ao cruzarmos as informações das Tabelas 2 e 3, identificamos que, por um lado, não há diferença significativa entre os percentuais de rasuras/palavras da 3ª e da 4ª série, por outro, há diferença entre a quantidade de rasuras/palavras da 3ª e 4ª série juntas em relação às 1ª e 2ª séries. Esse cruzamento de informações nos leva a crer na existência de uma mudança na representação da escrita da criança nas duas últimas séries pesquisadas, dada a visível diminuição da quantidade de rasuras ligadas à segmentação. Embora estatisticamente não haja diferença entre a quantidade de rasuras da 3ª e 4ª série, aventamos a hipótese de que, na 4ª série, a maior imersão das crianças em experiências orais e letradas institucionalizadas pela escola, aliada à mudança para escrita em caneta podem contribuir para a diminuição da quantidade de rasuras. A confirmação ou não dessa hipótese merece mais pesquisas. .

Na perspectiva teórica de aquisição da escrita a qual se filia esta pesquisa, essa redução é entendida com um sinal da maior inserção da criança em práticas letradas (escolarizadas ou não), que afeta a representação do que seja “escrita” para o escrevente, levando-o a diminuir os momentos de conflito explicitados pela rasura (CAPRISTANO, 2007b, 2013). Todavia, como defende Capristano (2007b), reconhecemos que esses conflitos nunca cessam por completo, apenas deixam de ser “denunciados” pelas rasuras, em virtude da captura da criança pela escrita em sua dimensão simbólica (Id. Ibid., p. 80).

O fato de a 4ª série ser o período com menor explicitação dos conflitos quanto à forma de segmentar também pode ter sido motivado pelas mudanças ocorridas nessa série em relação ao modo de escrever. Os escreventes, nessa série, passaram a utilizar caneta e, ao rasurar um escrito em caneta, o escrevente precisa recorrer ao corretivo (material pouco utilizado nos textos das crianças do nosso *corpus*) ou mesmo criar estratégias, como riscos sobrepostos, para indicar o cancelamento, resultando, visualmente, num “borrão”, recusado pela escola. Por conseguinte, o escrevente ficaria dividido entre “borrar”, objetivando “refazer”, ou manter o texto “limpo”. A segunda opção parece ser a mais desejada nas práticas escolares, o que poderia fazer com que o texto escrito adquira, para alguns escreventes, um caráter “definitivo”, já que, materialmente, o uso da caneta imprime dificuldade para cancelamento. Essas considerações podem ter motivado um número menor de rasuras em segmentação, configurando-se, assim, como um importante indício da influência da utilização da caneta na constituição da escrita.

Vale lembrar, ainda, que, essa série configura-se como etapa final do primeiro ciclo do ensino fundamental, em vigência à época da coleta. A nosso ver, esse período opera de modo particular na representação da escrita da criança e, como exposto em Capristano (2013, p. 683), “sinaliza mudanças na relação sujeito/linguagem, já que coloca em evidência a diminuição de momentos de conflito que afetam a relação entre o sujeito e a dimensão ortográfica da (sua) escrita, no tocante à segmentação”.

Em síntese, com base nos resultados expressos no Gráfico 1, inferimos que, numa análise global, sem levar em consideração quantidade de texto e de palavra, as crianças parecem rasurar mais em momentos de segmentação na 2ª série e menos na 4ª série. Esses resultados dialogam com os de Capristano (2013), no qual 36,9% das rasuras ligadas à segmentação foram identificadas na 2ª série e somente 11,1% na 4ª

série. Todavia, ao refinarmos a análise, levando em consideração as variáveis *quantidade de texto* e *quantidade de palavra* e proceder à análise estatística, esses achados não foram mantidos, uma vez que, nas 1ª e 2ª séries, identificamos um número maior de rasuras, na 3ª série e 4ª série, uma diminuição que sinaliza uma transição, dada a redução de rasuras ligadas à segmentação. Esses resultados nos permitem pensar numa mudança na relação criança-linguagem em relação ao modo de segmentar, já que os conflitos explicitados pela rasura foram modificando-se ao longo das séries.

### 3.3 Hipersegmentações, hipossegmentações e escrita convencional: “caminhos possíveis”

Nesta seção, responderemos ao objetivo específico de *verificar se as duas possibilidades de segmentação expostas pela rasura ocorrem mais em direção às práticas letradas ou mais em direção às práticas orais*. Para responder a esse objetivo, em primeiro lugar, observamos os dois gestos sinalizados pela rasura, denominados de “primeiro gesto de escrita” (antes da rasura) e de “último gesto de escrita” (após o rasuramento), como descrito na sequência, por meio da análise da Figura 13:

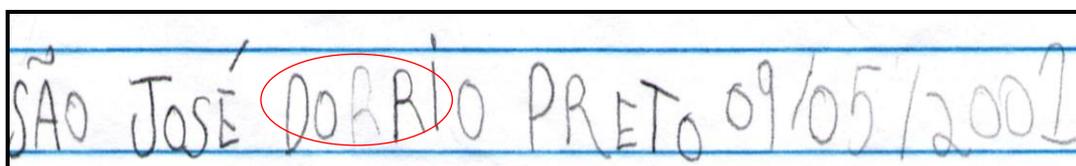


Figura 13: E27; P 03 (2001)<sup>30</sup>

Na figura 13, inicialmente, o primeiro gesto de escrita do escrevente foi “SÃO JOSÉ DOR[IO PRETO]” de modo hipossegmentado. Todavia, o escrevente retorna

<sup>30</sup>Leitura preferencial: *São José do Rio Preto 09/05/2001*.

sobre o material escrito, apaga o registro do grafema “R”, visível pelo “resíduo de escrita” deixado, registrando, como último gesto de escrita, “SÃO JOSÉ DO RIO PRETO” em consonância com a escrita convencional. Nesta seção, discutiremos os resultados obtidos por meio dessa análise, ou seja, desse olhar atento, com auxílio de uma lupa, para rasuras que permitam inferir o antes e o depois no tocante à segmentação gráfica.

Desse modo, em ocorrências como a da figura 13, consideramos que: (a) o primeiro gesto sinaliza a “opção” pela hipossegmentação de duas palavras da língua (“do” e “rio”), hipossegmentação gerada pela atuação das práticas orais em que está inserida a criança; e (b) o último gesto de escrita (após o rasuramento) sinaliza a “opção” pela separação das palavras “do” e “rio” (respeitando as convenções ortográficas), separação provavelmente gerada pela atuação das práticas letradas em que está inserida a criança. Além de casos como esse, em outras ocorrências, os gestos de escritas “caminharam” por diferentes trajetetos, como nos exemplos a seguir:

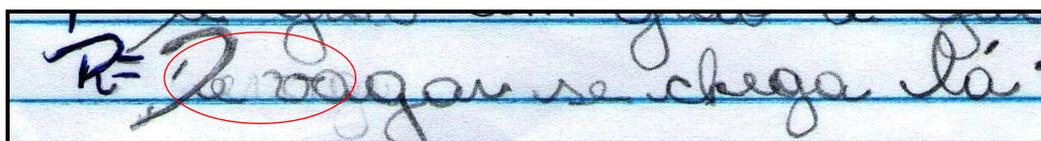


Figura 14: E58; P 43 (2004)<sup>31</sup>



Figura 15: E22;P 44 (2004)<sup>32</sup>

Na Figura 14, para registrar a palavra “devagar”, primeiramente o escrevente registra “Devagar”, consoante com as convenções ortográficas; posteriormente, recusa esse registro, apagando-o. O primeiro gesto de escrita pode ser identificado mediante

<sup>31</sup>Leitura preferencial: *Devagar se chega lá.*

<sup>32</sup>Leitura preferencial: *Está o preso.*

observação da marca deixada por meio de um apagamento mal sucedido. Após o apagamento, a palavra “devagar” é registrada de modo hipersegmentado, como “de vagar”. Na Figura 15, o escrevente registra “o preso”, consoante com as convenções ortográficas, opção que pode ser considerada em virtude do visível registro final do artigo “o” e do início da letra “p” (bem separada do registro do artigo). Por algum motivo, o escrevente retorna ao material escrito, inserindo um traço que visa à união entre as duas palavras (“o” e “preso”), produzindo, em seu último gesto, uma hipossegmentação.

Em outros casos, menos recorrentes, o escrevente registra o primeiro e o último gesto de escrita em consonância com as convenções ortográficas, como no exemplo apresentado a seguir:

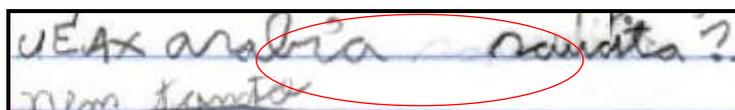


Figura 16: E28; P 21 (2002)<sup>33</sup>

Ao grafar “Arábia Saudita”, pode-se reconstruir a trilha de escrita do escrevente, que parece ter voltado sobre a sua escrita para registrar as duas palavras, “Arábia” e “Saudita”, mais separadas, como se fosse uma ratificação de que ali existem duas e não uma palavra. Numa outra perspectiva teórica, rasuras como essa poderiam ser excluídas, já que parece não haver mudança na direção da segmentação, uma vez que as palavras estavam e permaneceram separadas; porém, ocorrências como essas são consideradas neste estudo em virtude de, após a rasura, na nossa interpretação, não se tratar mais da mesma palavra, mas sim de “ela mesma, alterada por este *tropeço* do meio, do corpo ilimitado de alíngua” (AUTHIER-REVUZ, 2011. p. 662, *grifo nosso*), sinalizando uma possibilidade de o dizer ser outro.

<sup>33</sup> Leitura preferencial *Ué Arábia Saudita? Nem tanto*.

O procedimento de análise apresentado por meio dos exemplos anteriores foi realizado com as 364 rasuras em segmentação identificadas no *corpus*. Fizemos um levantamento quantitativo e, baseado nos números absolutos, calculamos os valores percentuais da relação total de rasuras encontradas, em cada série, relacionando esses dados com a quantidade de registros do que chamamos de “primeiro gesto” e “último gesto”, observando se recaiam em uma hipossegmentação, uma hipersegmentação ou um registro convencional. Os resultados da análise dos dois gestos foram sintetizados nas seções 3.3.1 “primeiro gesto” e 3.3.2 “último gesto”, que serão discutidos na sequência.

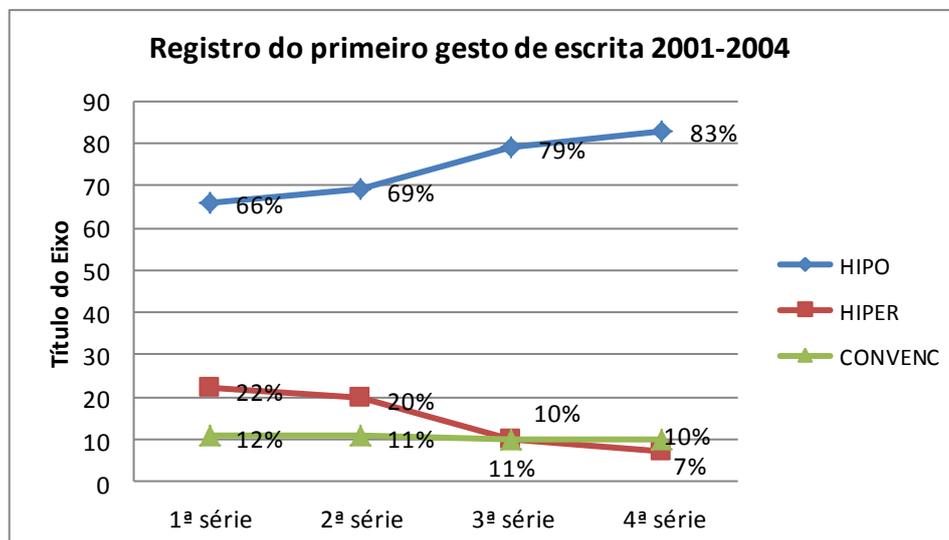
### 3.3.1 O primeiro gesto de escrita: hipossegmentado, hipersegmentado ou convencional

O primeiro gesto de escrita, em nosso estudo, corresponde à “decisão” inicial dos escreventes, ou seja, o registro identificado antes do rasuramento. Ao examinarmos as 364 rasuras em segmentação em relação às possibilidades de registro (hipossegmentado, hipersegmentado ou convencional), os resultados foram distribuídos ao longo das séries da seguinte maneira (cf. Tabela 4 e Gráfico 2):

**Tabela 4:** Categorização do primeiro gesto de escrita nas rasuras em segmentação, 2001-2004

Série	Primeiro gesto	Quantidade	%
1ª Série	Hipo	69	66%
	Hiper	23	22%
	Convenc.	12	12%
Total		104	100%
2ª Série	Hipo	82	69%
	Hiper	23	20%
	Convenc.	13	11%
Total		118	100%
3ª Série	Hipo	66	79%
	Hiper	08	10%
	Convenc.	09	11%
Total		83	100%

4ª Série	Hipo	49	83%
	Hiper	04	7%
	Convenc.	06	10%
Total		59	100%



**Gráfico 2**– Registro do “primeiro gesto”: hipo, hiper e escrita convencional.

Ao longo dos quatro anos pesquisados, o primeiro gesto do escrevente foi predominantemente o de hipossegmentar. Na primeira série, 66% (69) das rasuras começaram com esse gesto e esse percentual de ocorrência aumentou nos anos subsequentes, registrando-se 69% (82) na segunda série, 79% (66) na terceira série e, por fim, 83% (49) na quarta série. Também identificamos semelhança entre os percentuais obtidos nas duas primeiras séries (66% e 69%) em relação às séries finais (79% e 83%), o que, semelhante ao resultado descrito na seção anterior, nos permite inferir uma diferença no tocante à representação da segmentação de palavra entre as séries iniciais e finais.

Ferreiro e Pontecorvo (1996, p. 49), num estudo sobre segmentação presente em textos de crianças do Brasil, México, Uruguai e Itália, já destacaram que “a tendência à hipossegmentação parece dominar sobre a tendência à hipersegmentação, qualquer que seja a língua”. Em nosso estudo, também as rasuras em que o primeiro gesto é uma *hipossegmentação* foram mais recorrentes em todos os anos. Nessas ocorrências, o

escrevente une palavras que, convencionalmente, seriam delimitadas por espaços em branco, como nas seguintes ocorrências:

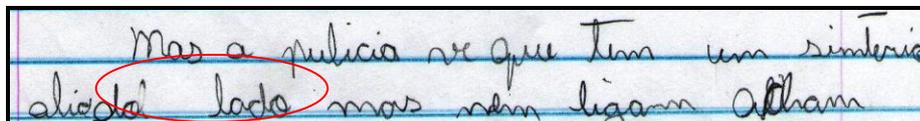


Figura 17: E70;P 50 (2004)<sup>34</sup>

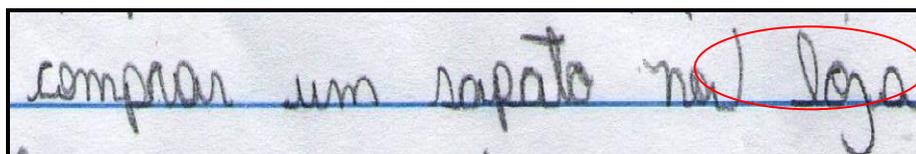


Figura 18: E76;P 54 (2004)<sup>35</sup>

Na figura 17, ao grafar “ali do lado”, o escrevente registra “dol[ado]”, hipossegmentado, fato que pode ser observado pela marca de apagamento da letra “l”. Após o apagamento, registra, em consonância com as convenções ortográficas, “do lado”. De modo semelhante, na Figura 18, o escrevente grafa “nal[oja]”, de forma hipossegmentada, fato que pode ser resgatado pelo traço que indicia a gênese de um “l”, posteriormente abandonado em função do registro convencional separado, “na loja”. Ambos os exemplos apontam um conflito gerado pelo não reconhecimento da autonomia gráfica das preposições “do” e “na”. O primeiro gesto sinaliza que essas estruturas podem ter sido interpretadas pelo escrevente como uma sílaba pretônica de uma palavra “**dolado**” e “**naloja**”.

Em pesquisa acerca das segmentações não-convencionais em textos de escreventes do quinto ao nono ano, Tenani (2010) observou que as hipossegmentações também foram mais recorrentes, envolvendo, principalmente, (a) a junção de um clítico com uma palavra fonológica, por exemplo, “meajuda”, em que a criança parece supor que o clítico “me” seja uma sílaba pretônica (exemplo da autora); ou (b) uma palavra

<sup>34</sup> Leitura preferencial: *Mas a policia ve que tem um cemiterio ali do lado mas nem ligam acham.*

<sup>35</sup> Leitura preferencial: *Comprar um sapato na loja.*

fonológica seguida de um clítico, como “pegalo”, em que a criança supõe que o clítico “lo” atuaria como uma sílaba postônica, ou seja, semelhante aos nossos achados.

Também são discutidos casos semelhantes em estudos acerca das segmentações não-convencionais de Chacon (2004, 2005), Serra, Tenani e Chacon (2006), Capristano (2007a, 2007b, 2013) e Tenani (2008), que analisam, no processo de aquisição da escrita, o vínculo de constituintes prosódicos com a delimitação de espaços em branco. Para esses autores, as hipossegmentações, prioritariamente, seriam marcas da percepção do escrevente sobre contornos prosódicos, que sinalizam a percepção de uma relação “unívoca entre aspectos prosódicos da fala e fatos de segmentação da escrita” (CAPRISTANO, 2007b, p. 124). Assim, o escrevente parece supor que características dos enunciados falados poderiam ser transferidas para os enunciados escritos sem alteração; por conseguinte, indício de que a imagem que o escrevente faz da (sua) escrita está plasmada na oralidade.

As rasuras em segmentação de palavra que, inicialmente, são grafadas de modo hipossegmentado, sinalizam, de forma predominante, momentos em que o escrevente parece reconhecer a possibilidade de um clítico representar a sílaba pretônica de uma palavra, vestígio da circulação do escrevente pela gênese da escrita (CORRÊA, 1997a, 2004), já que o gesto inicial de escrita (antes da rasura) é tomado como representação termo a termo da oralidade. Haveria, neste tipo de registro, um decalque dos dois modos de realização da linguagem verbal, o falado e o escrito.

Com menor incidência, o gesto de escrita inicial dos escreventes incide sobre uma *hipersegmentação*: na primeira série, essas ocorrências representam 22% (23) do total de rasuras, na segunda série, 20% (23), na terceira série, 10% (08) e, por fim, na quarta série, 7% (04). Desde a primeira série, ocorrências em que o primeiro registro de escrita é uma hipersegmentação são muito menores do que o registro anterior

(hipossegmentado) e, com o avanço dos anos de alfabetização (e, conseqüentemente, com a maior participação das crianças em práticas sociais institucionalizadas escolares e não escolares), esse percentual vai se reduzindo. O exemplo a seguir ilustra o comportamento desse tipo de ocorrência:



Figura 19: E35; P 10 (2001) <sup>36</sup>

Ao analisarmos a escrita de “decartaveis” (descartáveis), é possível identificar que o gesto inicial de escrita do escrevente havia gerado uma hipersegmentação “de” e “cartaveis”, o que leva a inferir que, a sílaba pretônica foi considerada como um clítico (TENANI, 2010). Chacon (2005, p. 83) destaca que algumas hipersegmentações sinalizam o trânsito do sujeito escrevente por práticas letradas, “principalmente em situações nas quais uma letra ou uma pequena sequência de letras tanto podem constituir uma parte de uma palavra quanto podem corresponder a uma palavra inteira”. Essa consideração pode ser observada em nosso estudo, uma vez que “de” pode ser empregado, pelo menos, de duas formas na língua: (a) como parte de uma palavra, “descartáveis”; (b) como uma palavra (preposição) “cheguei *de* Recife”<sup>37</sup>. O espaço não-previsto entre “de” e “cartaveis” incide tanto sobre o limite de uma sílaba, quanto sobre o reconhecimento da palavra “de” (preposição), fato já discutido por Capristano (2007b) sob a simultaneidade de fatores prosódicos (sílaba) e do código escrito institucionalizado (reconhecimento de palavras ou parte) nos caminhos trilhados pelo escrevente.

<sup>36</sup>Leitura preferencial: *Copos descartáveis*.

<sup>37</sup> As preposições, segundo Castilho (2010), denotam sentido prototípico de localização no espaço ou no tempo, que podem conviver com outros sentidos derivados por processos metafóricos. A preposição “de”, tradicionalmente, refere-se à origem, como em “Cheguei *de* Recife” ou em “Comprei um anel *de* ouro”. No primeiro exemplo, essa noção é mais clara, enquanto que, no segundo, é necessário inferir que o *ouro* é a origem do *anel*.

Em outra ocorrência, registrada na Figura 20, ao grafar “aconteceu”, o escrevente grafa “aconte ceu” e altera o registro para “aconteceu”.

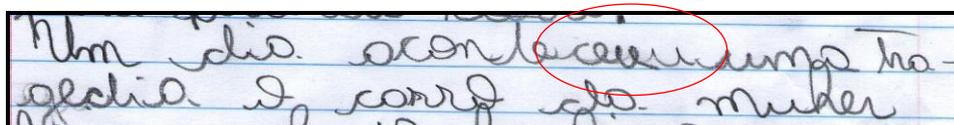


Figura 20: E65; P 51 (2004)<sup>38</sup>

Nesse tipo de ocorrência, o conflito parece ter sido gerado pelo reconhecimento de palavras no interior de outras (TENANI, 2011), já que o escrevente, ao hipersegmentar, pode ter reconhecido possíveis palavras da língua (*seu* ou, menos provavelmente, *céu*), por meio da aproximação ortográfica.

O menor número de hipersegmentações nos primeiros gestos de escrita indicados pelas rasuras, desde a primeira série, pode ter sido motivado pela vinculação, preferencial, das hipersegmentações com informações letradas: reconhecimento de palavras ou parte de palavras e/ou reconhecimento de restrições ou aproximações gráficas (entre a sílaba pretônica e um possível “clítico”). Rasuras como essas indicariam a circulação do escrevente pelo eixo do código escrito institucionalizado, ou seja, seu conflito/envolvimento com a visão escolarizada de escrita pura, dotada de características exclusivas (CORRÊA, 1997b, 2004).

Por último, de modo mais ou menos regular, ao longo das séries pesquisadas, o registro inicial foi convencional: na primeira série, 12% (12), na segunda série, 11% (13), na terceira série, 10% (09) e, na quarta série, 10% (06). Nessas ocorrências, conforme exemplo apresentado a seguir, o escrevente grafa “tinha” e “lá” e, após rasuramento, hipossegmenta, registrando “tinhala”:

<sup>38</sup> Leitura preferencial: *Um dia aconteceu uma tragédia o carro da mulher.*

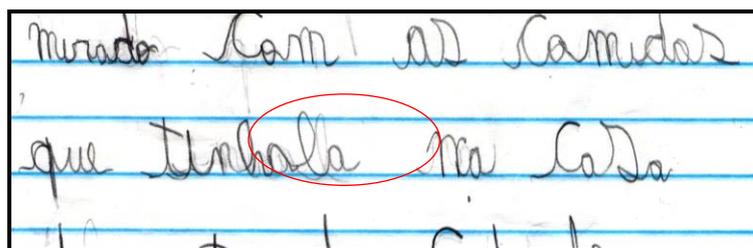


Figura 21: E14;P 5 (2001)<sup>39</sup>

Dentre as 40 ocorrências em que o primeiro gesto de escrita atendia à convenção, como na sequência “tinha lá”, 15 ocorrências (37,5%) tiveram algum tipo de participação de um verbo. Segundo Ferreiro e Pontecorvo (1996), os verbos são interpretados como palavras pela criança com certa facilidade. Explicação que, segundo as autoras, também pode ser atribuída aos substantivos e adjetivos. Em nosso estudo, os substantivos e adjetivos estiveram envolvidos em 12 (30%) ocorrências cujo primeiro gesto de escrita era convencional, ratificando as observações de Ferreiro e Pontecorvo (1996).

O reconhecimento de substantivos, adjetivos e verbos pode ter sido motivado pelo fato de essas palavras poderem ser semanticamente interpretadas, já que são palavras de conteúdo. Também para Abaurre e Silva (1993, p. 97): “Pode ser que, em muitos casos, essas crianças estejam ainda tentando recortar *a própria realidade*, buscando identificar, no espaço de um mundo factual, aspectos que possam merecer o estatuto de “entidades com existência autônoma”” (Id. Ibid., p. 12, grifos da autora), ou seja, as opções de segmentação da escrita propostas pelos escreventes, em momento inicial de aquisição da escrita, parecem coincidir com operações de recortes da realidade em termos específicos e factuais, e esse “reconhecimento” consequentemente, constituir-se como um fator importante em ocorrências em que o primeiro registro foi convencionalmente grafado.

---

<sup>39</sup>Leitura preferencial: *Admirado com as comidas que tinham lá*.

Em 9 (22,5%) das 40 ocorrências em que o primeiro gesto de escrita atendia à convenção incidiam sobre o registro de palavras homônimas, como por exemplo, em:

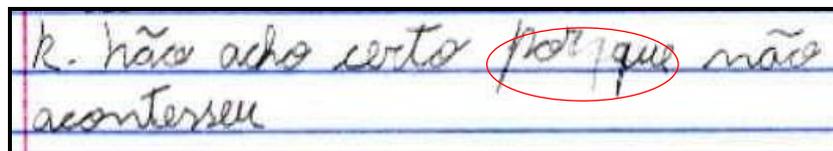


Figura 22: E32; P 21 (2002)<sup>40</sup>

Dessas 9 ocorrências, 8 referem-se ao emprego do “porque” e 1 da palavra “Bonfim”, palavras homófonas (porque/por que/porquê/por quê e Bonfim/bom fim), cuja instabilidade gráfica contribui para a instauração do conflito, já que podem ser registradas de diferentes formas, mantendo-se a semelhança fônica. Portanto, a instauração do conflito parece ser motivada, principalmente, pelas informações letradas, ou seja, pela percepção de que essas palavras podem ser registradas de modos diferentes.

Paranhos (2014) destaca a influência das palavras homônimas na ocorrência de segmentações não-convencionais em produções textuais de alunos do 5º ao 8º ano. A pesquisadora identificou 94 ocorrências de segmentações não-convencionais ligadas à homonímia, das quais 60,6% (57) geraram uma hipersegmentação. Nessas hipersegmentações, 51,1% (48) correspondiam ao registro hipersegmentado de “por que”. Segundo Paranhos (2014), hipersegmentações em que o escrevente se depara com um conflito gerado pela homonímia “resultam em representações gráficas de sequências em que há um clítico prosódico, que corresponde a palavras funcionais ou itens gramaticais”, como é o caso do “por” (preposição). Para a autora, essas hipersegmentações devem receber tratamento específico, dada a sua peculiaridade morfossintática e semântica.

---

<sup>40</sup>Leitura preferencial: *Não acho certo porque não aconteceu.*

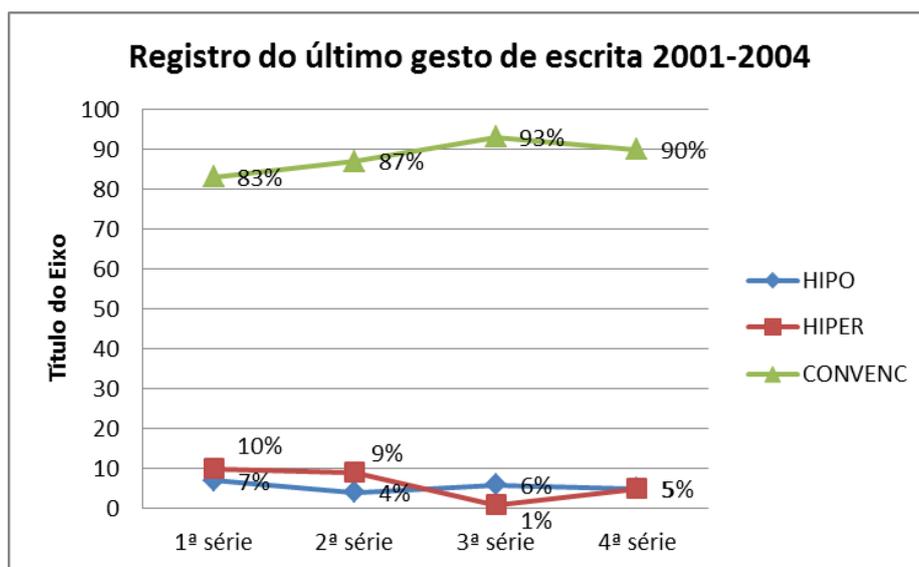
Em síntese, quando analisado o *primeiro gesto de escrita*, os escreventes na maioria das ocorrências registram de modo hipossegmentado. Essa tendência aumenta ao longo das séries, marcando a forte percepção de aspectos prosódicos e, portanto, a circulação do escrevente pelo eixo da gênese da escrita. Com menor incidência, o primeiro registro foi hipersegmentado ou convencional, ancorando-se, principalmente, em informações letradas como restrições ortográficas ou reconhecimento de palavras/parte de palavras no interior de outras, no caso da hipersegmentação ou influência das palavras, como os verbos, cujo recorte da realidade conduziria à percepção da autonomia gráfica dada a sua autonomia factual, portanto, a atuação de diferentes fatores da língua.

### 3.3.2 O último gesto de escrita: hipossegmentado, hipersegmentado ou convencional

Na sequência, analisamos quais caminhos preferenciais foram percorridos pelo escrevente para o seu último gesto de escrita. Ao analisarmos o último gesto de escrita, ou seja, após o rasuramento, o escrevente também poderia se conduzir ou ser conduzido para três diferentes direções: uma hipossegmentação, uma hipersegmentação ou, ainda, um registro convencional. Para verificarmos as direções tomadas pelos escreventes, quantificamos os dados considerados “último gesto”, semelhante à quantificação realizada para o “primeiro gesto” de escrita. Mediante a quantificação, chegamos aos seguintes resultados, expressos na Tabela 5 e no Gráfico 3:

**Tabela 5:** Categorização do último gesto de escrita nas rasuras em segmentação 2001-2004

Série	Último gesto	Quantidade	%
1ª Série	Hipo	07	7%
	Hiper	11	10%
	Convenc.	86	83%
Total		104	100%
2ª Série	Hipo	04	4%
	Hiper	11	9%
	Convenc.	103	87%
Total		118	100%
3ª Série	Hipo	05	6%
	Hiper	01	1%
	Convenc.	77	93%
Total		83	100%
4ª Série	Hipo	03	5%
	Hiper	03	5%
	Convenc.	53	90%
Total		59	100%



**Gráfico 3** – Registro do “último gesto”: hipo, hiper escrita convencional.

Na primeira série, cursada em 2001, observamos que, em 83% (86) das ocorrências, a escrita final correspondeu ao esperado pelas convenções ortográficas. Essa porcentagem, ao longo dos anos, foi aumentando, registrando-se, na segunda série, 87% (103 rasuras) e, na terceira série, 93% (77 rasuras). Na quarta-série, observamos um pequeno declínio: 90% (53) dos registros. Dentre as rasuras em que o último gesto é convencional, encontramos registros como os apresentados a seguir:

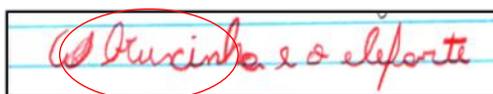


Figura 23: E25; P 15 (2002)<sup>41</sup>

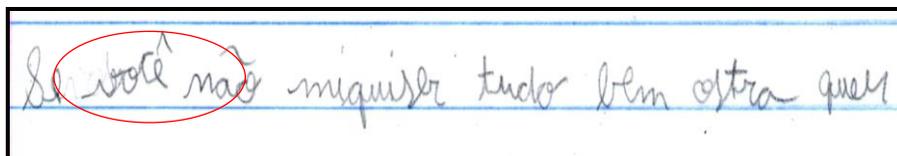


Figura 24: E33; P 16 (2002)<sup>42</sup>

Na figura 23, o rasuramento sinaliza uma primeira opção hipossegmentada “Abruxinha”; porém, no último gesto de escrita, o escrevente registra convencionalmente (“A bruxinha”), parecendo dar vazão à autonomia do artigo “a”, correspondente a um monossílabo não-acentuado (um clítico). Essa opção é índice da forte influência letrada sobre a representação da escrita da criança e da atuação do registro do código institucionalizado (CORRÊA, 2004).

Na figura 24, “Se você (...)”, de modo semelhante, o último gesto de escrita destaca a autonomia da conjunção “se”. Outro destaque pode ser identificado no registro da conjunção condicional “se” com “e”, pronunciada com “i”, a criança, novamente, coloca em relevo a forte influência letrada, fato não conferido à grafia de “miquiser”, no mesmo texto, ou seja, convivem fortes influências letrada e oral.

O fato de, indiferentemente da série pesquisada, o último gesto de escrita corresponder, na maioria das ocorrências, à escrita convencional pode ser interpretado como importante índice do processo de alfabetização, mas não exclusivamente dele, já que consideramos que, mesmo na primeira série, esses escreventes já se conduziam ou eram conduzidos ao “acerto” em mais de 80% das ocorrências, marcando forte influência das práticas letradas na constituição da escrita da criança.

<sup>41</sup> Leitura preferencial: *A bruxinha e o elefante*.

<sup>42</sup> Leitura preferencial: *Se você não me quiser, tudo bem outra que quer*.

Com menor incidência, o último gesto de escrita recaiu sobre uma hipersegmentação. Na primeira série, 10% (11) das ocorrências funcionaram assim. Esse percentual reduziu-se ao longo das duas séries posteriores: na segunda série, 9% (11) e, na terceira série, 1% (01). Na quarta série, observamos um pequeno aumento para 5% (03). Todavia, esse aumento ocorreu devido ao fato de duas das três ocorrências recaírem sobre a homonímia “porque”, fato interpretado como diferente, dada a sua instabilidade gráfica prevista na língua. Nas rasuras em que o último gesto é uma hipersegmentação, o escrevente insere espaços em branco em locais não previstos pela convenção, como no exemplo a seguir:

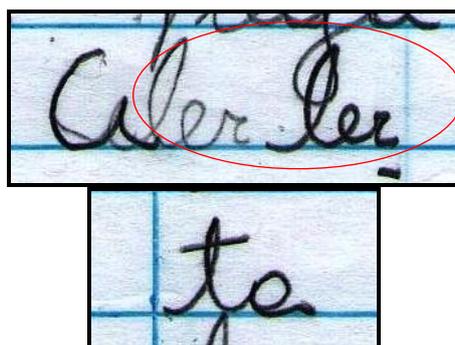


Figura 25: E01; P 27 (2002)<sup>43</sup>

No último gesto de escrita explicitado na figura 25, o escrevente insere um espaço em branco entre “a” e “lerta”, criando uma sequência que poderia corresponder a um clítico e a uma (pseudo) palavra (TENANI, 2011), o que permite inferir que nem sempre a circulação por práticas letradas conduz o escrevente ao acerto. Esse tipo de ocorrência pode sinalizar um reconhecimento de palavras no interior de outras, uma vez que “a”, na escrita e na língua, tanto pode ser sílaba pretônica de uma palavra (*alerta*), como uma palavra gramatical, por exemplo, em “*a casa*”; portanto, a sílaba isolada guarda relação homonímica com um clítico da língua.

<sup>43</sup> Leitura preferencial: *Alerta* (entre linhas)

Soma-se a isso o fato de “lerta” ser um dissílabo possível na língua. Abaurre (1991, p. 208) já havia explicitado o fato de as crianças parecerem privilegiar palavras dissílabas paroxítonas. Para essa autora, ocorrências como essa nos permitem inferir a hipótese de que “as crianças podem estar operando com algum tipo de forma canônica da palavra na língua, para cujo estabelecimento pode estar contribuindo a percepção que já têm da organização rítmica e prosódica dos enunciados”. No estudo de Cunha (2004), esse tipo de palavra é denominado pseudopalavra, uma vez que, embora não tenham significado conhecido na língua, em termos de estrutura são dotadas de acento primário e poderiam configurar-se como uma palavra.

A baixa incidência de último registro de escrita hipersegmentado pode ser explicada pela concorrência entre informações letradas na hipersegmentação e na escrita convencional, ou seja, além do conflito inicial entre as possibilidades ancoradas em práticas orais e em práticas letradas, o escrevente também se depara com um “novo” dilema em detrimento de o caminho inicial “práticas letradas” poder ser representado pelo menos de duas formas: escrita convencional ou escrita hipersegmentada. A primeira opção seria mais recorrente, por ser privilegiada pelas práticas letradas (escolares e não-escolares), o que pode contribuir para a percepção da convenção e consequente redução das hipersegmentações.

Por último, as rasuras em que o último gesto resulta em hipossegmentações correspondem, em 2001, a 7% (07 rasuras) das ocorrências, diminuindo nos anos subsequentes: 4% (04 rasuras) em 2002, 6% (05 rasuras) em 2003 e 5% (03 rasuras) em 2004. Nas rasuras em que o último gesto se configura como uma hipossegmentação, o escrevente deixa de inserir espaços nos locais em que a convenção o pressupõe, produzindo sequências como as apresentadas a seguir:

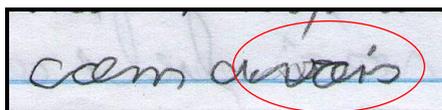


Figura 26: E04; P 40 (2003) <sup>44</sup>

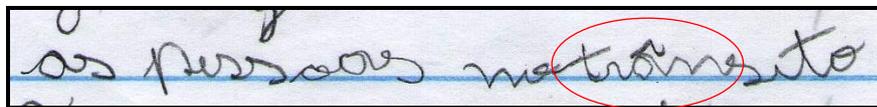


Figura 27: E57; P 40 (2003) <sup>45</sup>

Na tarefa de grafar ‘a voz’ e ‘no trânsito’, os escreventes registram em consonância com as convenções ortográficas; porém, o último registro sinaliza a “decisão” final pelo registro hipossegmentado: “avos” e “notrânsito”. Nessas ocorrências, os clíticos ‘a’ e ‘no’ parecem ser considerados sílabas pretônicas dos substantivos que os sucedem, uma vez que, ao registrar ‘avos’ e ‘notrânsito’, o escrevente parece ancorar-se em práticas orais em virtude da convergência com possíveis palavras prosódicas. Contudo, não somente práticas orais, uma vez que concorrem práticas letradas, por exemplo, na ocorrência hipossegmentada da homonímia “avos” (maternos, paternos).

Em síntese, quando analisado o *último gesto de escrita*, os escreventes, na maioria das ocorrências, registram de acordo com as convenções ortográficas. Essa tendência aumenta ao longo das séries, marcando a forte atuação das práticas letradas e, portanto, a circulação do escrevente pelo eixo da escrita institucionalizada. Com menor incidência, o último gesto de escrita foi hipossegmentado ou hipersegmentado. Em termos direcionais, o fato de a maioria das ocorrências dirigir-se rumo ao “acerto”, na perspectiva assumida neste estudo, sinaliza forte influência das práticas letradas sobre a relação sujeito/linguagem, ratificando, dentre outras coisas, a inexistência de um “grau zero de letramento” ou um “iletramento” (TFOUNI, 2010).

---

<sup>44</sup>Leitura preferencial: *com a voz*.

<sup>45</sup>Leitura preferencial: *as pessoas no trânsito*

Caberia ainda responder se os casos em que o último gesto de escrita não atende à convenção poderiam ser considerados oriundos exclusivamente da influência de práticas orais. Para tanto, analisamos as ocorrências nas quais o último registro de escrita não atendia à convenção. Os resultados dessa análise são apresentados na seção seguinte.

### 3.3.3 O último gesto de escrita: hipossegmentado e hipersegmentado

Dentre as 364 rasuras em segmentação identificadas, em apenas **45** ocorrências o último gesto não atendia à convenção, resultando em uma hipersegmentação (26) ou uma hipossegmentação (19). Para analisar essas ocorrências, recorreremos a estudos sobre segmentação não-convencional, como Abaurre (1991), Chacon (2005), Capristano (2007b, 2013), Tenani (2008, 2010, 2011) e Tenani e Paranhos (2011). Com base nesses estudos, nas hipersegmentações, consideramos que, por exemplo, em “a prenti”, de modo aparente, a sílaba inicial (V) pode ter sido interpretada pela criança como um monossílabo (nãoacentuado), um *clítico*, enquanto “prenti” poderia corresponder a uma *palavra prosódica*, já que dotada de acento primário e organização silábica (dissílabo) semelhante à de uma palavra prosódica, como explicitado nos estudos de Abaurre (1991). Com base nessas ponderações, ao analisarmos o último gesto de escrita hipersegmentado, obtivemos os seguintes resultados, expressos no Quadro 7:

**Quadro 7:** Distribuição das ocorrências em que o último gesto gera uma hipersegmentação (2001-2004)

ANO	Ocorrências de clítico + palavra prosódica	Ocorrências de palavra prosódica + clítico	Ocorrências de clítico + clítico	Ocorrências de palavra prosódica + palavra prosódica
2001	<b>A prenti</b> (aprendi)	<b>par a</b> suavó (para)	Por <b>o de</b> (por onde)	Aju <b>dana</b>
	<b>Ou vido</b> (ouvido)	<b>Esta va</b> <sup>46</sup> (estava)		
				<b>Mão dãodo</b> <sup>47</sup> (mandando)
				Sei pria <b>ajodo dono</b>
	Sempre <b>lhi pan</b> <sup>48</sup> do (sempre limpando)			
		Sempre <b>lhi pan do</b> (sempre limpando)		
2002	<b>A sin</b> (assim)		<b>Por que</b> (6 vezes)	<b>Para bez</b> (parabéns)
	<b>O bigado</b> (obrigado)			
	<b>en che</b> (encher) <sup>49</sup>			
	<b>A lerta</b> (alerta)			<b>Para quedas</b> (paraquedas)
2003	<b>A contece</b> (acontece)			
2004	<b>de vagar</b> (devagar)		<b>Por que</b> (2 vezes)	
TOTAL	09 (34,6%)	03 (11,6%)	09 <sup>50</sup> (34,6%)	05 (19,2%)

Fonte: Elaborado pela autora

Quando o último gesto de escrita não atendia às convenções e gerava uma hipersegmentação, os fatores envolvidos foram categorizados como a presença de: (a)

<sup>46</sup> Nessa ocorrência, parece que o escrevente interpretou o “va” como um monossílabo (não acentuado) que poderia corresponder a um clítico.

<sup>47</sup> O registro de “**mão** dando” parece ter interpretado como uma palavra, já que dotada de acento primário e organização silábica recorrente na língua.

<sup>48</sup> Nessa ocorrência, parece que o escrevente interpretou “pan” como uma palavra prosódica, uma vez que, apesar de ser apenas uma sílaba, se constitui como um local onde recai o acento primário.

<sup>49</sup> A sílaba “cher”, nessa ocorrência, foi interpretada como uma palavra prosódica, em virtude de, apesar de ser apenas uma sílaba, se constituir como um lugar onde recai o acento primário.

<sup>50</sup> Caso sejam desconsiderados os 8 registros da homonímia “porque”, na categoria clítico+clítico somente 01 (uma) ocorrência.

clítico + palavra prosódica; (b) palavra prosódica + clítico; (c) clítico + clítico; e (d) palavra prosódica + palavra prosódica. As categorias mais recorrentes nas rasuras em que o último gesto era hipersegmentado foram o envolvimento de *clítico + palavra prosódica* e a de *clítico + clítico*. As ocorrências envolvendo a sequência *clítico + palavra prosódica* foram identificadas 34,6% (09) ocorrências. Nessas, o escrevente parece interpretar a sílaba pretônica de uma palavra como um clítico, como no exemplo a seguir:

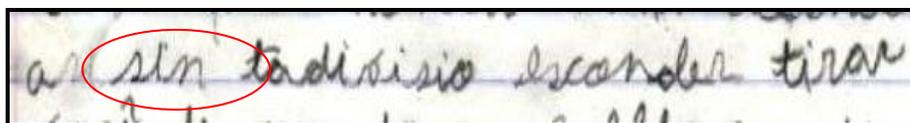


Figura 28: E39; P 16 (2002) <sup>51</sup>

O último gesto de escrita do escrevente foi o de separar “a” e “sim”. É possível interpretar que o escrevente atribuiu às sílabas “a” e “sim” estatuto autônomo: a primeira correspondendo a um monossílabo não-acentuado (um clítico) e à segunda à palavra “sim”, dotada de acento e de sentido. Todas as ocorrências reunidas nesse tipo têm funcionamento semelhante: o escrevente separa uma sílaba pretônica que parece ser interpretada como clítico das sílabas finais que parecem ganhar o estatuto de palavras ou pseudopalavras, já que dotadas de acento e estrutura silábica semelhante a uma palavra. Identificamos ocorrências semelhantes a essa ao longo de todas as séries, com maior incidência na primeira e na segunda.

Com a mesma incidência, as ocorrências envolvendo as categorias *clítico + clítico*, foram identificadas em 34,6% (9) das ocorrências. Contudo, das 9 ocorrências, 8 correspondem ao homonímia “porque” que, conforme discutimos, envolve a instabilidade gráfica da palavra, e, portanto, necessitaria de pesquisas mais específicas.

---

<sup>51</sup> Leitura preferencial:: *assim está difícil esconder tirar*.

A única ocorrência desta categoria que não envolvia a homonímia “porque” foi o registro de “onde”, grafado como “o de”. Nessa ocorrência, é possível destacar que o escrevente pode ter sido sensível à proximidade gráfica das sílabas separadas com monossílabos da língua que funcionam como palavras: “o” artigo definido, “de” preposição.

Na categoria *palavra prosódica + palavra prosódica*, identificamos 19,2% (5) de ocorrências cujas estruturas apresentam uma ou mais das seguintes peculiaridades: (a) ocorre rompimento de um trissílabo (*mandando*) ou de um polissílabo (*ajudando* e *paraquedas*); (b) as estruturas criadas pelo rompimento correspondem a palavras da língua ou pseudopalavras; e (c) ocorrem em momento de registro de sílabas complexas.

O rompimento de trissílabos e polissílabos pode ocorrer em função da sensibilidade dos sujeitos às características prosódicas (sílabas e pé) e também às características letradas (reconhecimento de palavras ou parte delas), como destacou Chacon (2005), em especial, a respeito dos trissílabos. Em nosso estudo, por exemplo, é possível exemplificar na ocorrência a seguir,

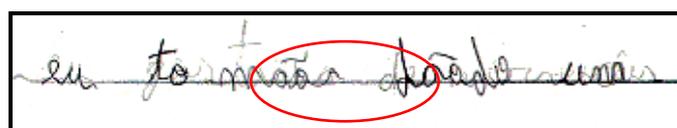


Figura 29: E37; P 14 (2001)<sup>52</sup>

Diante da necessidade de grafar “mandando”, o escrevente rompe o trissílabo, possivelmente sensível a características prosódicas: mão (sílabas), dãodo (pé). O escrevente pode, também, ter “reconhecido” características letradas (reconhecimento de palavras ou parte delas) (CHACON, 2005), já que, por exemplo, “mão” e “dãodo” podem corresponder a palavras da língua: “man/mão” e “dãodo/dando”. Essa mesma

---

<sup>52</sup>Leitura preferencial: *Eu estou mandando uma*

sensibilidade para características prosódicas (sílabas e pé) e letradas (reconhecimento de palavras ou parte delas) ocorre em rasuras como “para bez” e “para quedas”.

Em outras ocorrências, como “ajudando”, o que parece motivar o conflito é a necessidade de registro de sílabas complexas, como a coda nasal exigida para a formação do gerúndio em “ajudando”. A dificuldade de registro da coda nasal é reforçada também pela influência prosódica, já que o registro do gerúndio na variedade linguística da região da qual a criança é falante ocorre em sua forma reduzida (ndo → no). Vale ressaltar que ocorrências que envolvem partes que podem ser interpretadas como palavras prosódicas não foram identificadas nas séries finais (3ª e 4ª série), indiciando mudança no tipo de conflito em relação à constituição do conceito de palavra.

Já com menor recorrência, 11,6% (02) das ocorrências de hipersegmentação, no último gesto de escrita, envolveram a relação *palavra prosódica+clítico*. Esse tipo de ocorrência foi identificado somente na 1ª série: “par a” e “esta va”. Segundo Tenani (2010), nos casos de hipersegmentação, há uma tendência de a sílaba *pretônica* ser interpretada com um clítico e não a pós-tônica final, como em “esta **va**”. Uma hipótese para o caminho diferente trilhado nessa ocorrência é a de que a separação gera duas palavras da língua “esta” e “va” (verbo ir). Ainda mais raros são os casos em que a criança rompe a estrutura da sílaba, como em “par **a**”. Aqui, novamente, o rompimento pouco comum parece derivar do reconhecimento de palavras no interior de palavras: “par” e “a”, ambas presentes na língua.

Em síntese, as rasuras que geram uma hipersegmentação, semelhante às hipersegmentações em estudos sobre segmentação não-convencional (CHACON, 2005, CAPRISTANO, 2007b), podem ser interpretadas como resultado da circulação do escrevente por práticas letradas, especialmente, a circulação por informações relativas à

autonomia gráfica de preposições, artigos e conjunções, além do reconhecimento de palavras ou pseudopalavras. Nesse sentido, as rasuras que geram uma hipersegmentação são indícios da forte influência do letramento e do contato da criança com a escrita convencional, que a conduziria a tornar evidente (pela rasura) a presença do *não um, instaurada no um* (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Após a análise dos principais fatores envolvidos nas rasuras em segmentação cujo último gesto não atendia à convenção e gerava uma hipersegmentação, faltou levantar os principais fatores que estariam envolvidos nos momentos em que o último gesto era registrado *hipossegmentado*. Para tanto, semelhante ao realizado com o último gesto hipersegmentado, categorizamos as ocorrências considerando os seguintes arranjos: (a) clítico + palavra prosódica; (b) palavra prosódica + clítico; (c) clítico + clítico; (d) palavra prosódica + palavra prosódica; e (e) palavra prosódica + clítico + palavra prosódica:

**Quadro 8:** Distribuição das ocorrências em que o último gesto gera uma hipossegmentação (2001-2004)

ANO	Ocorrências de clítico+palavra prosódica	Ocorrências de palavra prosódica+clítico	Ocorrências de clítico+clítico	Ocorrências de palavra prosódica + palavra prosódica	Ocorrências de palavra prosódica + clítico+ palavra prosódica
1ª série 2001	Derepente Oconjunto	Estoucom		Iafazer Tinhala Jávai	Para <sup>53</sup> avozinha
2ª série 2002	Naporta Semter		Eocaramore u (e o cara morreu)	Sobrusa (sou bruxa)	
3ª série 2003	comavos (com a voz ) notransito	Professoraque	Ede um (e de um)		

<sup>53</sup> Outra possibilidade de análise dessa ocorrência pode ser ancorada na afirmação de Bisol (2005) a respeito da contração da preposição “para” em “pra” (sozinha ou acompanhada de outro clítico). Para a autora, a preposição contraída funcionaria, em PB, como um clítico. Considerando essa informação, a ocorrência “paraavozinha” poderia também ser analisada como a junção de **clítico + clítico + palavra prosódica**.

	<b>Pramim</b>				
4ª série 2004	<b>Opreso</b>	<b>Lana</b> rua		<b>Vate</b> (vai ter)	
<b>TOTAL</b>	8 (42,1%)	3 (15,8%)	2 (10,5%)	(26,3%)	1 (5,3%)

Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisarmos as ocorrências descritas no Quadro 8, notamos que as rasuras cujo último gesto envolvia um *clítico* + *palavra prosódica* foram mais recorrentes, já que identificamos 42,1% (8) de ocorrências. Nesses casos, o escrevente parece interpretar o monossílabo não-acentuado (artigo, preposição) como sílaba pretônica de uma palavra, resultando em ocorrências como “naporta”.

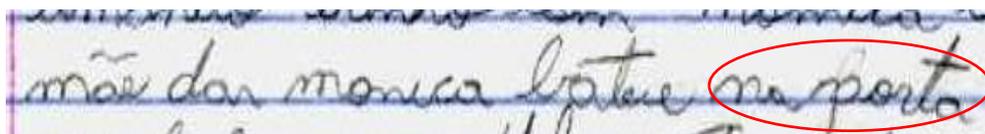


Figura 30: E43; P 22 (2002)<sup>54</sup>

Segundo Cunha (2010), em estudo comparativo entre o PB (português brasileiro) e PE (português europeu), no PB existe a tendência de as crianças unirem palavras gramaticais (clíticos) com a palavra fonológica a sua direita, por exemplo, “naporta”. Essa tendência é interpretada pela autora como evidência da hierarquização dos princípios rítmicos na escrita, uma vez que no PB há tendência para a posição proclítica, respeitando-se as fronteiras de palavras<sup>55</sup>.

As ocorrências que envolviam palavra prosódica + palavra prosódica abarcam 26,3% (5) dos dados identificados. Nessas situações, por exemplo, o escrevente parece

<sup>54</sup>Leitura preferencial: *Mae da Mônica bateu na porta*.

<sup>55</sup> Cunha (2010) traça uma análise comparativa demonstrando que segmentações não-convencionais encontradas em produções textuais de crianças brasileiras e portuguesas colocam em evidência a tendência de próclise no PB e a tendência à ênclise no PE. A autora supõe que, enquanto no PB o ritmo se constrói respeitando, em primeira instância, fronteiras de palavras, no PE, o pé troqueou é o princípio inicial, ou seja, há, segundo a autora, uma diferença em termos de hierarquização de princípios quanto ao ritmo dessas duas línguas.

ancorar-se em aspectos prosódicos, em virtude de as sequências, na maioria dos casos, envolverem duas palavras prosódicas ou uma palavra prosódica monossílaba e uma dissílaba, que parecem ser interpretadas como uma única palavra prosódica (trissílaba ou dissílaba). Essas características marcam forte influência das práticas orais, sem, contudo, invalidar as informações letradas, já que, ao “criar” novas palavras, essas atendem à estrutura prototípica de uma palavra da língua (ABAURRE, 1991, CHACON, 2005), em termos de acento e de organização silábica. Assim, por exemplo, na tarefa de grafar “já vai”, parece haver uma tentativa de representação de características prosódicas dos enunciados falados, transferidas para a escrita, por meio da ausência de espaços em branco, como no exemplo a seguir:

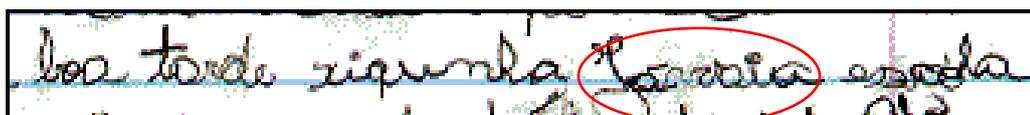


Figura 31: E18; P 13 (2001)<sup>56</sup>

A ancoragem em aspectos das práticas orais pode ser considerada indício da circulação pelo eixo da gênese da escrita, já que o escrevente parece lidar com a escrita como representação fiel da fala, considerando-as equivalentes (CHACON, 2004, 2005; CAPRISTANO, 2007a, 2007b; PAULA, 2007).

Em outras situações, menos frequentes, as rasuras relacionavam *palavra prosódica + clítico*. Identificamos apenas 03 ocorrências, equivalentes a 15,8% dos dados, como por exemplo, a ocorrência “lana”, para grafar “lá na rua”. Nessa ocorrência, o escrevente parece interpretar o clítico “na” como uma sílaba postônica da palavra “lá”, registrando o que poderia ser uma palavra dissílaba “lana”, que

---

<sup>56</sup>Leitura preferencial: *Boa tarde Xiquinha já vai [para] escola.*

corresponderia a um pé troqueu<sup>57</sup>, dada a relação de dominância forte (lá) e fraco (na). Assim como nos estudos de Cunha (2010), sobre segmentação não-convencional, em nosso estudo, rasuras em segmentação cujo último registro hipossegmentado reúne palavras gramaticais (clíticos) à palavras fonológicas a sua esquerda foi pouco comuns, possivelmente, por essa organização rítmica ser pouco produtiva em PB.

Foram identificadas duas ocorrências que envolveram *clítico + clítico*, equivalentes a 10,5% dos dados. O exemplo a seguir ilustra o funcionamento desses dados:

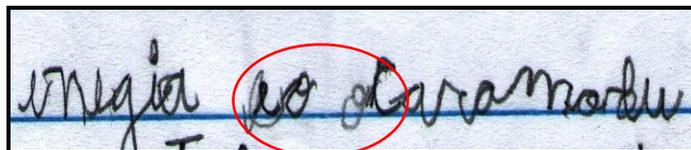


Figura 32: E30; P 29 (2002)<sup>58</sup>

Ao grafar “E o cara morreu”, a criança escreve de acordo com a convenção e, no último gesto, registra “eo caramorreu”, unindo dois clíticos que, morfologicamente, funcionam como duas palavras gramaticais (conjunção e artigo). Ocorrências de hipossegmentação entre duas palavras gramaticais (clíticos) são raras e, normalmente, ocorrem com o pronome “que” e com a conjunção “e”(CUNHA; MIRANDA, 2007). A rasura ligada à segmentação destacada na figura 32 segue essa tendência, dado o envolvimento da conjunção “e”. Uma explicação mais detalhada dessa ocorrência poderia levar em consideração que essa rasura ocorre em um trecho do texto no qual, aparentemente, se instaura um suspense: “A camionete bateu na ponte e ficou sem energia e o cara morreu”. Essa explicação não será feita aqui, em virtude dos objetivos propostos para este estudo.

<sup>57</sup> Segundo Nespôr e Vogel (1986), o pé métrico ( $\Sigma$ ) é uma estrutura hierárquica menor ou igual à palavra que se define pela relação de dominância que se estabelece entre duas ou mais sílabas. Pode ser, troqueu (forte/fraco), como, por exemplo, em *casa*, ou iambo (fraco/forte), como, por exemplo, em *café*.

<sup>58</sup> Leitura preferencial: *energia e o cara morreu*,

Por fim, uma única ocorrência foi registrada envolvendo *palavra prosódica + clítico + palavra prosódica*, equivalente a 5,3% dos dados. A rasura “paraavozinha” ocorreu no seguinte contexto: [Ele]φ [iafazer]φ [um bolo]φ [paraavozinha]φ. Aqui podemos supor que a criança entrou em conflito com as seguintes possibilidades de registro: (a) para a vizinha; (b) para a avozinha; (c) para avozinha. A opção (a) parece ser o registro desejado pela criança, já que é possível identificar o traçado do término da sílaba ‘ra’ da palavra “para” e, na sequência, também percebemos um espaçamento irregular entre o artigo “a” e o substantivo “vizinha” que, embora unidos, apresentam uma distância irregular (em relação ao restante do texto). Na escrita amalgamada, “paraavozinha”, o escrevente parece estabelecer limites gráficos ancorando-se em características prosódicas, neste caso, nos limites de uma frase fonológica.

Em resumo, neste estudo, quando analisadas as rasuras em que o *último gesto* não atende à escrita convencional e gera uma hipossegmentação, o escrevente, na maioria das vezes, parece considerar o clítico como sílaba pretônica, ancorando-se possivelmente no padrão rítmico do PB, de modo geral, proclítico (cf. CUNHA, 2010). Em segunda instância, o escrevente reúne *duas palavras prosódicas*, em que uma delas é um monossílabo ou dissílabo, representando-as como somente uma palavra prosódica, principalmente, na 1ª série. De modo menos recorrente o *último gesto* não atende à escrita convencional e gera uma hipossegmentação envolvendo a relação *palavra + clítico* e *clítico+ clítico* ou ainda mais raro *palavra prosódica + clítico + palavra prosódica*.

Os dados sintetizados nos Quadros 07 e 08 nos permitiram averiguar o que havia de diferente nos casos em que o “último gesto” não atendia à escrita convencional. Nessa averiguação, pudemos constatar que, nesses casos, a criança parece lidar, principalmente, com a possibilidade de um monossílabo ser parte de uma palavra,

formando vocábulos dissílabos ou trissílabos, ou ainda, de um monossílabo não-acentuado (clítico) corresponder a uma sílaba pretônica ou postônica.

Esses resultados indiciam forte influência das práticas letradas, mesmo nos momentos em que a criança parece apenas reproduzir, na escrita, a forma como ela fala, já que as palavras hipossegmentadas, de modo geral, são monossílabas ou dissílabas e o produto da junção são palavras trissílabas ou dissílabas, padrões recorrentes no português brasileiro. Essa constatação vai ao encontro de uma importante reflexão de Abaurre (1998): é ingênuo pensar que o escrevente representa sua escrita como uma simples transcrição da fala, já que outros fatores (como a incorporações de aspectos convencionais e de estruturas típicas da escrita) podem ser observados durante a aquisição da escrita.

Em síntese, rasuras em segmentação marcam um momento em que o escrevente está diante de um conflito e, para tentar saná-lo, o escrevente percorre diferentes caminhos. Na maioria das ocorrências identificadas em nosso estudo, esse conflito vai em direção ao denominado “convencional”, provavelmente devido às experiências letradas vividas pelo escrevente, experiências historicamente determinadas (TFOUNI, 2010). Contudo, não podemos compreender que, nos momentos em que o escrevente “erra” (hipersegmentando ou hipossegmentando), ele simplesmente “escreve como fala”, já que, mesmo quando o último gesto de escrita recai sobre uma segmentação não-convencional, também encontramos motivações letradas.

Por fim, ainda para responder ao objetivo de verificar se as duas possibilidades de segmentação expostas pela rasura ocorrem mais em direção às práticas letradas ou mais em direção às práticas orais, analisaremos os dois gestos de escrita (primeiro e último), buscando resgatar o trânsito que se estabelece entre essas práticas.

### 3.3.4 Primeiro e último gesto de escrita: trânsito entre práticas

Para proceder à análise dos dois gestos de escrita (antes e após a rasura), foram analisadas as 364 ocorrências de rasuras, visando a identificar possíveis tendências direcionais entre as práticas orais e letradas. Ancoramo-nos nas contribuições de Corrêa<sup>59</sup> (1997b, 2004) sobre os eixos de circulação do escrevente, que permitem compreender o modo heterogêneo de constituição da escrita. Corrêa (1997b, 2004), como adiantamos, recusa a dicotomia entre fala e escrita e defende que a presença do falado no escrito é resultado do encontro de práticas orais/faladas e letradas/escritas. Para tanto, analisa marcas da heterogeneidade da escrita, definidas nos três modos de circulação do escrevente pelo imaginário da escrita (eixo da gênese da escrita; eixo da escrita como código institucionalizado e eixo da dialogia), ou seja, três diferentes lugares que o escrevente ocupa em função de sua inserção em práticas sociais (orais e letradas).

Metodologicamente, Corrêa (1997b, 2004) identifica diferentes fatos linguísticos presentes nas redações dos vestibulandos que parecem vincular-se mais à circulação por um determinado eixo do que em outro. Dentre as diferentes características atestadas por esse autor, interessa-nos o olhar lançado para as hipossegmentações e as hipersegmentações. Em seu estudo, Corrêa (1997b, p. 230) considera que, por um lado, “é o critério fonético que determina a hipo-segmentação e, por meio dela, a indicição de um momento de circulação do escrevente pelo que imagina ser a gênese da escrita”. Por outro, a hipersegmentação pode ser considerada o “procedimento mais esperado quando se toma como modelo o procedimento da segmentalização aprendido a partir da escrita” (CORRÊA, 1997b, p. 331). Resta-nos dizer que Corrêa (1997b) reconhece a possibilidade de essa tendência não se manter em todos os casos.

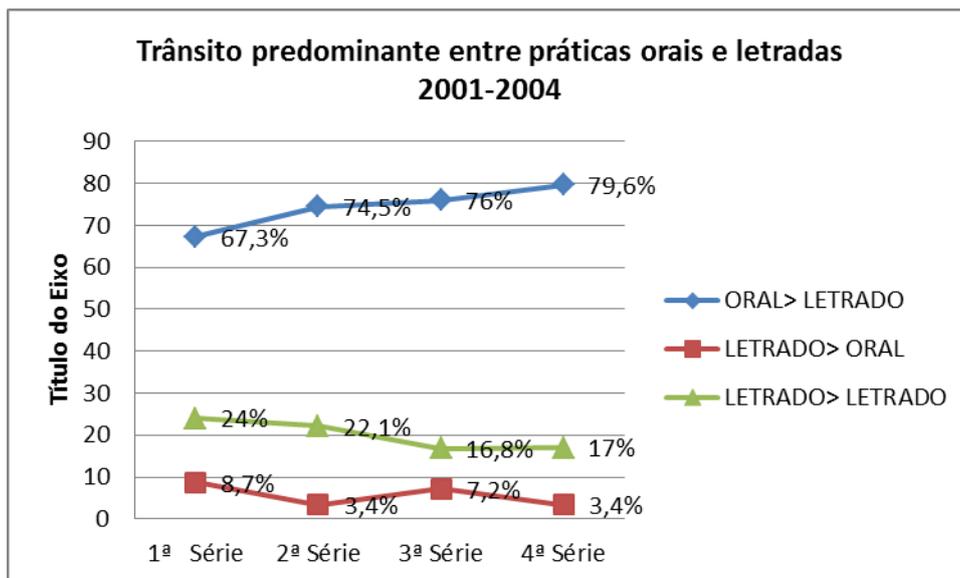
---

<sup>59</sup> No Capítulo I, especificamente, na seção 1.3 “Modos de olhar para os fatos da fala e da escrita”, os estudos de Corrêa (1997b, 2004) foram explicitados.

Em outros estudos específicos sobre as segmentações não-convencionais, autores como Chacon (2004, 2005), Capristano (2007a, 2007b) e Paula (2007), também ancorados na proposta de Corrêa (2004), concordam que as hipossegmentações, em termos de predominância, marcam influências das práticas orais, portanto, a circulação dos escreventes pelo eixo da gênese da escrita. As hipersegmentações, também em termos de predominância, sinalizariam influências das práticas letradas, que corresponderiam à circulação do escrevente pelo eixo do código escrito institucionalizado.

Desse modo, tal como os estudos anteriormente mencionados, Chacon (2004, 2005), Capristano (2007a, 2007b) e Paula (2007), analisamos os dois gestos de escrita, antes e após a rasura, considerando que (a) o registro inicial ou final *hipossegmentado* sinalizaria, em termos de predominância, a influências das práticas orais; (b) o registro inicial ou final *hipersegmentado* sinalizaria, também em termos de predominância, a influência de práticas letradas; e, por último, (c) o registro inicial ou final convencional, em termos de predominância, sinalizaria igualmente, a influência das práticas letradas. Assim, com base nesses pressupostos, buscamos verificar se, quando o escrevente rasura em momento de segmentação, podemos detectar tendências direcionais das rasuras, ou seja, se elas ocorrem em direção às práticas orais e/ou em direção às práticas letradas.

Observando o conjunto de rasuras identificadas no *corpus*, olhando para a direção tomada pela criança na comparação entre o que chamamos de “primeiro gesto” e de “último gesto”, é possível observar os resultados expostos no Gráfico 4:



**Gráfico 04** – Tendências na direção das rasuras (práticas letradas e práticas orais)

Ao longo dos quatro anos pesquisados, os trajetos predominantes foram distribuídos da seguinte forma:

(a) o caminho que sinalizava influências das práticas orais para as práticas letradas (oral > letrado) foi o mais recorrente em todas as séries analisadas, aumentando ao longo dos anos, já que, na 1ª série, o percentual de rasuras que trilhavam essa trajetória era de 67,3% (70), atingindo, na 4ª série, 79,6% (47);

(b) o trajeto letrado > oral foi o de menor incidência, registrando-se, na 1ª série, 8,7% (09), na 2ª série, 3,4% (04), na 3ª série, 7,2% (06) e, na 4ª série, 3,4% (02); e, por último;

(c) o caminho letrado > letrado foi mais recorrente na primeira série, no qual identificamos um percentual de 24% (25), percentual que se reduz na segunda série para 22,1% (26), atingindo, posteriormente, na terceira série, um índice de 16,8% (14) e, na quarta série, de 17% (10).

Para exemplificar esses resultados, apresentamos ocorrências retiradas do *corpus* da presente pesquisa que ilustram cada um desses funcionamentos.

Nas figuras 33 e 34, o primeiro gesto de escrita ancora-se em práticas orais e, após o rasuramento (apagamento, inserção, escrita sobreposta ou outro gesto análogo), os escreventes registram ancorando-se em práticas letradas:

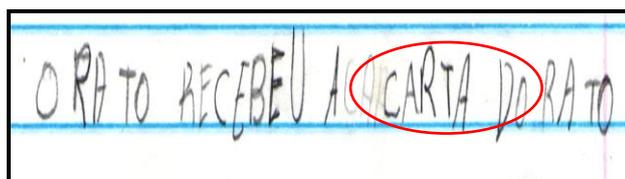


Figura 33: E29; P5 (2001) <sup>60</sup>

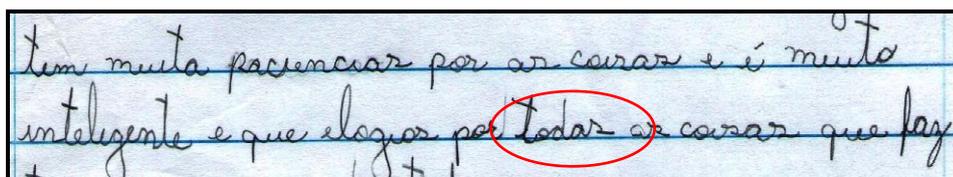


Figura 34: E26; P 30 (2003) <sup>61</sup>

Os escreventes, ao grafarem “a carta” (Figura 33) e “por todas” (Figura 34), inicialmente, parecem atribuir ao artigo “a” e à preposição “por” o caráter de sílaba pretônica das palavras “carta” e “todas”. Esse tipo de ocorrência tem sido interpretado como calcado em práticas orais, já que, em geral, no fluxo da fala, pronunciamos “acarta” e “portodas”, sem interrupção. Após o apagamento, os escreventes parecem lidar com a autonomia gráfica do artigo e da preposição, inserindo espaços em branco de forma convencional.

Nem todas as rasuras que transitam entre oral > letrado funcionam da mesma maneira que as exemplificadas pelas Figuras 33 e 34. Em alguns casos, a preocupação

<sup>60</sup> Leitura preferencial: *O rato recebeu a carta do rato.*

<sup>61</sup> Leitura preferencial: *tem muita paciência pelas coisas e é muito inteligente e quer elogios por todas as coisas que faz.*

com a segmentação vem associada a outros fatos linguísticos, como é o caso do exemplo abaixo:

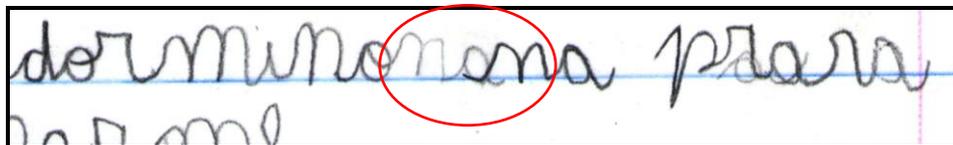


Figura 35: E7; P17 (2002)<sup>62</sup>

Nesse exemplo, o escrevente registra o título da canção “Dormindo na praça”, em que o primeiro gesto de escrita ancora-se em práticas orais: ele parece tentar reproduzir, graficamente, o fluxo da fala “dormino[na] praça”. No primeiro gesto indiciado pela rasura, percebemos a junção entre um item lexical, o verbo “dormir” (conjugado no gerúndio), e um clítico (a preposição “na”). Já no último gesto “dormino na” ancora-se em práticas letradas, uma vez que a delimitação de espaços em branco leva em consideração a possibilidade da autonomia gráfica do clítico “na”.

Esses dois gestos (antes e depois da rasura) são, no entanto, atravessados também pela variante linguística na qual o registro do gerúndio ocorre em sua forma reduzida (ndo → no), fato que também corrobora como influência prosódica oriunda de práticas orais, ou seja, diferentes fatores prosódicos e letrados influenciam os trajetos percorridos pelos escreventes.

Outro trajeto observado neste estudo foi entre o letrado > oral. Nas figuras 36 e 37, o primeiro gesto de escrita, oposto ao anterior, ancora-se em informações advindas das diferentes práticas letradas e, após o rasuramento, o último gesto respalda-se em práticas orais:



Figura 36: E 18; P 1 (2001)<sup>63</sup>

<sup>62</sup>Leitura preferencial: *dormindo na praça*.

<sup>63</sup>Leitura preferencial: *3ª ai mãe estou com dor de ouvido*.

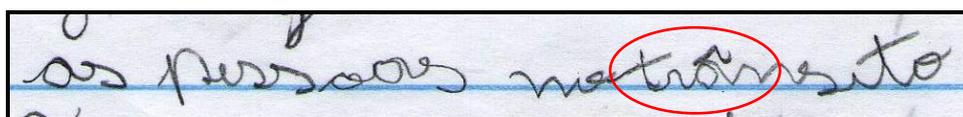


Figura 37: E 57; P 40 (2003)<sup>64</sup>

Na figura 36, o escrevente precisa grafar “estou com dor”. Em seu primeiro gesto, registra “estou com” de acordo com as convenções ortográficas, separando o item lexical “estou” da preposição “com”, ancorando-se, em práticas letradas. Todavia, o escrevente rasura, registrando “estoucom”. O último registro pode ter sido motivado pelo conflito do escrevente com o clítico “com”: uma sílaba de uma palavra ou um elemento independente, autônomo?

Nesse contexto, o registro da preposição “com” impõe barreiras ao escrevente, já que, do ponto de vista morfossintático, a preposição “com” é dotada de sentido, pois é uma palavra gramatical, mas, do ponto de vista fonológico, é uma forma dependente, um clítico. Quando crianças brasileiras têm dificuldade de reconhecer clíticos fonológicos como palavras que devem ser delimitadas por brancos na escrita, elas, de modo geral, como já mencionamos em momentos anteriores, unem os clíticos à palavra fonológica que os sucede. Entretanto, na ocorrência “estoucom”, (Cf. Fig. 36) a criança subverte essa tendência geral, unindo “com” à palavra que antecede “estoucom”, possivelmente, interpelada pelo fato de a palavra que sucede a preposição “com” ser o tema central do texto: a “dor”. Ou seja, nossa hipótese é a de que a escolha pela união de *estou* e *com* (pouco comum em produções textuais de crianças brasileiras) pode sinalizar uma forte influência da temática da produção textual na definição sobre como segmentar.

De modo semelhante, na Figura 37, o escrevente registra “no trânsito”,

---

<sup>64</sup>Leitura preferencial: *as pessoas no trânsito*.

separando o clítico “no” da palavra prosódica “trânsito”. Nessa rasura, como na anterior, parecem ecoar, nesse primeiro gesto, as experiências letradas do escrevente que instauram o conflito entre duas palavras gráficas. No entanto, na sequência, o escrevente acrescenta um traço de inserção, objetivando unir as duas palavras, formando “notrânsito”. O último gesto parece supor a escrita como representação de sequências faladas, já que o clítico ganha estatuto de sílaba inicial da palavra “tran.si.to”.

Por fim, também foram encontradas ocorrências em que o escrevente parece transitar de práticas letradas para práticas letradas. Neste trajeto, parece-nos que os escreventes, no primeiro e no último gesto de escrita, estão em conflito com informações letradas, como nos exemplos a seguir.

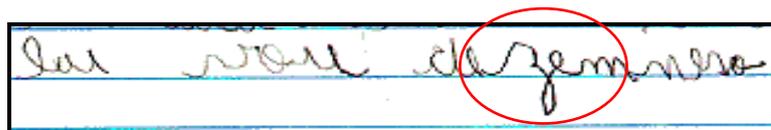


Figura 38: E 35; P 4 (2001)<sup>65</sup>

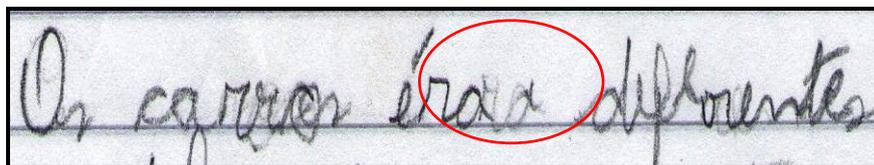


Figura 39: E 56; P 37 (2003)<sup>66</sup>

Nas figuras 38 e 39, os escreventes precisam grafar as palavras “dezembro” e “era”, respectivamente. No primeiro gesto indiciado pela rasura, os escreventes grafam essas palavras de forma hipersegmentada (“de zembro” e “é ra”) e, no último gesto, após o apagamento, registram de acordo com o esperado pelas convenções ortográficas.

Ambos os caminhos se devem a conhecimentos oriundos das práticas letradas com as quais o escrevente convive. A hipersegmentação poderia ser considerada, por

<sup>65</sup> Leitura preferencial: *eu vou dezembro*.

<sup>66</sup> Leitura preferencial: *os carros eram diferentes*

leitores incautos, um índice de “desconhecimento”; entretanto, na perspectiva assumida neste estudo, essas hipersegmentações permitem observar que os escreventes, ao grafarem “de zembro” e “é ra”, parecem conferir à sílaba inicial desses dois vocábulos o estatuto de palavras (a preposição “de” e o verbo ser, conjugado como “é”). Ou seja, o escrevente parece lidar com a possibilidade de autonomia desses elementos, o que o motiva a propor o espaçamento não-convencional.

Em outras ocorrências, as rasuras em segmentação tiveram um fator a mais, o final da linha (cf. Figura 40), fazendo com que o escrevente, devido à ausência ou não de espaço, rasurasse em momento de segmentação, como no exemplo a seguir:

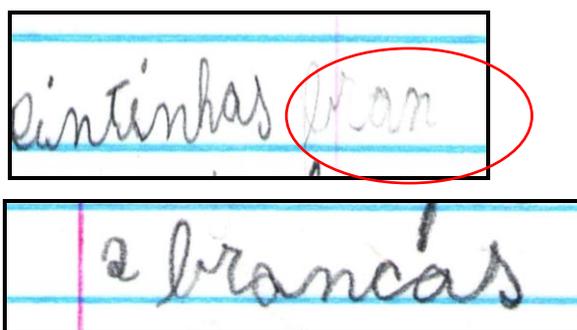


Figura 40: E 5; P 08 (2001)<sup>67</sup>

O escrevente grafa “branc” e, dada à impossibilidade de continuar o registro da palavra “brancas” na mesma linha, apaga e grafa essa palavra na linha seguinte. Ocorrências como essa sinalizam certa preocupação com a delimitação de espaços em branco, ou seja, indício de uma circulação que parte das práticas letradas em direção, também, às práticas letradas, já que concorrem informações sobre a necessidade de respeitar a margem, oriunda das práticas letradas, e uma tentativa de ratificar que se trata apenas de uma palavra, índice da circulação pelo eixo da imagem do código institucionalizado (CORRÊA, 1997b, 2004). Em todo o *corpus*, foram encontradas 11 ocorrências deste tipo (envolvendo margem), que representam 3% das ocorrências de

<sup>67</sup>Leitura preferencial: *pintinhas brancas* (final de linha).

rasuras em segmentação.

Em síntese, ao longo das séries pesquisadas, quando diante do conflito sobre como delimitar os espaços em branco, os escreventes ancoraram-se em diferentes aspectos de suas experiências em práticas orais e letradas, não havendo entre elas hierarquia ou sequência rigorosa e ordenada, mas, sim, entrelaçamento (CHACON, 2005), como sistematizado na figura a seguir.

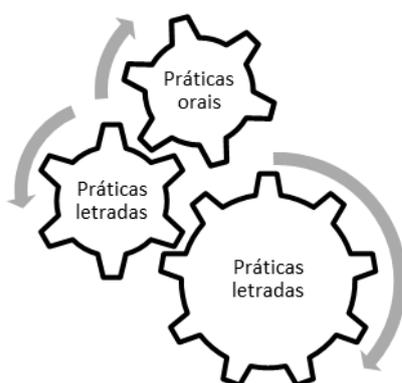


Figura 41: esquema multidirecional dos entrelaçamentos oral/escrito

Os resultados expressos nesta pesquisa permitem inferir que rasuras em segmentação sinalizam o trânsito preferencial do escrevente por práticas orais > letradas, indiferentemente da série pesquisada. Em nosso estudo, o reconhecimento da influência letrada, na escrita, desde as séries iniciais, vai ao encontro da concepção heterogênea da escrita, definida por Corrêa (1997b), apontando não ser a escrita, mesmo em seus passos iniciais, uma mera transposição do falado, mas sempre fruto do trânsito por práticas sociais, historicamente construídas.

Ao olharmos essa diversidade de possibilidades de “caminhos” ou “trajetos” também ratificamos a concepção de aquisição da escrita assumida neste estudo, ou seja, a não-homogeneidade do processo de aquisição da escrita (CAPRISTANO, 2007b), uma vez que esse processo envolve diferentes sujeitos, com diferentes experiências em diferentes práticas sociais, sendo o sujeito afetado de modo particular e singular por essas práticas.

As rasuras ligadas à segmentação ficam como pistas dos conflitos vividos pelos escreventes, como pegadas dos caminhos percorridos por eles para entender o que é uma palavra, do ponto de vista gráfico. Por isso, funcionam, neste estudo, como índice que possibilita ao pesquisador resgatar indícios de um “sujeito negociando com *outros* (*outros modos de segmentar, outros significantes...*) que o constituem” (CAPRISTANO, 2013, p. 685-686, grifos da autora), permitindo ao pesquisador recuperar parte dos caminhos percorridos pelos escreventes, já que pensar em recuperação total seria uma ilusão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos capítulos desta dissertação, visamos a responder ao objetivo geral desta pesquisa de apresentar e descrever possíveis fatores que concorrem para a emergência de rasuras ligadas à segmentação, em produções textuais elaboradas por crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental I, ao longo de quatro anos, verificando tendências (quantitativas e/ou qualitativas) para o aparecimento dessas rasuras no decurso da aquisição da escrita infantil. Para cumprirmos com esse objetivo mais geral, nosso primeiro objetivo específico foi examinar se existiam diferenças na quantidade de rasuras ao longo das séries pesquisadas, considerando as variáveis ano, quantidade de texto e quantidade de palavra.

Em resposta a esse objetivo, identificamos 364 rasuras ligadas à segmentação, distribuídas nas 1.699 produções textuais. Em termos de séries, com base na análise dos dados gerais, a 2ª série foi o momento com maior incidência de rasuras em segmentação e a 4ª série o momento de menor número de conflitos explicitados pela rasura. Acreditamos que essa mudança (quantidade de rasuras em segmentação da 2ª e da 4ª série) deve ser fruto do processo de alfabetização, mas, principalmente, da maior inserção da criança em práticas sociais de uso da linguagem que conduziriam a mudanças na representação da escrita.

Ao realizarmos a análise considerando a *quantidade de textos*, a 4ª série manteve seu *status* de momento no qual ocorre a diminuição dos conflitos de segmentação explicitados pela rasura. Por um lado, considerando a *quantidade de palavras*, inicialmente constatamos que havia diferença significativa entre a 1ª e a 2ª série quando comparadas com as demais séries. Por outro lado, não havia diferença estatisticamente significativa quando consideradas a 3ª e 4ª séries.

Esse resultado nos levou a analisar as séries em blocos, ou seja, agrupando as séries (1ª e 2ª em relação à 3ª e 4ª série). Nessa análise, identificamos diferença significativa na quantidade de rasuras, o que, em conjunto com a análise anterior, nos permite concluir que as duas primeiras séries podem ser consideradas período de maior conflito no tocante à segmentação. A 3ª série parece ser um período de transição, já que, nessa série, há uma mudança relevante no número de conflitos explicitados pela rasura em relação às séries anteriores. Por fim, a 4ª série apresenta-se como um período de considerável estabilização, já que os conflitos tendem a desaparecer nessa série.

Já em relação ao nosso objetivo específico de *verificar se as duas possibilidades de segmentação expostas pela rasura ocorrem mais em direção às práticas letradas ou mais em direção às práticas orais*, identificamos que os conflitos em relação à segmentação gráfica no primeiro gesto de escrita ocorriam mais *entre palavras*, portanto, envolvendo **hipossegmentações**, sinalizando forte influência da organização prosódica da linguagem na imagem que o escrevente faz da (sua) escrita; portanto, uma forte circulação do escrevente pelo eixo da gênese da escrita, proposto por Corrêa (2004). Outro destaque pode ser dado ao fato de que, na maioria das vezes em que esses escreventes hipossegmentam, o conflito se deu entre um clítico e uma palavra prosódica.

Ainda respondendo a esse objetivo, verificamos que, embora a hipossegmentação seja o caminho inicial “preferencial”, a **escrita convencional**, de modo diferente, é o caminho final mais recorrente. Esse achado mantém-se indiferentemente da série pesquisada. Portanto, esse resultado é um forte indício da atuação das práticas letradas (escolarizadas ou não) sobre a representação da escrita, concepção que converge com a inexistência de um grau zero de letramento, uma vez que, de modo direto ou indireto, os escreventes são de um algum modo afetados pela

escrita.

Já em relação às particularidades das ocorrências cujo *último registro não atendia à convenção*, pudemos perceber, por um lado, que, nos casos *hipersegmentados* na 1ª série, os conflitos entre duas palavras prosódicas (resultantes da existência de palavras no interior de outras) e de sílabas interpretadas como clítics foram mais recorrentes. Todavia, no decorrer das séries, o primeiro tipo (duas palavras prosódicas) deixou de ser explicitado pela rasura, enquanto o segundo permaneceu até a última série pesquisada. Por outro lado, nos casos *hipossegmentados*, em termos de predominância, o conflito ocorreu de modo mais recorrente entre *clítico + palavra prosódica* (clítics interpretados como sílaba pretônica da palavra prosódica).

Em relação ao trânsito pelas práticas letradas e orais, identificamos que o caminho preferencial, nas 364 rasuras examinadas, foi, de fato, o trajeto oral > letrado, em todas as séries, o que nos permite destacar que os conflitos vivenciados pela criança instauram-se sob a influência das práticas orais e tendem a resolver-se sob a influência das práticas letradas.

Portanto, em termos gerais, analisando as rasuras em segmentação e os caminhos “renegados” e “escolhidos”, ao longo das quatro séries analisadas, inferimos que as crianças aprendem a segmentar de acordo com o previsto nas convenções ortográficas guiando-se por suas práticas orais e letradas, havendo, preferencialmente, no primeiro registro, forte influência prosódica (oral) e, no último registro, forte influência ortográfica (letrada). Nesse processo, a criança parece dividir-se entre possibilidades de registro da língua, “tropeçando” em lugares sob os quais reside uma penumbra, como os monossílabos (acentuados ou não) que parecem, em alguns momentos, estar em dois lugares: ora como sílabas pretônicas ou postônicas, ora como monossílabos, delimitados

por espaços em branco, ou seja, pontos nos quais “aflora a linguagem, a consistência e a resistência da língua no centro do dizer” (AUTHIER-REVUZ, 2011, p. 658).

A criança parece, assim, tal como preconiza Lemos (1999), lidar com pontos nebulosos do nosso sistema linguístico, pontos esses que, como adultos alfabetizados, não enxergamos mais.

É possível dizer que as rasuras em segmentação dão relevo ao trânsito do escrevente por práticas sociais letradas e orais, sinalizando conflitos entre possibilidades “abertas” pela língua e que, por algum motivo, ganham saliência para o escrevente (CAPRISTANO, 2013). Ao longo do processo de escolarização, esses conflitos materializados pela rasura tendem a diminuir; entretanto, nunca cessam, já que estão fundados na própria natureza heterogênea da escrita (CORRÊA, 2004).

Acreditamos que as reflexões feitas nesta dissertação, vinculada à linha de pesquisa de Ensino-Aprendizagem de Línguas, podem contribuir para uma melhor compreensão do processo de aprendizagem da escrita, por apresentarem esclarecimentos sobre conflitos com os quais as crianças se deparam para “aprender” o que se define, graficamente, como palavra na nossa língua.

Essas reflexões somam-se às demais pesquisas que se propõem a reconhecer a heterogeneidade da escrita, abrindo espaço para um diferente olhar sobre as escritas propostas pelos alunos em sala de aula. Também contribui para a desmistificação do caráter de sujeira atribuído à rasura, uma vez que as discussões impetradas nesta dissertação corroboram a tese de que as rasuras indicam conflitos do escrevente com a língua.

Por fim, acreditamos que essas reflexões deveriam somar-se às pesquisas na área da Educação, a fim de contribuir para o processo de alfabetização, tão carente de discussões sobre a complexidade da língua. Um trabalho conjunto entre as áreas de

Letras/Linguística e Pedagogia, por um lado, daria condições aos profissionais da Pedagogia compreenderem e quiçá alterarem a forma como analisam os textos de seus alunos, percebendo, assim, como a relação sujeito e linguagem é complexa e como inúmeros fatores atuam na representação da escrita. Por outro lado, o contato entre pedagogos e linguistas permitiria, aos linguistas, uma reflexão maior sobre as bases teóricas do processo de ensino-aprendizagem e das práticas de alfabetização efetivamente levadas a efeito nas salas de aula brasileiras. Tal conhecimento possibilitaria melhor compreensão a respeito das práticas de letramento institucionalizadas na e pela escola e investigações mais produtivas sobre o efeito dessas práticas para a aquisição da escrita.

A presente pesquisa também abre espaço para outras que objetivem considerar a rasura e seu poder investigativo, uma vez que, ao olharmos para algo praticamente esquecido, conseguimos tecer considerações sobre os conflitos no tocante à segmentação. Também conduz a outras pesquisas que poderiam impetrar esforços em buscar possibilidades explicativas para, por exemplo, as relações entre rasuras em segmentação com o domínio de diferentes capacidades linguísticas exigidas pelos diferentes gêneros textuais no tocante à segmentação, variável reconhecida neste estudo, mas não analisada em função dos objetivos e do *corpus*. Outra possibilidade é empreender esforços no sentido de analisar se os conflitos envolvendo palavras permanecem ou não ao longo das etapas subsequentes do ensino, como o Ensino Fundamental II, o Ensino Médio e o Ensino Superior. Se, de fato, permanecem, quais seriam as particularidades desses conflitos e o que faz com que eles permaneçam?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M. Hipóteses iniciais de escrita: evidências da percepção, por pré-escolares, de unidades rítmico/entonacionais na fala. In: Encontro nacional da Anpoll, 4., 1989, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPOLL, 1989. p. 751-764.

\_\_\_\_\_. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. **Boletim da Abralín**, v. 11, p. 203-217, 1991.

\_\_\_\_\_. Índícios das primeiras operações de reelaboração nos textos infantis. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 1, p. 367-372, 1994.

\_\_\_\_\_. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. In: CASTRO, M. F. P. (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 111-178.

\_\_\_\_\_. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, M. A. (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. Campinas: Pontes, 1998. p. 135-142.

\_\_\_\_\_. SILVA, A. O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita. **Temas em psicologia**. São Paulo, v.1, p. 89-102, 1993.

ABAURRE et. al. **Leitura e escrita na vida e na escola**. Leitura: teoria e prática. 4. ed n. 6, . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a utilização de um paradigma indiciário na análise de episódios de refacção textual. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, v. 25, p. 5-23, 1995a.

\_\_\_\_\_. O Caráter singular das operações de refacção nos textos representativos do início da aquisição escrita. **Anais do Seminário do Gel**, Ribeirão Preto, v. 1 p. 76-83, 1995b.

\_\_\_\_\_. **Cenas de aquisição da escrita**: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de letras, 1997.

\_\_\_\_\_. Investigando a singularidade dos sujeitos no processo de aquisição da escrita. **Educação em Revista**, n. 31, 2000. p. 135-151.

ALMEIDA, M. S. R. O. **Refacção como ação pedagógica**: o olhar do outro sobre o texto orienta a refacção? 2001. 160 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ANDRE, M. E. D. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, n.45, p. 66-70, 1983.

\_\_\_\_\_. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 35-45.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não coincidências do dizer. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

\_\_\_\_\_. Paradas sobre as palavras: a língua em prova na enunciação e na escrita. **Educação e Realidade**, v. 36, n. 3, p. 651-679, 2011.

AZUAGA, L. Morfologia. In: FARIA I. H. et. al. (Org.). **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

BELLEMIM-NOEL. Reproduzir o manuscrito, apresentar os rascunhos, estabelecer o prototexto, **Manuscrita**, n. 4, p. 127-161, 1993.

BIASI P. M. O Horizonte genético. In: ZULLAR, R. **Criação em processo**: ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 219-244.

\_\_\_\_\_. **A genética dos textos**. Tradução Marie-Helene Passos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BISOL, L. Mattoso Câmara e a Palavra Prosódica. **Revista Delta**. v. 20, p. 59-70, 2004. Edição Especial.

\_\_\_\_\_. O clítico e o seu hospedeiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.40, n. 3, 2005, p. 163-184.

BORGES, C. L. C. **A criança e suas reescritas escolares**: as estruturas com determinantes. 2007. 203 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. Campinas: Scipione, 2002.

CALIL, E. A topologia do sujeito na rasura. **Revista Veredas**, v. 7, p. 83-92, 1997.

\_\_\_\_\_. A criança e a rasura na prática de textualização de história inventada. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 13-21, 1998.

\_\_\_\_\_. História inventada: relações entre (im)previsível e rasura. **Manuscrita**, v. 8, p. 209-220, 1999.

- \_\_\_\_\_. **Autoria:** a criança e a escrita de histórias inventadas. Londrina: Eduel, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Trilhas da Escrita:** autoria leitura e ensino. São Paulo: Cortez Editora, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Escutar o invisível:** escritura e poesia na sala de aula. São Paulo: UNESP, 2008.
- \_\_\_\_\_. Rasuras orais em Madrasta e as duas irmãs: processo de escritura de uma díade recém-alfabetizada. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 3, p. 589-602, 2012.
- CALIL, E.; FELIPETO, S. C. Rasuras e operações metalinguísticas: problematizações e avanços teóricos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 39, p. 95-110, 2000.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Entre o oral e o escrito: as posições de sujeito nas rasuras. **Letras Hoje**, v. 36, n. 125, p. 347-353, 2001.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. A singularidade do erro ortográfico nas manifestações d'alíngua. **Estilos de Clínica**, v. 13, n. 25, p. 118-137, 2008.
- CAMARA JR., M. **Princípios da linguística geral**. 4.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- CAPRISTANO, C. C. Segmentação na escrita infantil. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. 2007. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007b.
- \_\_\_\_\_. Notas sobre o papel das reelaborações no processo de aquisição da escrita: vínculos entre práticas letradas e orais. In: III Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita, 2010, Belo Horizonte. **Anais do III Colóquio Internacional sobre letramento e cultura escrita**, 2010a.
- \_\_\_\_\_. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. **Cadernos de Educação**, v. 35, p. 171-193, 2010b.
- \_\_\_\_\_. Um entre outros: a emergência da rasura n o processo de aquisição da escrita. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 13, n. 3, p. 667-694, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Rastros de uma escrita em construção**, 2014, prelo.
- \_\_\_\_\_. CHACON, L. Relações metafóricas e metonímicas: notas sobre a “aquisição” da noção de palavra. In: TFOUNI, L. V.; TONETO, D. J. (Org.) **O (In)esperado de Jakobson**. Campinas: Mercado de Letras, 2014 (prelo).
- CASTILHO, A. T. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v.39, p. 223-232, 2004.

\_\_\_\_\_. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. **Estudos Linguísticos XXXIV**, p. 77-86, 2005.

\_\_\_\_\_. Para além de vínculos diretos entre características fonético-segmentais e ortográficas na escrita infantil. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, p. 215-230, 2008.

\_\_\_\_\_. Concepções de "palavra" em escolas de educação infantil. **Scripta**, v. 13, n. 24, 2009. p. 173-186.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

CORRÊA, M. L. G. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. **Cadernos da F.C.C**, v. 6, n. 2, 1997a. p. 165-186.

\_\_\_\_\_. O modo heterogêneo de constituição da escrita. (1997) 422 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997b.

\_\_\_\_\_. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Português. In: SIGNORINI, I (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.

\_\_\_\_\_. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade da escrita: novidade da adequação e a experiência do acontecimento. **Filologia linguística portuguesa**. n. 8 , p. 269-286, 2006a.

\_\_\_\_\_. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, v. 45, n. 2, p. 205-224, 2006b.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade da escrita no ensino: das modalidades às relações intergenéricas. In: PEREIRA, L.A.; CARDOSO, I. (Org.). **Reflexão sobre a escrita**. O ensino de diferentes gêneros de textos. 1. ed. Editora da Universidade de Aveiro-PT, 2013. p. 67-91.

CUNHA, A. P. N. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita**: um estudo sobre a influência prosódica. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

\_\_\_\_\_. **As segmentações não-convencionais da escrita inicial**: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

\_\_\_\_\_; MIRANDA, A. R. M. A influência da hierarquia prosódica em hipossegmentações da escrita de crianças de séries iniciais. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. n. 1, p. 1-19, 2007. Edição especial.

DUARTE, C. **Uma análise de procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário**. 1998. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004, p. 81-108.

FELIPETO, C.; CALIL, E. Sobre os mecanismos lingüísticos subjacentes ao gesto de rasurar. **Revista do GELNE (UFC)**, v. 9, 2007. p. 147-159.

FELIPETO, S. **Rasura e Equívoco no processo de escritura em sala de aula**. Londrina: EDUEL, 2008a.

\_\_\_\_\_. Sobre os mecanismos lingüísticos subjacentes ao gesto de rasurar. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 50, n. 1, p. 91-101, 2008b.

FERREIRO, E.; PONTECORVO, C. Os limites entre as palavras. A segmentação em palavras gráficas. In: FERREIRO et.al. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever**. São Paulo: Ática, 1996. p. 38-66.

FIAD, R.; BARROS, O papel da intercalação na reescrita. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 3, n. 1, p. 9-23, 2003.

\_\_\_\_\_. Indices de la présence de l'auteur dans des textes écrits par des enfants: marques de meta-énonciation. In: Boré, Catherine; Calil, Eduardo. (Org.). **L'école, l'écriture et la création**. 1.ed. Paris: Ed. Bruylant-Academia, v. 1, p. 251-268, 2013.

GINZBURG, C. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, H.; SEBEOK, T. A. **O signo de três**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

\_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GNERRE, M. B. A.; CAGLIARI, L. C. Textos espontâneos na 1ª série (evidências da utilização, pela criança, de sua percepção fonética da fala para representar e segmentar a escrita). **Cadernos Cedes**, n. 14. São Paulo: Cortez, 1985.

GOZZO, V. M. Crítica genética e educação - transposições de resultados de estudos da crítica genética para o ensino de redação. **Manuscrita**, n. 9, p. 177-192, 2001.

JESUS, C. A. **Reescrita: para além da higienização**. 1995. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

KOCH, I. V. **O Texto e a construção dos sentidos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

LEMONS, C. T. G. Em busca de uma alternativa à noção de desenvolvimento na interpretação do processo de aquisição da linguagem: parte II. **Relatório FAPESP**, Campinas, 1999.

LOPEZ, T. P. A. Textos, etapas, variantes: itinerário da escritura. **Revista Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 31, p. 147-159, 1990.

MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (Re)escrevendo: momentos iniciais. In: ABAURRE et. al. **Cenas de aquisição da escrita**: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 53-59.

MEAD, G. H. **The philosophy of the act**. Chigado, Charles Morris, 1938.

MENEGASSI, R. J.; FUZA, A. Revisão e reescrita de textos a partir do gênero textual conto infantil. **Diálogo das Letras**, v. 1, p. 41-56, 2012.

MEYER, P. L. **Probabilidade**: aplicações à estatística. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PAULA, I. F. V. **Movimentos na escrita inicial de crianças**: um estudo longitudinal de hipersegmentações. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

PARANHOS, F. A ortografia de palavras em textos de alunos do ensino fundamental II: as hipo e hipersegmentações. **Revista Gel**, 2014, prelo.

POSSATI, J. F. **A reescrita dialógica**. 2013. 206 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

QUARTAROLLA, A. A. **Relatório de pesquisa**. CNPq, 2004, Inédito.

ROJO, R. **Os significados de letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 1995.

SALLES, C. **Gestos inacabados**, São Paulo: FAPESP: Annablume, 2001.

SERRA, M. P. **Segmentação das palavras**: prosódia e convenções ortográficas na reelaboração da escrita infantil. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

\_\_\_\_\_; TENANI, L.; CHACON, L. Reelaboração da segmentação: um olhar para a escrita infantil. **Estudos Linguísticos XXXV**, p.1247-1254, 2006.

SILVA, A. **Alfabetização**: a escrita espontânea. São Paulo: Contexto: 1994.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press. 1989.

SUASSUNA, L. Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, 2008.

TENANI, L. E.; PARANHOS, F. Análise prosódica de Segmentações não-convencionais de palavras em textos do sexto ano do ensino fundamental. **Filologia linguística**, v. 2, n. 13(2), p. 477-504, 2011.

TENANI, L. E. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. **Letras de Hoje**, v. 39, n. 3, p. 243-254, 2004.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a relação entre os constituintes prosódicos e a ortografia. **Revista de Estudos Linguísticos**, v. 16, n. 1, p. 231-245, 2008.

\_\_\_\_\_. A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. **Cadernos de Educação**, v. 35, p. 247-269, 2010.

\_\_\_\_\_. A segmentação não-convencional de palavras em textos do ciclo II do ensino fundamental. **Revista Abralín**, v. 10, n.2, p. 91-119, 2011.

TFOUNI, L. Perspectivas históricas e a-históricas do letramento. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 26, 1994, pp 49-62.

\_\_\_\_\_. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.

VITA, E. M. S. **O Sujeito, o Outro e suas relações com o texto na revisão de textos escolares**. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ZULAR, R. **Criação em processo: ensaios da crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.